

XAWARA
RASTROS
DA COVID-19
NA TERRA
INDÍGENA
YANOMAMI
E A OMISSÃO
DO ESTADO

REDE PRÓ-YANOMAMI
E YE'KWANA



XAWARA RASTROS DA COVID-19 NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI E A OMISSÃO DO ESTADO

ORGANIZAÇÃO

Ana Maria Machado, Bruno Weis, Daniel Jabra,
Dário Vitório Kopenawa Yanomami, Majoi Fávero
Gongora, Marília Garcia Senlle, Maurício Tomé
Rocha e Moreno Saraiva Martins

1ª EDIÇÃO, SÃO PAULO, 2020
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

HEI XAWARA A WAI KAKII,
THĒ WAI KOHIPĒ KAKURE,
GARIMPEIRO PĒN† AVIÃO PĒ
ITHOMA† XIWĀRIPRU YAROHE!
††† GARIMPEIRO PĒN† XAWARA
A KĀE WAI WAROKEMAHE
[...]. KAMI YAMI YAMAK†
KUOTI TĒHĒ, HAPA YAMAK†
XAWARAMONIMI. HEI TĒHĒ,
††† THĒPĒN† XAWARA WAI A
WAROKIHEN†, A KOMI PRAUKUA
MAHIRAYOMA. YAMAK† KOMI
HOXIMAPRARIOMA. YAMAK† ŪXI
TOTIHI MII! HEI TĒHĒ YAMAK†
KOMI XAWARAPĒRAYOMA,
††† THĒ MAYŌ YAI KUO NOO,
AVIÃO PĒ WAROHO MAHI
ITHOU YARO, ††† THĒ MAYŌ
KUPRARIOMA. YAMAK† URIHIPĒ
XAWARAPĒRAYOMA.

**Essa doença está muito potente,
por causa dos garimpeiros que sempre
pousam com seus aviões. Eles chegaram
com essa doença forte [...]. Quando
estávamos só nós, não adoecíamos assim.
Hoje em dia, pelo fato dessas pessoas
terem chegado com essa doença forte,
ela se espalhou por tudo, todos nós nos
deterioramos. Por dentro, não estamos
bem. Todos estamos adoecidos.
Assim ficou o rastro, já que muitos
aviões pousam ali. Assim ficou o rastro.
Nossa floresta adoeceu.**

SUMÁRIO

PARTE 1

- 05 Fora Garimpo, Fora Covid e Desintrusão Já!
- 07 Um panorama da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami
- 17 A pandemia de Covid-19 entre os povos Yanomami e Ye'kwana: uma nova expressão de antigas desigualdades
- 22 A responsabilidade do Estado brasileiro sobre os impactos da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami
- 25 Yanomami: os mortos “desaparecidos” da pandemia

- 31 **CRONOLOGIA DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA**

PARTE 2

- 66 Estratégias e resistências dos Yanomami e Ye'kwana face à Covid-19
- 70 “Eu não quero voltar sozinha, sem o corpo do meu filho”: o drama das mulheres sanõma
- 73 Casa de Saúde Indígena: um dos epicentros da contaminação
- 78 “Não era pra gente estar morrendo disso” MARAUIÁ
- 83 Garimpo, malária e Covid-19: uma combinação desastrosa URARICOERA
- 90 “A pandemia está controlada”: missão interministerial em Auaris, Waikás e Surucucus
- 95 “Quando estávamos só nós, não adoecemos assim” KAYANAU

- 101 Lista de siglas
- 102 Referências
- 104 Créditos das imagens
- 105 Ficha técnica

FORA GARIMPO, FORA COVID E DESINTRUSÃO JÁ!

FÓRUM DE LIDERANÇAS YANOMAMI E YE'KWANA

Nós convivemos com vários problemas antigos aqui na Terra Indígena Yanomami, como os invasores que prejudicam a vida do nosso povo. São mais de 30 anos de garimpo ilegal! Vivemos o massacre do Haximu, mortes, assassinatos e ameaças constantes a nossos parentes, doenças e a destruição de nossa floresta. Esses problemas são antigos e continuam.

Os garimpeiros estão cada vez mais dentro do nosso território. É uma perturbação muito grande. Esses invasores ameaçam nossas famílias, nossa floresta, os animais, a biodiversidade, poluem o ar e contaminam nossos rios. Na década de 1990, depois de muita luta, conseguimos a homologação da Terra Indígena Yanomami e a retirada dos garimpeiros ilegais. Foram conquistas muito grandes, muito importantes. Depois disso, a população cresceu bastante e já somos mais de 26 mil Yanomami e Ye'kwana em nosso território no Brasil.

Mas hoje a nossa terra está invadida por 20 mil garimpeiros! Eles estão levando a Covid-19 e contaminando nossas comunidades. Neste ano assassinaram dois Yanomami! Vivemos de novo uma grande invasão garimpeira e, com ela, chegam as epidemias, como aconteceu no passado. É o garimpo ilegal que está levando essa nova *xawara* para dentro da floresta. Cada vez mais a Covid-19 está nos infectando, vemos muita gente adoecendo com sintomas de coronavírus. Mas não só! Os invasores também levaram a malária, muita malária! Em todo território, as comunidades estão infectadas, até mesmo onde ela já tinha desaparecido. O garimpo anda junto com a *xawara* e esta é a nossa grande preocupação: a Covid-19 e a malária estão atacando as pessoas. É por causa disso que estamos morrendo. Se continuar assim, a nossa população vai diminuir. Isso é muito sério!

A saúde dos povos Yanomami e Ye'kwana não está bem, não está nada bem! Estão faltando profissionais de saúde, falta medicação

e os nossos parentes estão morrendo de malária e de Covid-19. Nossas crianças estão tremendo por causa da malária e não param de crescer os casos de coronavírus. O Governo não mostra os dados sobre a saúde dos nossos povos, já pedimos muitas vezes! Mesmo assim, nós estamos acompanhando tudo e denunciando o que estamos vivendo. Nossas lideranças tradicionais estão muito preocupadas, muito tristes. Vemos que a *xawara* está aumentando em todas as comunidades e isso não era para estar acontecendo!

Nosso povo tem o direito de viver em paz e em boa saúde em nossa própria casa, na floresta. Os brancos não podem destruir nossa casa, senão tudo isso não vai terminar bem. Cuidamos da floresta para todos, não só para nós mesmos. Esta *xawara* Covid-19 é um tipo de vingança do nosso planeta Terra, é um alerta para a sociedade não-indígena que não está cuidando dele. A Terra está pedindo socorro. Foi isso que os xamãs falaram: a mãe Terra está brava e doente, ela está pedindo aos não-indígenas que parem de destruir o planeta.

Nós não fomos atrás dessa pandemia que mata as pessoas. A *xawara* chegou em nosso território, porque as autoridades não impediram a entrada daqueles que destroem a nossa floresta. O Governo brasileiro não está respeitando as populações, indígenas e não-indígenas. Não está cumprindo com a sua responsabilidade de proteger os territórios demarcados. Não existe saúde de qualidade para nós, povos indígenas. O Estado tem responsabilidade, mas não cumpre com o seu dever. A floresta está sendo destruída, os rios estão poluídos e estamos morrendo cada vez mais. Esses são os rastros das omissões do Estado!

Para lutar contra tudo isso, nós, lideranças da Terra Indígena Yanomami, nos juntamos e criamos o Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana. Estamos cobrando a retirada dos milhares de garimpeiros ilegais, já fomos até Brasília, mas até hoje estamos sem

resposta. O que ouvimos muito são as falas dos políticos estimulando a destruição da floresta e a exploração ilegal de ouro nas Terras Indígenas, aumentando as violências contra nós. Já faz muito tempo que fazemos denúncias aos órgãos públicos, às autoridades, mas continuamos a ver a floresta sendo invadida.

As pessoas do Brasil e do mundo precisam enxergar isso! Hoje, o Governo Federal não tem nenhuma ação voltada à garantia dos direitos indígenas, não tem nenhum plano, só vemos a destruição de nossos direitos. Temos que denunciar a omissão do Estado! Assim nasceu essa campanha [#ForaGarimpoForaCovid](#). Queremos chamar a atenção das pessoas, da sociedade não-indígena, para pressionar as autoridades a retirar os invasores e tomar medidas que protejam os povos indígenas e o meio ambiente.

Essa foi a nossa estratégia: fazer uma campanha nacional e internacional para mostrar ao mundo inteiro essa ameaça à vida dos povos indígenas no Brasil, especificamente, dos Yanomami e Ye'kwana. Queremos que todos apoiem a nossa luta e percebam que o atual Governo não respeita os direitos dos povos originários. Precisamos cobrar das autoridades a desintrusão imediata da Terra Indígena Yanomami, com a retirada de todos os garimpeiros ilegais, a fiscalização de nossos territórios e o cuidado à nossa saúde para que a gente pare de morrer!



UM PANORAMA DA COVID-19 NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI

UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

A Terra Indígena Yanomami (TIY) é habitada pelos povos Yanomami e Ye'kwana e está localizada na fronteira do Brasil com a Venezuela, nos estados de Roraima e Amazonas, abrangendo uma área de cerca de 9,6 milhões de hectares. Sua população atual é acima de 26.785 pessoas (Sesai/MS, 2018), distribuídas em mais de 360 aldeias, interligadas por redes de trocas que mantêm um grande fluxo de pessoas entre as diferentes regiões da TIY. Destacam-se os laços transfronteiriços entre os Yanomami e Ye'kwana, cujas comunidades encontram-se nos dois países¹.

Nesse vasto território, há uma grande diversidade sociocultural e linguística, abrigando falantes de seis línguas distintas que compõem a família linguística Yanomami (Ferreira, Machado e Senra, 2019), além de mais de 700 indígenas do povo Ye'kwana, falantes de uma língua da família linguística Caribe. Este contexto, amplamente diverso, conta ainda com a presença de grupos yanomami em isolamento voluntário².

O Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana, formado por lideranças políticas e representantes das principais associações destes povos, é a principal instância de tomada de decisão da TIY hoje. Bem antes da Covid-19 chegar ao Brasil, o Fórum já havia alertado às autoridades federais sobre a precarização da saúde nas comunidades indígenas e a invasão de seu território por 20 mil garimpeiros. Em novembro de 2019, o Fórum denunciou, em pronunciamento oficial³, a omissão do Estado brasileiro e cobrou medidas emergenciais para a retirada dos invasores.

1 Veja o mapa [Territórios e Comunidades Yanomami e Ye'kwana](#) no Brasil e Venezuela (ISA, 2014).

2 Uma das referências confirmadas pela Funai refere-se aos "isolados da Serra da Estrutura" ou Moxihatêtema, situados no interflúvio dos rios Catrimani e Mucajai, cercados pelo garimpo (Senra & Albert, 2019).

3 Acesse [aqui](#) o documento do Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana.

O garimpo é um problema antigo na TIY. O auge da primeira corrida pelo ouro se deu entre o final dos anos 1980 e o início de 1990⁴, quando foi registrada a presença de cerca de 40 mil garimpeiros no território (CCPY, 1989). Essa invasão culminou no massacre de Haximu em 1993, um dos mais emblemáticos casos de violência contra o povo Yanomami, julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) como crime de genocídio⁵. A partir da homologação da TIY em 1992, o Governo da época fez uma grande operação para a retirada dos garimpeiros e a prática ilegal arrefeceu. No entanto, com o aumento do preço do ouro em 2008, a atividade garimpeira intensificou-se novamente. Com maior ou menor fiscalização por parte dos órgãos públicos, o garimpo ilegal nunca deixou de preocupar as lideranças e associações indígenas da TIY e as organizações que atuam na defesa de seus direitos.

4 Neste período, organizações de apoio denunciaram essa grave situação na publicação *Yanomami: A todos os Povos da Terra* (1990).

5 *Folha de S.Paulo*. "O massacre dos Yanomami de Haximu". 03/10/1993.



Entre 2019 e 2020, nos primeiros anos do Governo Bolsonaro, observou-se um crescimento exponencial do garimpo ilegal e do desmatamento na TIY. Segundo o Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Imazon⁶, no período de agosto de 2019 a julho de 2020, a TIY esteve entre as dez áreas protegidas mais pressionadas por desmatamento na Amazônia Legal. Entre agosto e setembro de 2020, a TIY permanecia nesse *ranking* funesto. Tal fenômeno está diretamente relacionado aos discursos pró-garimpo do atual Governo e da promessa de campanha do presidente pela legalização da mineração e do garimpo em Terras Indígenas (TIs)⁷. Nesse período, também houve um desmonte de órgãos indigenistas⁸ e de fiscalização ambiental, evidenciado pela diminuição drástica de seu orçamento, pela queda no número de autuações ambientais⁹ e nos recordes de desmatamento e queimada na Amazônia e Pantanal¹⁰.

Nos últimos dois anos, o Exército, em conjunto com a Fundação Nacional do Índio (Funai) e Polícia Federal (PF), realizou algumas operações de combate ao garimpo ilegal na TIY. A PF avançou nas investigações sobre os financiadores da cadeia do ouro e a Polícia Rodoviária Federal (PRF) fez ações de apreensão¹¹, mas os

resultados da fiscalização e a punição aos infratores estão muito aquém de um controle efetivo das invasões. Nota-se ainda a falta de ações coordenadas entre os diversos órgãos responsáveis pela investigação e punição dos financiadores desta atividade ilegal e a ausência de ações eficazes para a proteção territorial.

Em junho de 2020, o Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana fez um novo alerta ao Governo Federal. A despeito do país estar enfrentando uma pandemia, o número de garimpeiros na TIY não parou de crescer e os invasores se tornaram um dos principais vetores da disseminação da Covid-19. Face ao risco iminente de genocídio, o Fórum lançou a Campanha **#ForaGarimpoForaCovid**, cobrando a imediata desintrusão de seu território. Nesse mesmo mês, foi denunciado pela Hutukara Associação Yanomami (HAY) o assassinato de dois Yanomami por um grupo de garimpeiros armados na região do Parima (RR), um crime ainda impune, explicitando a gravidade da situação¹².

Nos relatos dos habitantes das diferentes regiões da TIY, estão presentes conflitos diretos com garimpeiros, assassinatos de indígenas,liciamento de jovens e lideranças, estupro e prostituição de mulheres, aumento da malária e de doenças sexualmente transmissíveis, além da contaminação dos rios e pessoas por mercúrio¹³.

Os rios Uraricoera, Mucajá, Couto Magalhães, Catrimani, Parima e Apiau continuam sendo as áreas mais impactadas pelo garimpo ilegal na TIY. De acordo com o Sistema Indicação Radar de Desmatamento do Instituto Socioambiental (Sirad-Y/ISA), 2.087,46 hectares já foram degradados na TIY, área equivalente a cerca de 1,9 mil campos de futebol. De janeiro a setembro de 2020, houve um aumento de 20% na degradação ambiental provocada pelo garimpo¹⁴. É importante destacar que, nas três regiões onde estão as maiores áreas

6 Imazon. Ameaça e Pressão de Desmatamento em Áreas Protegidas: SAD de Agosto de 2019 a Julho de 2020. 08/09/2020.

7 Além do garimpo ilegal, a TIY é a mais cobiçada por empresas de mineração, que já fizeram requerimentos nessa área e aguardam a regulamentação de uma lei que autorize a mineração em Terras Indígenas. São mais de 534 pedidos de pesquisa para exploração mineral na TIY. ISA "Campeã de requerimentos minerários, Terra Indígena Yanomami sofre com explosão do garimpo". 21/03/2019.

8 A Funai teve, nos primeiros cinco meses de 2020, a menor execução orçamentária dos últimos 10 anos (Hivos, 2020: 45), evidenciando uma das faces do desmantelamento do órgão. CIMI. "Com apenas 0,02% do orçamento da União, valor gasto pela Funai até junho é o mais baixo em dez anos". 23/06/2020.

9 Folha de São Paulo. "Sob Bolsonaro, muitas ambientais caem 34% para menor nível em 24 anos". 09/03/2020.

10 BBC News Brasil. "Desmonte sob Bolsonaro pode levar desmatamento da Amazônia a ponto irreversível, diz físico que estuda floresta há 35 anos". 01/07/2019; **Notícias Uol.** "Desmatamento em alta sinaliza aumento das queimadas na Amazônia". 02/07/2020; **BBC News Brasil.** "Por que Pantanal vive 'maior tragédia ambiental' em décadas". 05/08/2020.

11 Roraima em Tempo. "PF desarticula organização criminosa que comercializa ouro em terras indígenas Yanomami". 06/08/2020; "PRF apreende 31,5 toneladas de minério e 24 mil litros de combustível destinados ao garimpo em RR". 26/08/2020.

12 Instituto Socioambiental. "Yanomami temem 'ciclo de violência' após assassinato de dois indígenas por garimpeiros em Roraima". 26/06/2020. **Amazônia Real.** "PF faz operação, mas garimpeiro acusado de matar dois Yanomami continua foragido". 29/10/2020.

13 A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) realizou, em 2014, um estudo que revelou alta contaminação por mercúrio entre os moradores das regiões de Papiu e Waikás. Em 2019, outro estudo feito na região de Maturacá constatou que 56,5% das pessoas apresentavam níveis de mercúrio acima dos limites considerados seguros à saúde.

14 Foram registradas novas áreas nas regiões do Uxiu, Parima, Uraricoera e Homoxi.

degradadas, Waikás, Kayanau e Aracaçá, a Covid-19 foi levada por garimpeiros¹⁵.

Até hoje, os Yanomami e Ye'kwana aguardam a ativação das Bases de Proteção Etnoambiental (Bapes) da Funai e a implementação de barreiras sanitárias, tal como decidido pelo STF em agosto deste ano na votação da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 709. Apesar das denúncias das organizações indígenas e de inúmeras medidas legais tomadas para obrigar o Estado brasileiro a agir, ele tem sido ineficiente em conter a entrada dos invasores na TIY e omissivo no enfrentamento deste grave problema, que, além de representar violações de direitos territoriais e crimes ambientais, tem aumentado os riscos de transmissão do novo coronavírus nessas populações¹⁶.

Outro grande problema é o aumento exponencial da malária nos últimos dois anos¹⁷ que, combinado à chegada da Covid-19, agrava profundamente o contexto sanitário na TIY¹⁸. O novo coronavírus afeta o quadro clínico de uma população já debilitada pela malária, por doenças respiratórias, entre outras. Os habitantes da TIY têm um longo histórico de epidemias letais diretamente relacionadas à presença de não-indígenas em seu território e as mortes decorrentes de malária foram muitas. Desde os primeiros contatos, na década de 1950, houve uma sucessão de epidemias de doenças infecciosas propagadas por agentes do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), membros de grupos missionários, caçadores, exploradores e, posteriormente, por garimpeiros.¹⁹

¹⁵ Estudo recente mostra que o desmatamento é variável importante para explicar a transmissão da Covid-19 entre povos indígenas na Amazônia brasileira, especialmente, em territórios invadidos pelo garimpo. Essas duas causas explicam pelo menos 22% de todos os casos de Covid-19 confirmados em indígenas até 31/08/2020 (Laudares, 2020: 35).

¹⁶ Ver neste relatório "A responsabilidade do Estado brasileiro sobre os impactos da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami", p. 22.

¹⁷ Uol Notícias. "Malária explode na terra Yanomami; casos quadruplicaram em 5 anos. 02/08/2020.

¹⁸ Durante a pandemia de Covid-19, a OMS recomendou fortemente que não fossem suspensas nem diminuídas as políticas e ações de controle e erradicação da malária, alertando que essa pandemia, em combinação com o possível aumento dos casos de malária, poderia ser devastadora (WHO/UCN/GMP, 2020).

¹⁹ Ver neste relatório "A pandemia de Covid-19 entre os povos Yanomami e Ye'kwana: uma nova expressão de antigas desigualdades", p. 17.

Durante o período da ditadura militar, os impactos da construção da rodovia Perimetral Norte foram numerosos entre as comunidades yanomami, acarretando significativas perdas demográficas (Ramos & Taylor, 1979; Ramos, 1979). As consequências sociais desta dizimação se fazem sentir ainda hoje em várias regiões da TIY, onde o número de idosos é diminuto e as comunidades enfrentam sérios problemas de desestruturação social. De meados de 1987 a janeiro de 1990, a invasão garimpeira e o alastramento epidêmico da malária e de infecções respiratórias provocaram a morte de cerca de mil Yanomami, 14% de sua população em Roraima (Ramos, 1993: 09).

Atualmente, o Estado brasileiro é omissivo ao deixar a TIY, demarcada e homologada, se transformar, em plena pandemia, em um território de livre circulação de invasores, uma multidão de transmissores de doenças infecciosas. Em 2020, essa tragédia ganhou proporções alarmantes e os povos Yanomami e Ye'kwana, imersos em uma combinação perigosa de garimpo, malária e Covid-19, estão entregues à própria sorte.

GRAVE CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO E PRECARIZAÇÃO DO ATENDIMENTO À SAÚDE

O Distrito Sanitário Especial Indígena - Yanomami (Dsei-Y), responsável por prestar atenção primária em saúde na TIY, faz parte do Subsistema de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (Sasi/SUS), coordenado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai). No interior da TIY, existem 37 polos base e 78 Unidades Básicas de Saúde Indígena (UBSIs), cujo acesso é majoritariamente dado por via aérea. O Dsei-Y tem sede em Boa Vista (RR) e possui quatro unidades administrativas, uma Casa de Saúde Indígena (Casai-Y) e a Área de Cuidados Indígenas, inaugurada tardiamente para assistir os indígenas com Covid-19 advindos da Casai-Y.

A pandemia da Covid-19 evidenciou problemas já antigos na TIY. Há tempos, os Yanomami e Ye'kwana sofrem com um atendimento de saúde ineficiente e que não leva em conta as especificidades

socioculturais e linguísticas dos grupos indígenas atendidos²⁰. A diminuição do número de profissionais de saúde na TIY e a consequente ausência de ações continuadas para controle sanitário e prevenção de doenças nas comunidades, sobretudo nas mais distantes dos postos de saúde, contribuíram para o aumento da mortalidade infantil, malária, doenças respiratórias, entre outras. Os índices epidemiológicos publicados pelo Dsei-Y nos últimos anos revelaram indicadores graves: o baixo peso transforma-se em desnutrição aguda, sintomas clínicos como diarreias, facilmente tratáveis, dão lugar a enfermidades mais severas e gripes comuns tornam-se pneumonias.

Denúncias recorrentes dos Yanomami e Ye'kwana mostram que as ações de prevenção e promoção da saúde básica são precárias na TIY. Lideranças relatam a insuficiência do quadro de funcionários que compõe as Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena (EMSIs), afetando sobremaneira a cobertura das comunidades. A redução dos atendimentos nas UBSIs é acompanhada de um alto número de remoções aéreas, com custo elevado de horas-voos, impactando enormemente o orçamento do Dsei-Y. Apesar de ter um orçamento elevado se comparado a outros Dseis do país, os indicadores de saúde na TIY só tem piorado.

A falta de eficiência e transparência na gestão e execução orçamentária do Dsei-Y, os convênios milionários com empresas aéreas e as sucessivas indicações políticas e não técnicas para a coordenação, entre outros cargos, têm impactado diretamente a saúde indígena, comprometendo a qualidade dos serviços prestados por seus funcionários, que não raro atuam em situação precária de trabalho e com a corriqueira falta de infraestrutura, equipamentos, insumos e medicamentos.

Em novembro do ano passado, o Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana denunciou a fragilização da atuação do Dsei-Y:

20 O projeto pioneiro *Saúde Yanomami* promoveu uma assistência sanitária exemplar. Foi desenvolvido entre 1996 e 1999 pela CCPY (Comissão Pró-Yanomami) e entre 1999 e 2004 pela Urihi Saúde Yanomami e tornou-se modelo para as diretrizes de saúde indígena e para a criação dos Dseis no país. A competência do trabalho realizado pelas duas organizações levou à erradicação da malária na TIY, até a época em que estiveram atuando na região.

“Em 2019, a nossa saúde piorou muito. Fazia tempo que nós não ficávamos tão preocupados com o atendimento à nossa saúde. Estamos muito preocupados, pois tem um surto de malária e diarreia na TI Yanomami e não tem tratamento, nem prevenção direito. [...] Percebemos que diminuiu o número de profissionais de saúde nos postos de saúde. Queremos um quadro de profissionais completo com formação adequada e realmente comprometidos com a saúde do nosso povo. [...] Queremos ter acesso aos indicadores de saúde de 2019 para poder acompanhar os dados reais sobre as doenças que estão se espalhando na nossa terra²¹.”

A precarização da saúde indígena não é algo novo e nem exclusividade do Dsei-Y. No início de 2019, o Governo Federal tentou, sem êxito, extinguir a Sesai e municipalizar a Saúde Indígena. Além disso, acabou com o Programa Mais Médicos, provocando a saída dos médicos que atuavam em quase 56% dos postos de atendimento aos indígenas, agravando a precarização dos serviços prestados na TIY e nas demais TIs no país (Inesc, 2020b: 05)²². A nota técnica do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) mostra que, em 2020, o orçamento autorizado para a Saúde Indígena no país apresentou o valor mais baixo dos últimos oito anos. Ademais, no ápice da disseminação da Covid-19 no Brasil, nos meses de abril e maio, a quantia gasta para garantir a saúde nas TIs ficou abaixo daquela do mesmo período no ano anterior, um verdadeiro contrassenso face aos efeitos devastadores na pandemia entre povos indígenas (Inesc, 2020b). Outro fato digno de nota foram os vetos do presidente Jair Bolsonaro ao PL 1142/2020, que propôs medidas de proteção social para prevenção do contágio e da disseminação da Covid-19 entre os povos indígenas, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais.

Já nos primeiros meses da pandemia, estudos apontavam a TIY como uma das mais vulneráveis à Covid-19. O estudo de Oliveira et al. (2020) observa que seus habitantes, mesmo sendo predominantemente jovens (apenas 4,5% são idosos), apresentam

21 Extraído do documento “Posicionamento do Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana sobre a saúde na Terra Indígena Yanomami”. 23 de novembro de 2019.

22 **BBC News Brasil**. “Após saída de médicos cubanos, mortes de bebês indígenas crescem 12% em 2019”. 02/03/2020.

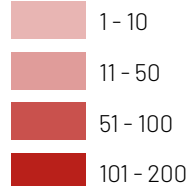
CASOS DE COVID-19 NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI POR REGIÃO DE ORIGEM DOS CONTAMINADOS



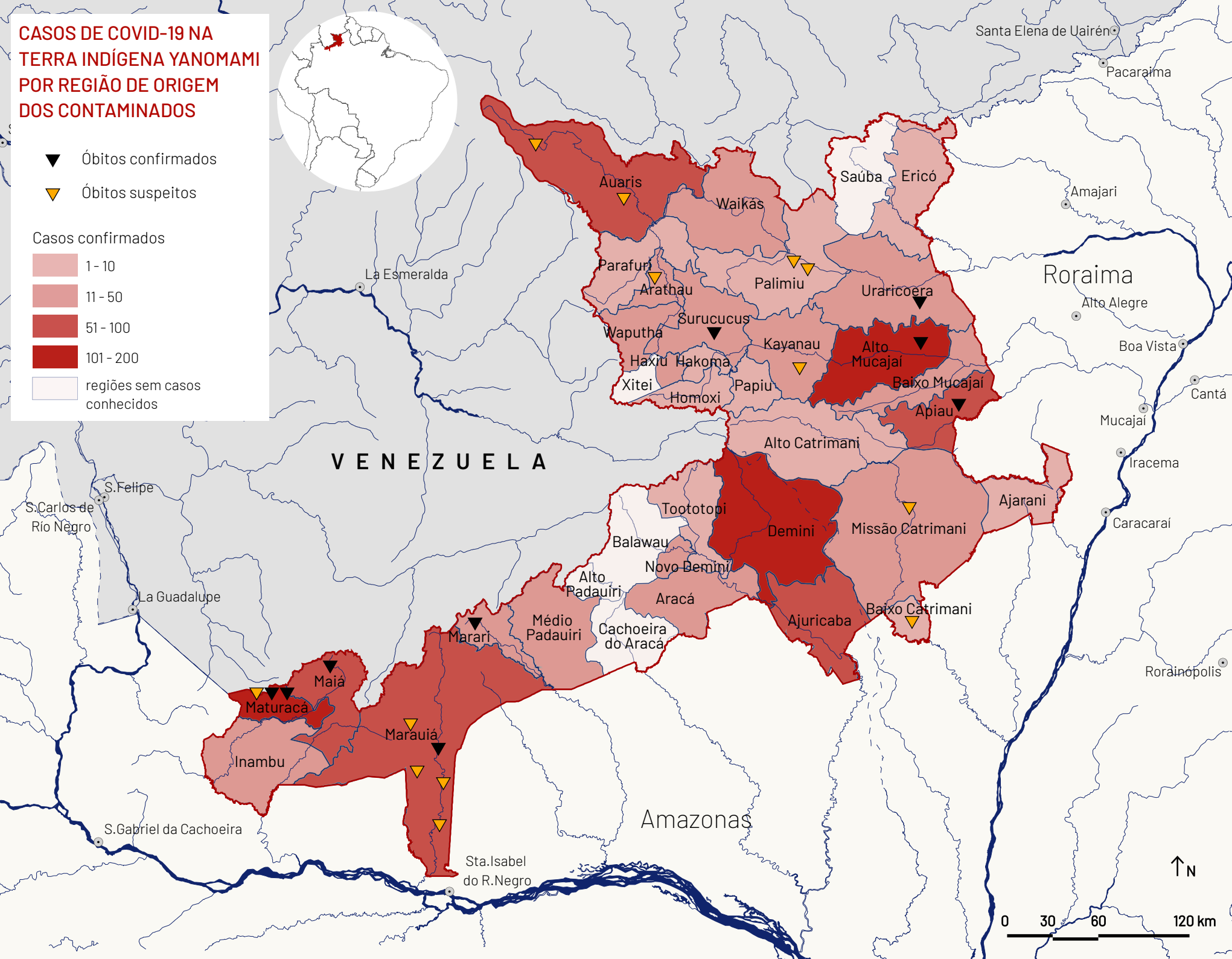
▼ Óbitos confirmados

▼ Óbitos suspeitos

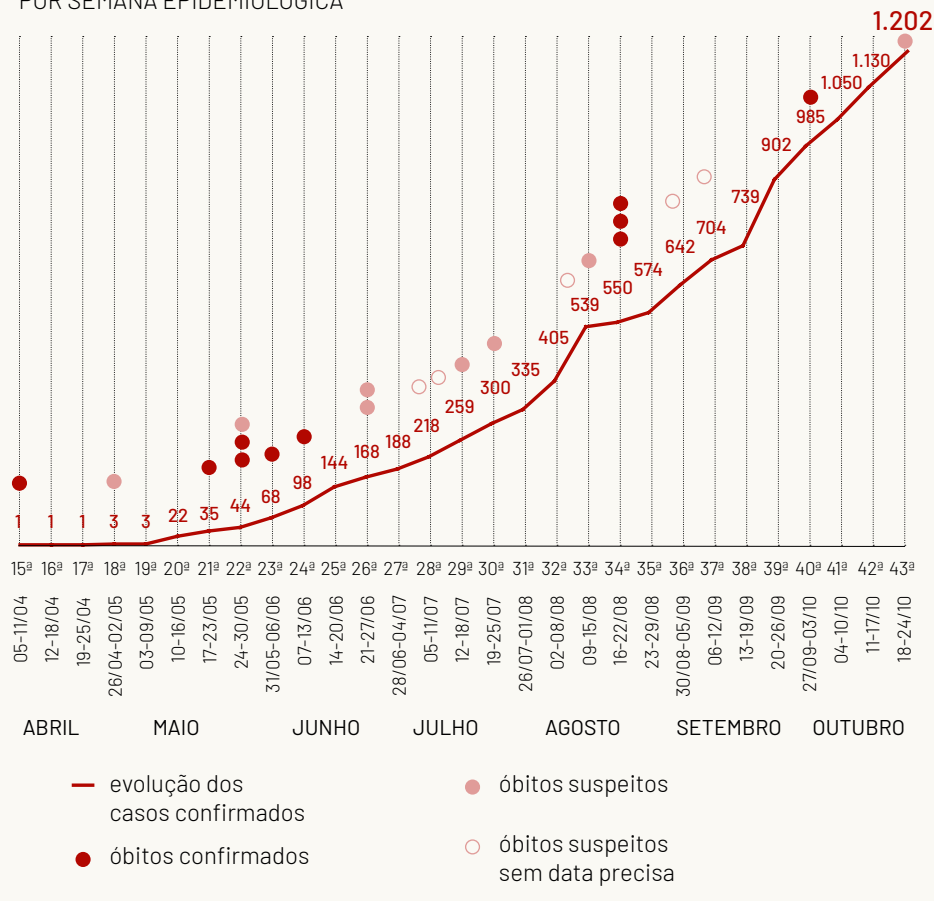
Casos confirmados



regiões sem casos conhecidos



COVID-19
PROGRESSÃO DOS CASOS CONFIRMADOS
ENTRE OS YANOMAMI E YE'KWANA
 POR SEMANA EPIDEMIOLÓGICA



comorbidades, especialmente doenças que acometem o sistema respiratório: “Para o ano de 2015 observou-se que, a despeito da cobertura vacinal contra doenças gripais, cerca de 500 yanomami foram diagnosticados com doenças respiratórias. Houve também ao menos 22 mortes causadas por essa categoria de comorbidade, sendo que 78% das mortes foram de crianças com menos de 4 anos (Siasi/Sesai)” (2020: 04). A análise de Azevedo et al. (2020) reforçou a posição de vulnerabilidade da TIY ao apontar o Dsei-Y como o segundo mais crítico entre os 34 Dseis existentes no país. Em junho, um novo estudo alertou que, além da fragilidade do atendimento

oferecido pelo Dsei-Y, seria preciso considerar o alto risco de contaminação das comunidades yanomami e ye'kwana localizadas próximas às áreas de garimpo (ISA, 2020).

Por fim, destaca-se que, de janeiro a setembro 2020, segundo dados disponíveis no Portal da Transparência, o Dsei-Y não empenhou nenhum valor para “equipamentos e material permanente”, despesa que permitiria a aquisição de bens duráveis como aparelhos, equipamentos e utensílios médico, odontológico, laboratorial e hospitalar, Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e segurança. Diante de uma emergência sanitária, o Governo deve muitas explicações acerca da execução orçamentária da Saúde Indígena.

MONITORAMENTO DA COVID-19 NA TIY

Em abril de 2020, surgiram os primeiros casos confirmados entre os Yanomami e também entre funcionários que atuam no Dsei-Y. Diante da ameaça do novo coronavírus e da falta de transparência da Sesai em relação aos casos de contaminação entre os indígenas, a Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (Rede Pró-YY) se organizou em torno de uma rede de comunicação com os indígenas e suas associações, entre outros colaboradores, para realizar um monitoramento independente do avanço de Covid-19 na TIY e dar visibilidade às denúncias dos indígenas.

Os dados apresentados aqui são fruto deste trabalho colaborativo que tem sistematizado informações detalhadas sobre os casos de Covid-19 entre os Yanomami e Ye'kwana, como a comunidade e região de origem, o local e as circunstâncias da contaminação, a realização de testes, óbitos suspeitos e confirmados²³. Apesar do esforço em buscar informações apuradas sobre a disseminação do vírus nas aldeias, na Casai-Y e nos centros urbanos, sabemos que o *corpus* aqui reunido é apenas um fragmento de uma realidade ainda desconhecida. O número total de casos contabilizados pela Rede Pró-YY está longe de representar a totalidade das ocorrências entre os habitantes da TIY. Os dados referem-se ao período entre as semanas epidemiológicas 15 e 43, isto é, de 5 de abril a 24 de outubro de 2020.

²³ Informações sobre casos positivos foram investigadas a partir de dados da Sesai, Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde e hospitais.

A metodologia de monitoramento parte dos seguintes parâmetros:

_Casos e óbitos confirmados são aqueles comprovados por meio de testagem laboratorial (RT-PCR) ou testes rápidos;

_Óbitos suspeitos são aqueles que não tiveram contaminação comprovada por testes, mas apresentaram um quadro clínico típico para Covid-19, contato estreito com caso confirmado, permanência ou contato com zonas de contaminação, e/ou sepultamento seguindo protocolos de biossegurança.

Nestes sete meses de pandemia, foi contabilizado um total de 1.202 casos confirmados para Covid-19, entre eles dez óbitos. Outros 13 óbitos foram registrados como suspeitos. Como não houve investigação destes casos por parte da Sesai, a Rede Pró-YY não teve condições de avançar na qualificação dos mesmos. No entanto, todos os casos de óbitos suspeitos registrados pela Rede Pró-YY estavam sintomáticos e tiveram contato próximo com casos confirmados para Covid-19, porém não foram testados a tempo, e alguns inclusive estavam recebendo tratamento para o novo coronavírus. Dos 13 óbitos suspeitos, 10 tinham comorbidades conhecidas, ou seja, a contaminação pela Covid-19 agravou o quadro clínico destas pessoas, levando-as à morte. Dentre estes óbitos sem investigação oficial, seis estavam com malária e ocorreram em regiões onde a Covid-19 já havia chegado.

É preocupante que a Sesai não tenha investigado esses casos, o que nos parece ser uma deliberada política de subnotificação²⁴. Desde abril, a Sesai registrou oficialmente apenas nove óbitos, o que representa uma taxa de mortalidade de 0,7%, raríssima no planeta. O monitoramento da Rede Pró-YY apresenta um quadro bastante diferente, com um total de 23 mortes entre confirmadas e suspeitas, evidenciando uma taxa de mortalidade menos inverossímil (1,9%).

Essa política de subnotificação dos óbitos de Covid-19 produzida pela Sesai, seja por mera ausência de registro, falta de teste ou mascaramento dos óbitos atrás de comorbidades, cria uma equivocada impressão de baixa mortalidade da Covid-19 entre os Yanomami e Ye'kwana. Forja-se, assim, um falso cenário de controle

24 Ver neste relatório "Yanomami: os mortos 'desaparecidos' da pandemia", p.25.

do avanço do novo coronavírus na TIY. Enquanto isso, os fatos mostram que a transmissão comunitária está fora de controle em muitas aldeias e as autoridades sanitárias parecem se dedicar ao mascaramento de sua negligência.

PRIMEIROS CASOS E AS PRINCIPAIS ZONAS DE CONTAMINAÇÃO

No início da pandemia, as primeiras pessoas a se contaminarem com o novo coronavírus foram indígenas que estavam na Casai-Y para tratar de outras doenças ou acompanhando seus parentes. Impedidos de voltar às suas comunidades, devido a atrasos nas contratações das empresas de táxi aéreo que prestam serviço ao Dsei-Y, os Yanomami e Ye'kwana ficaram desamparados frente ao vírus. Casos de Covid-19 começaram a explodir em Boa Vista (RR) e não demorou para que funcionários da Casai-Y testassem positivo. Em função do descumprimento do período mínimo de quarentena por parte dos funcionários, da falta de testagens para o controle dos infectados, de EPIs e sem local apropriado para o isolamento dos indígenas, a Casai-Y se tornou o primeiro epicentro da doença. De abril a outubro, 184 indígenas foram contaminados no local, bem como 81% dos funcionários que lá trabalham²⁵.

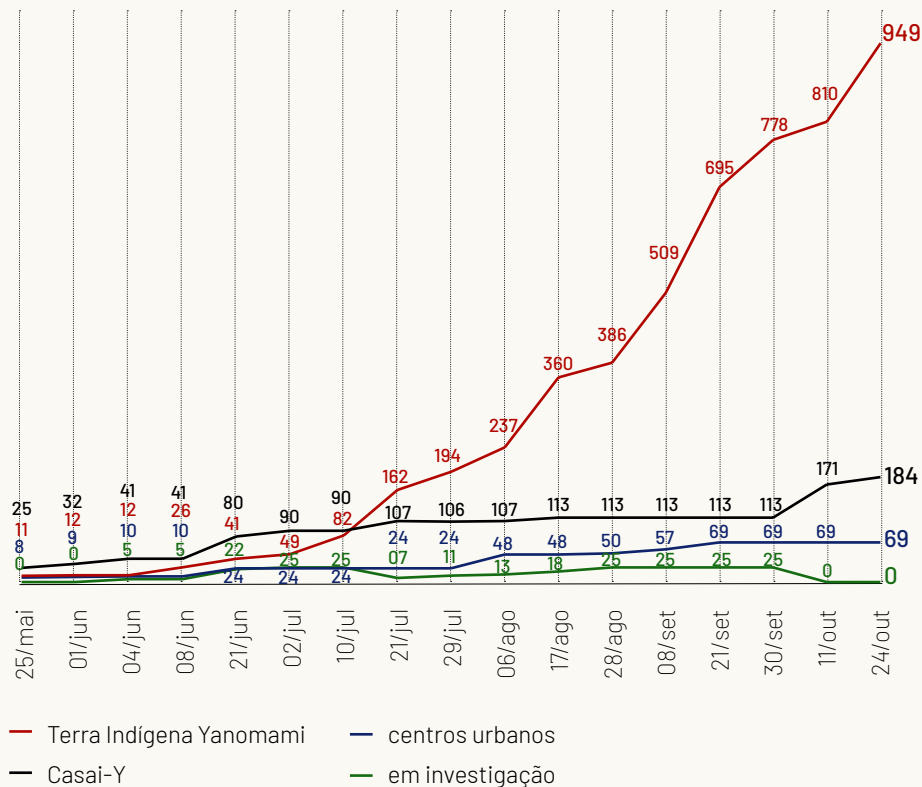
O crescimento dos casos confirmados entre funcionários do Dsei-Y e da Casai-Y, e seus consequentes afastamentos, aumentou a curto prazo o déficit de funcionários em serviço. Com o ingresso de profissionais assintomáticos na TIY, sem o cumprimento do período mínimo de quarentena e dos protocolos básicos de proteção e prevenção, já se anunciava a explosão dos casos nas comunidades²⁶. Até o final de junho, o número de funcionários da

25 Ver neste relatório "Casa de Saúde Indígena: um dos epicentros da contaminação", p. 73.

26 Tendo em vista que os funcionários de saúde poderiam vir a ser vetores de propagação da Covid-19, o Ministério da Saúde, em ofício publicado no dia 16 de março (Nº 13/2020/Dasil/Sesai/MS), reforça a necessidade da implementação das medidas de quarentena dos profissionais de saúde antes do ingresso em territórios indígenas com povos isolados e de recente contato. Em outro informe técnico (Nº 4/2020 Sesai/MS de 30/03/2020), a Sesai ignorou a importância da testagem entre indígenas e funcionários dos Dseis, indicando como forma de controle da propagação da Covid-19 apenas o uso de EPIs e a quarentena de 14 dias dos sintomáticos, que depois deste período, e sem a realização de testes, poderiam retornar às suas atividades mediante ao preenchimento de um formulário de triagem sanitária. Tal triagem vai contra todos os protocolos recomendados, colocando em risco a vida dos próprios profissionais de saúde e da população por eles atendida.

COVID-19

PROGRESSÃO DOS CASOS CONFIRMADOS ENTRE INDÍGENAS POR LOCAL DE CONTAMINAÇÃO



saúde contaminados pela Covid-19 seguia maior do que o total de indígenas que testaram positivo para a doença. Apesar do número de casos confirmados entre os Yanomami e Ye'kwana já ter ultrapassado o dos funcionários do Dsei-Y, o aumento dos casos entre estes não diminuiu.

Os primeiros casos confirmados na TIY ocorreram em Maturacá (AM), onde dois idosos confirmados para o novo coronavírus vieram a óbito em maio, no mesmo momento em que cresciam os casos

confirmados de Covid-19 na região²⁷. No contexto das aldeias indígenas, o contágio pela Covid-19 pode ser muito elevado, tendo em vista a alta taxa de transmissão e a constante interação entre os moradores. Com a falta de controle dos casos e sem a realização de testagens de todos os funcionários que entram em área e dos indígenas que transitam entre as cidades e suas comunidades, além do fluxo ininterrupto de garimpeiros ilegais, a Covid-19 rapidamente se espalhou pela TIY²⁸. Em 10 de julho, o número de contaminados na TIY começou a se aproximar do número de indígenas infectados na Casai-Y. A partir de 21 de julho, houve um aumento expressivo de casos registrados de Covid-19 na TIY, indicando maior interiorização do vírus nas comunidades.

TESTAGEM E SUBNOTIFICAÇÃO

O registro de casos positivos entre os Yanomami e Ye'kwana por parte do Dsei-Y/Sesai tem sido fundamentado, de maneira crescente, no uso de testes rápidos pelas Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena. O teste rápido utilizado pelo Dsei-Y tem eficácia comprovada de 55%, além de só detectar o vírus tardiamente, ou seja, é inútil para controlar o novo coronavírus em sua fase de propagação, além de produzir uma elevada proporção de casos falsos-negativos (Santos et al., 2020). O fato da Sesai usar unicamente testes sorológicos impossibilita o diagnóstico dos casos positivos a tempo de controlar a sua força de contágio. Com o uso de uma quantidade muito insuficiente de testes rápidos em locais com alta chance de transmissão comunitária, a real situação da pandemia nas aldeias yanomami e ye'kwana fica mascarada. É alarmante o fato da Sesai não ter realizado testes suficientes na TIY, especialmente em locais onde a transmissão

²⁷ Ao longo dos meses subsequentes, a situação na região do Maturacá se estabilizou devido às ações planejadas e articuladas entre organizações indígenas e indigenistas e órgãos públicos. A articulação interinstitucional entre a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), o Instituto Socioambiental (ISA), Expedicionários da Saúde (EDS), Médicos sem Fronteiras (MSF), entre outros, possibilitou que o Dsei-Y implementasse uma Unidade de Atenção Primária Indígena (Uapi) na região, instalação capaz de atender pacientes de baixa complexidade, equipados com concentradores e cilindros de oxigênio para estabilizar doentes de Covid-19 com problemas respiratórios.

²⁸ Ver neste relatório "Não era pra gente estar morrendo disso". Marauaiá, p. 78; "Garimpo, malária e Covid-19: uma combinação desastrosa. Uraricoera", p. 83 e "Quando estávamos só nós, não adoecemos assim". Kayanau". p. 95.

comunitária já ocorreu ou pode estar ocorrendo. Segundo a Rede Pró-YY, há casos confirmados de contaminação em 23 das 37 regiões da TIY e, como o isolamento social entre os moradores é impraticável nas aldeias, é possível que aproximadamente 10 mil Yanomami e Ye'kwana já estejam expostos ao novo coronavírus, em um universo de cerca de 27 mil pessoas, ou seja, mais de um terço da população total, evidenciando uma situação de total descontrole.

Mesmo considerando a baixa sensibilidade dos testes rápidos usualmente empregados pelas EMSIs, o número de casos confirmados entre os Yanomami e Ye'kwana saltou de 335 para 1.202 nos últimos três meses, um aumento de mais de 250%. Esses números mostram que o Plano de Contingência (PC) do Dsei-Y²⁹ foi ineficiente para controlar o avanço da pandemia. O PC não descreve com clareza os protocolos e os procedimentos adequados à prevenção e ao combate da Covid-19 na TIY e tampouco há o desenho de um cenário que pode vir a se agravar com a expansão da pandemia, o qual deveria prever ações de controle em uma situação ainda mais adversa. Também não há clareza com relação aos procedimentos a serem seguidos em relação às mortes por Covid-19 que ocorrem na TI ou nos centros urbanos, e sequer há um detalhamento sobre como devem ser feitos os isolamentos dos contaminados indígenas na TIY. Por fim, destaca-se a ausência de informações sobre a malária e a desnutrição infantil, as principais comorbidades que têm agravado a Covid-19 entre os indígenas.

Dados do Ministério da Saúde (MS) indicam que há 11 regiões da TIY onde menos de 10 testes foram realizados pelo Dsei-Y e outras três onde nenhum teste foi feito, ou seja, em mais de um terço das regiões há pouquíssima informação sobre a chegada da Covid-19, reforçando as denúncias dos indígenas de que em realidade o número de contaminados pode ser muito maior. Essas informações revelam que, até meados de outubro, 70,5% dos testes feitos pelo Dsei-Y resultaram positivo³⁰. Na região do Demini, por exemplo, uma das mais testadas na TIY, quase 90% da população foi confirmada para a Covid-19. O número de testes realizados pela Sesai até 19 de outubro

em toda a TIY é insignificante: 1.270 entre positivos, negativos e descartados, ou seja, menos de 4,7% da população total foi testada. Dessa forma, sem uma avaliação efetiva e sistemática, é impossível rastrear a doença e controlar sua expansão nas comunidades. A baixa testagem mascara o real cenário de infecção por Covid-19 entre os Yanomami e Ye'kwana, de modo que o cenário conhecido está longe de ser a realidade do impacto da Covid-19 na TIY. E os casos confirmados não param de crescer.

As vítimas yanomami do novo coronavírus têm sido, em sua maioria, pessoas que estão nas pontas opostas da vida: os idosos e os bebês. Entre os 23 óbitos confirmados e suspeitos, seis eram bebês com menos de dois anos (22%), 12 eram pessoas com mais de 50 anos (52%), quatro eram jovens com idades entre 12 e 20 anos e uma jovem de 23 anos (26%). Dos seis bebês vítimas da Covid-19, três deles são do grupo sanõma, originários da região de Auaris (RR), onde a situação sanitária é alarmante, com um alto índice de desnutrição e doenças respiratórias. Com a recente chegada da Covid-19 na região, o futuro de outras crianças sanõma pode estar ameaçado³¹.

A população yanomami e ye'kwana é majoritariamente composta por crianças e jovens (HAY, 2019b) e apresenta um número muito baixo de idosos. Com o alto índice de vítimas da Covid-19 pertencentes a este grupo, nota-se que o novo coronavírus também tem um forte impacto na dinâmica social das aldeias em relação à transmissão geracional de conhecimentos, já que entre os Yanomami e Ye'kwana a oralidade é a principal forma de transmissão de conhecimentos e os mais velhos são fundamentais neste processo.

A omissão do Estado e a Covid-19 estão deixando marcas profundas na vida dos Yanomami e Ye'kwana. É urgente a desintrusão total da TIY e a implementação de um plano eficaz de combate à pandemia associado ao controle das demais comorbidades que esteja articulado com as instâncias representativas desses povos. Crianças, jovens e as gerações que estão por vir merecem viver com saúde em sua casa-floresta. Seus destinos não devem ser mais interrompidos pelos rastros de um governo genocida.

29 Acesse [aqui](#) o Plano de Contingência do Dsei-Y.

30 Segundo dados obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI) e atualizados em 19/10/2020, dos 1270 testes realizados pelo Dsei-Y até então, 895 resultaram positivo.

31 Ver neste relatório "Eu não quero voltar sozinha, sem o corpo do meu filho": o drama das mulheres sanõma", p. 70.

COVID-19 ENTRE OS YANOMAMI E YE'KWANA

Terra Indígena Yanomami Polo Base / Região	População (Sesai/MS, 2018)	Total de casos confirmados*	Casos confirmados na TIY*	Óbitos confirmados*	Óbitos suspeitos*	Porcentagem da população confirmada*	Porcentagem de testes realizados em relação à população**	Testes realizados**	Testes positivos**
Ajarani	52	5	2	-	-	9,6%	1,9%	1	1
Ajuricaba	392	70	67	-	-	17,8%	2,5%	10	6
Alto Catrimani	258	3	-	-	-	1,2%	4,6%	12	3
Alto Mucajá	594	111	108	1	-	18,7%	19%	113	111
Alto Padauri	202	-	-	-	-	-	-	-	-
Apiau	142	56	56	1	-	39,4%	40,1%	57	56
Aracá	357	30	30	-	-	8,4%	0,3%	1	0
Arathau	660	37	10	-	1	5,6%	11,8%	78	34
Auaris	3944	72	9	-	2	1,8%	2,7%	106	53
Baixo Catrimani	144	2	-	-	1	1,4%	3,5%	5	2
Baixo Mucajá	308	24	24	-	-	7,8%	8,1%	25	24
Balawau	781	-	-	-	-	-	-	-	-
Cachoeira do Araçá	99	-	-	-	-	-	-	-	-
Demini	206	179	175	-	-	86,9%	71,3%	147	145
Ericó	328	2	-	-	-	0,6%	1,2%	4	1
Hakoma	647	2	-	-	-	0,3%	0,8%	5	2
Haxiu	858	13	-	-	-	1,5%	2,4%	21	13
Homoxi	237	1	1	-	-	0,4%	2,5%	6	1
Inambu	499	21	20	-	-	4,2%	4,2%	21	18
Maiá	456	100	96	1	-	21,9%	25%	114	98
Papiu (Maloca Papiu)	398	6	2	-	-	1,5%	4%	16	4
Marari	856	22	19	1	-	2,6%	0,8%	7	7
Marauíá	2478	76	31	1	4	3%	0,9%	23	21
Maturacá	2035	122	120	2	1	6%	9,3%	189	119
Médio Padauri	619	47	47	-	-	7,6%	7,6%	47	47
Missão Catrimani	903	15	6	-	1	1,7%	7,5%	68	12
Novo Demini	600	49	44	-	-	8,2%	0,3%	2	0
Kayanau (Papiu Novo)	306	29	25	-	1	9,5%	11,4%	35	29
Palimiu	856	8	-	-	2	0,9%	0,8%	7	4
Parafuri	456	1	-	-	-	0,2%	0,6%	3	0
Sauba	293	-	-	-	-	0%	3,7%	11	0
Surucucus	2105	12	2	1	-	0,6%	0,9%	19	8
Toototopi	667	6	-	-	-	0,9%	1,5%	10	6
Uraricoera	253	14	9	1	-	5,5%	8,3%	21	10
Waikás	183	49	46	-	-	26,8%	30%	55	49
Waputha	718	11	-	-	-	1,5%	4,2%	30	11
Xitei	1895	-	-	-	-	0%	0%	1	0
Venezuela	-	4	0	1	-	-	-	-	-
Sem informação de origem	-	3	0	-	-	-	-	-	-
TOTAL	26785	1202	949***	10	13	4,5%	4,7%	1270	895

*Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana

**Sesai/MS, última atualização em 19/10/2020

*** Outros 184 casos foram confirmados na Casai-Y e 69 em centros urbanos. Ver gráfico p. 14.

A PANDEMIA DE COVID-19 ENTRE OS POVOS YANOMAMI E YE'KWANA: UMA NOVA EXPRESSÃO DE ANTIGAS DESIGUALDADES

PAULO CESAR BASTA

médico e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz

A despeito da fragmentação de registros históricos sobre a trajetória de contato dos povos indígenas com as frentes de expansão na América Latina, diversos autores (Albert & Ramos, 2002; Carneiro da Cunha, 1992; Ribeiro, 1996; Santos & Coimbra Jr., 1994) informam que epidemias de sarampo, varíola, influenza e tuberculose tiveram papel central na colonização e resultaram em redução numérica e no extermínio de diversos grupos nativos que habitavam o território hoje conhecido como Brasil. O processo de colonização foi marcado por violências, massacres, invasões e expropriações de territórios indígenas, pilhagem de recursos naturais (destaque para o ouro) e subjugação dos povos nativos, resultando em grave desestruturação sociodemográfica, ruptura dos sistemas tradicionais de produção alimentar, além de impactos na organização social.

Embora a história de contato dos Yanomami com a sociedade envolvente remonte às primeiras décadas do século XX, os impactos à organização social e à saúde foram igualmente devastadores. A disseminação de doenças infecciosas, associadas ao violento processo de expropriação de territórios provocou, analogamente, redução populacional e efeitos socioculturais imensuráveis. Nesta perspectiva, os impactos da primeira corrida do ouro, nas décadas 1980-1990, ainda podem ser sentidos em algumas comunidades nas quais a presença de anciãs e anciões é rara. Os mais velhos e as crianças foram as principais vítimas das epidemias de malária e pneumonia que ceifaram muitas vidas. Em um só movimento, as epidemias colocaram em risco os guardiões da memória e dos conhecimentos tradicionais, assim como a manutenção e a reprodução da vida. Com o avanço da Covid-19, as ameaças se repetem.

Nos últimos anos, diversos autores têm denunciado a delicada situação de saúde na Terra Indígena Yanomami (TIY). Existem relatos de surtos de malária (Grenfell *et al.*, 2008; Robortella *et al.*, 2020), oncocercose (Herzog-Neto *et al.*, 2014) e tracoma (Paula *et al.*, 2002), casos de doença diarreica aguda (Verhagen *et al.*, 2013), quadros de hepatites virais e doenças sexualmente transmissíveis (Duarte *et al.*, 2010; Russell *et al.*, 2019). Também há registros da presença de tuberculose nas comunidades (Sousa *et al.*, 1997), além da ameaça inesgotável que representam as Síndromes Respiratórias Agudas Graves (SRAG), responsáveis por profundos impactos na saúde dos menores de 5 anos (Caldart *et al.*, 2016) e colocando em patamares absolutamente desiguais os índices de mortalidade infantil na região (Lima *et al.*, 2020).

Além do permanente estado de pandemia – caracterizado pela propagação de uma ou mais doenças infecciosas em um grande número de indivíduos, sem que existam vacinas adequadas e/ou políticas públicas capazes de controlá-las –, na TIY, incidem diversas ameaças. Em algumas regiões, como Auaris e Maturacá, a insegurança alimentar e os déficits nutricionais de crianças e mulheres em idade fértil são temas alarmantes. A pesquisa conduzida pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), em 2018-2019¹, revelou que aproximadamente 80% das crianças avaliadas apresentavam baixa estatura para a idade, 50% apresentavam baixo peso para idade e 70% apresentavam anemia. Os autores advertem que a ausência de água potável nas aldeias esteve fortemente associada ao baixo peso. A oferta regular de água potável contribuiria não somente para recuperar o estado nutricional, como

¹ Leia o relatório [aqui](#).

também promoveria melhorias em outros indicadores de saúde, especialmente na mortalidade infantil por desidratação.

Orellana *et al.* (2019) lembram que há indícios de transmissão intergeracional da desnutrição na TIY, uma vez que foi demonstrada associação entre a baixa estatura para idade nas crianças e a baixa estatura de suas mães, sugerindo que os déficits nutricionais no início no período gestacional são resultado dos impactos decorrentes das ameaças aos territórios e do estado permanente de pandemias em que vive a população. Em síntese, a situação nutricional das crianças yanomami em algumas regiões da TIY é alarmante e se mantém inalterada há tempos, conforme atestam estudos realizados no Brasil (Pantoja *et al.*, 2014) e na Venezuela (Verhagen *et al.*, 2013; Hidalgo *et al.*, 2014). Ameaças aos direitos humanos e constitucionais também inquietam a população. Desde que assumiu o cargo de presidente, Jair Bolsonaro vem fazendo repetidos pronunciamentos que afrontam os direitos indígenas, previstos na Constituição Federal (CF) de 1988 e na Declaração das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2007. Em 06/02/2020, o presidente encaminhou ao parlamento o **Projeto de Lei nº 191** que prevê a regularização da pesquisa e da lavra de recursos minerais em terras indígenas, sem consulta prévia aos povos tradicionais e suas associações, violando as diretrizes da Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da qual o Brasil é signatário. Em sintonia com os artigos 231 e 232 da CF, a Convenção nº 169 reconhece o direito dos povos indígenas à terra e aos recursos naturais, à não-discriminação e a viverem e se desenvolverem de maneira diferenciada, segundo seus costumes.

Para ilustrar o impacto dessa medida, Siqueira-gay *et al.* (2020) advertem que, se o PL-191 for aprovado, mais de 863.000 km² de florestas tropicais poderão ser afetadas. Os autores ressaltam que a floresta não somente abriga comunidades tradicionais com enorme diversidade cultural, como também injeta cerca de cinco bilhões de dólares anualmente na economia global, por meio da produção de alimentos, reduzindo as emissões de carbono e regulando o clima para produção agrícola e de energia.

Mais recentemente, o governo publicou a **Portaria nº 354** que visa aprovar o Programa Mineração e Desenvolvimento (PMD) no país. Em seu item 3.4, a portaria remete ao avanço da mineração em novas áreas e prevê a promoção e a regulamentação da mineração em Terra Indígena (TI), demonstrando de maneira inequívoca a intenção do governo federal.

Levando em consideração os movimentos do governo, multidões de garimpeiros invadiram Terras Indígenas, restabelecendo o cenário vivenciado nas décadas 1980-1990 e inaugurando o que podemos classificar como a segunda corrida do ouro na Amazônia.

As consequências socioambientais da corrida do ouro foram terríveis, naquela época, e não serão diferentes hoje. Devastação de amplas áreas de floresta nativa, ameaça a inúmeras espécies da fauna e da flora, contaminação de rios, peixes, pessoas e de todo ecossistema pelo mercúrio utilizado nos garimpos, além da disseminação de doenças transmissíveis, incluindo o novo coronavírus.

Um dos exemplos mais ilustrativos dessa tragédia é a contaminação por mercúrio reportada nas regiões de Papiu e Waikás, na TIY, em locais próximos a garimpos de ouro, 90% das pessoas de Aracaçá, comunidade localizada às margens do rio Uraricoera, apresentaram níveis de mercúrio acima de índices considerados seguros à saúde (Vega *et al.*, 2018). Mais recentemente, em 2019, um estudo ainda não publicado² constatou que 56,5% das mulheres e das crianças da região de Maturacá apresentavam níveis de mercúrio igualmente acima de limites considerados seguros.

Hoje, estima-se que existam cerca de 20 mil garimpeiros ilegais na TIY expondo a população local a diversos riscos, incluindo contaminantes químicos e biológicos. Sendo assim, a contaminação por mercúrio representa apenas uma pequena parte do problema, uma vez que o garimpo em TIs devasta o ambiente, afeta espécies da fauna e da flora, altera a disponibilidade de alimentos (caça, pesca, coleta etc.) e impacta a segurança alimentar, assim como expõe a população às doenças transmitidas por vetores,

² **O Globo**. “Estudo da Fiocruz mostra que 56% dos ianomâmis têm mercúrio acima do limite”. 03/08/2019.

notadamente, a malária. Vale lembrar que houve um incremento de 473% nos casos de malária na TIY, nos últimos cinco anos, saltando de 2.896 notificações, em 2014, para 16.613 casos e cinco óbitos, em 2019³.

A esse complexo quadro de iniquidades e ameaças aos Yanomami e Ye'kwana, somam-se as deficiências na assistência à saúde. No Brasil, a atenção à saúde destes povos está sob responsabilidade do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (Dsei-Y), vinculado à Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde (Sesai/MS).

Na estrutura do Dsei-Y, há uma Casa de Saúde Indígena (Casai-Y), localizada em Boa Vista (RR), que é responsável pelo apoio, acolhimento e assistência aos indígenas encaminhados à rede do Sistema Único de Saúde (SUS) para ações complementares de saúde, quando necessário⁴. No contexto da pandemia, a Casai-Y converteu-se em um dos principais focos de transmissão do novo coronavírus⁵, uma vez que até o dia 24/10/2020 foram detectados 184 casos de Covid-19 em suas dependências.

Existem ainda 37 polos base, localizados no interior da TIY, que são unidades responsáveis pelos serviços de atenção à saúde e saneamento em áreas definidas, dentro do território compreendido pelo Dsei-Y. Outrossim, existem 78 Unidades Básicas de Saúde Indígena (UBSIs) que apresentam diferentes níveis de organização, a depender do tamanho da população atendida, da distância dos polos base de referência e da disponibilidade de profissionais de saúde. Atualmente, vivem, na TIY, 26.785 indígenas⁶, distribuídos em 366 aldeias entre Amazonas (AM) e Roraima (RR), num território com área de 96.650 km².

Mesmo quando está acessível à população, o atendimento é restrito à Atenção Primária à Saúde (APS). Em tese, a APS se caracteriza

por um conjunto de ações que abrange promoção e proteção, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação e manutenção da saúde. O modelo da APS apresenta resultados satisfatórios e tem o potencial de resolver até 80% dos problemas dos cidadãos que vivem em contextos urbanos e periurbanos, onde a população tem acesso a outros níveis de atenção no SUS (unidades de pronto atendimento, hospitais e leitos de terapia intensiva), quando necessário.

No que pese o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (Sasi) estar oficialmente inserido no Sistema Único de Saúde (SUS) desde 1999, a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) estar vigente desde 2002, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) estar em operação desde 2010 e haver tendência de ampliação dos recursos para a saúde indígena no país (Saraiva & Cardoso, 2020), a cobertura e a qualidade dos serviços mantêm-se em baixos níveis, permanecendo aquém das necessidades da população, sobretudo em áreas remotas da Amazônia.

As reivindicações para ampliação da assistência prestada pela Sesai e a garantia de acesso a outros níveis de complexidade do SUS aos povos que vivem em Terras Indígenas demarcadas e homologadas, como também aos indígenas que vivem em áreas de retomada, em terras em processo de demarcação e em áreas urbanas são recorrentes. Em 2013, enquanto a 5ª Conferência Nacional de Saúde Indígena debatia o **"Subsistema de Atenção à Saúde Indígena e SUS: Direito, Acesso, Diversidade e Atenção Diferenciada"**, devido aos déficits históricos de acesso aos serviços de média e alta complexidade, as lideranças indígenas exigiam mudanças na orientação da PNASPI. Profeticamente, os povos indígenas previram a catástrofe que se abateria sobre as comunidades com a chegada da epidemia de Covid-19.

No atual contexto, essa problemática expõe não só as desigualdades regionais e o preconceito contra minorias étnicas vivenciados no Brasil, como também a face mais cruel do racismo institucional, que "oficialmente" limita o acesso de populações minoritárias aos melhores recursos disponíveis no SUS para o enfrentamento à Covid-19.

³ Uol Notícias. "Malária explode na terra Yanomami; casos quadruplicaram em 5 anos". 02/08/2020.

⁴ Ver Portaria nº 1.801, de 9 de novembro de 2015, do Ministério da Saúde.

⁵ Ver neste relatório "Casa de Saúde Indígena: um dos epicentros da contaminação", p. 73.

⁶ Fonte: Site da Sesai.

É público e notório que, nos casos de Covid-19 em que há complicações clínicas, há necessidade de uma estrutura assistencial mais complexa, que inclui o uso de medicamentos (não disponíveis na APS), a oferta de oxigenioterapia por intermédio de respiradores artificiais ou ainda internação hospitalar, com suporte em leitos de terapia intensiva.

Além das limitações relacionadas à precária infraestrutura de atendimento no Dsei-Y, somam-se a insuficiência de testes diagnósticos para Covid-19 (tanto testes rápidos, como RT-PCR), o despreparo do Ministério da Saúde (MS) para lidar com a pandemia e formar consenso sobre diretrizes para o enfrentamento da doença e o conhecido problema da subnotificação de casos e óbitos.

Diante da subnotificação, a Rede Pró-Yanomami Ye'kwana (Rede Pró-YY) montou um sistema de monitoramento de base comunitária, em contato com lideranças e associações indígenas, para acompanhar o avanço da doença na TIY. Abaixo, encontra-se uma breve análise sobre os números disponíveis da Covid-19 entre os Yanomami e Ye'kwana.

De acordo com dados da Sesai⁷, até o dia 24/10/2020 foram notificados 926 casos e nove óbitos entre essa população, revelando uma incidência de 3.457,2 casos para cada grupo de 100 mil habitantes e uma mortalidade de 33,6 óbitos/100 mil. Todavia, se considerarmos os dados coletados pela Rede Pró-YY, atingimos um número de 1202 casos até o dia 24/10/2020. Cálculos atualizados apontam para uma incidência de 4.487,6 casos/100 mil, revelando uma subnotificação de mais de 20% no número de casos.

Segundo o monitoramento da Rede Pró-YY, dentre os dez óbitos confirmados, dois incidiram em jovens, três ocorreram em crianças menores de um ano e outros cinco ocorreram em pessoas acima de 60 anos. Em pelo menos três óbitos, os pacientes estavam em tratamento concomitante para malária. As notificações dos óbitos ocorreram entre 09/04 e 23/10/2020. Há ainda 13 óbitos em investigação, dos quais ao menos seis estavam em tratamento simultâneo para malária. Caso se confirme a presença de Covid-19

nos 13 casos em investigação, a taxa de mortalidade subirá para 85,9/100 mil e será quase 3 vezes maior que a oficialmente divulgada pela Sesai.

Em análise complementar que incluiu os casos notificados entre as semanas epidemiológicas 15 e 43 (05 de abril a 24 de outubro) observamos que embora a Covid-19 venha apresentando redução no número de casos em várias regiões do país, na TIY há uma clara tendência de ampliação, quando se considera a média móvel (vide gráfico p. 12). Vale lembrar que Roraima apresentou uma das maiores taxas de incidência em todo o país, ampliando o risco de contaminação das populações indígenas que vivem naquele estado.

No estudo de soroprevalência mais abrangente realizado no Brasil, que incluiu 133 cidades em todas as unidades federadas, Hallal *et al.* (2020) avaliaram a presença de anticorpos contra o novo coronavírus por meio do teste rápido Wondfo SARS-CoV-2 (Wondfo Biotech, Guangzhou, China). Os autores revelaram que a prevalência entre participantes autodeclarados indígenas foi 6,4%, enquanto entre os autodeclarados brancos foi 1,4%. Em síntese, a soroprevalência foi altamente heterogênea entre os locais estudados, com rápido espalhamento nas regiões Norte e Nordeste, estando fortemente associada à ascendência indígena e ao baixo nível socioeconômico. Em conclusão, essas populações tiveram até o momento menores chances de acesso às políticas de controle da pandemia, ratificando as históricas desigualdades em saúde que assolam o país.

Conclui-se que a delicada situação sanitária em que vivem os povos Yanomami e Ye'kwana é resultado do processo de colonialismo estrutural que cunhou a sociedade brasileira, no qual se concentra renda e serviços públicos de saúde e educação em grandes centros urbanos e se deixa à margem das conquistas sociais as populações indígenas e tradicionais que habitam o interior do país. Este processo historicamente construído criou um terreno fértil para instalação de profundas brechas na sociedade, originando as conhecidas desigualdades sociais, o racismo e o preconceito contra os povos originários.

A seguir, medidas para endereçar os problemas apresentados:

7 Fonte: Site da Sesai.

I) Requerer a interrupção imediata das atividades garimpeiras e a completa desintração das áreas afetadas pela mineração ilegal;

II) Implantar imediatamente o plano emergencial para o enfrentamento da Covid-19, segundo as recomendações da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF nº 709) impetrada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), garantindo ações emergenciais para suprir as demandas da população afetada e ações estruturantes para afiançar que o Brasil vai cumprir a agenda 2030 e atingir os objetivos do desenvolvimento sustentável;

III) Implantar, imediatamente, um plano de ação para a erradicação da malária na TIY;

IV) Rever e atualizar a PNASPI para acolher as demandas de ampliação do acesso aos serviços de média e alta complexidade no SUS;

V) Incluir o monitoramento dos níveis de mercúrio na rotina das ações desenvolvidas no programa de atenção pré-natal e no programa de acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil, no âmbito do SUS;

VI) Aprimorar, fortalecer e apoiar ações intersetoriais para fazer cumprir a legislação vigente e garantir o pleno exercício dos direitos humanos e constitucionais aos povos indígenas.

Por fim, é de vital importância que a sociedade civil organizada apoie a luta dos povos indígenas contra a invasão de territórios tradicionais, contra o garimpo, contra toda forma de violação de direitos e contra o avanço da epidemia de Covid-19.

A RESPONSABILIDADE DO ESTADO BRASILEIRO SOBRE OS IMPACTOS DA COVID-19 NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI

LUIZ HENRIQUE REGGI PECORA

advogado do Instituto Socioambiental

JULIANA DE PAULA BATISTA

advogada do Instituto Socioambiental

O ordenamento jurídico brasileiro reconhece os direitos coletivos dos povos indígenas, enquanto povos originários, e também o gozo, sem discriminação, dos demais direitos previstos na legislação brasileira. Na prática, contudo, verificamos a implementação de uma política em sentido contrário. Apesar de suas vulnerabilidades particulares, as políticas públicas direcionadas à garantia dos direitos constitucionais da população indígena vêm sendo enfraquecidas, seja no aspecto da proteção territorial, seja no acesso à saúde adequada.

Seus efeitos são percebidos nas comunidades da Terra Indígena Yanomami (TIY). Desde o início da pandemia, lideranças indígenas locais vêm chamando atenção às urgentes necessidades de atendimento à saúde e à acelerada invasão garimpeira em suas terras. Em junho, as associações indígenas representadas pelo Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana iniciaram a campanha [#ForaGarimpoForaCovid](#) alertando sobre as pressões que sofrem em seus territórios e demandando ações concretas das autoridades. Desde então, a resposta dos agentes públicos, quando houve, tem sido tardia e insuficiente, e a nova doença avança sobre as vidas indígenas na maior Terra Indígena do país.

DAS OBRIGAÇÕES DO ESTADO BRASILEIRO EM PROTEGER A TIY CONTRA INVASÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O QUE DIZEM OS TRIBUNAIS E ORGANISMOS INTERNACIONAIS

Em vista da flagrante violação aos preceitos constitucionais da dignidade da pessoa humana (Constituição Federal, art. 1º, inc. III), direitos à vida (CF, art. 5º, caput) e à saúde (CF, arts. 6º e 196), bem

como ao direito dos povos indígenas de viverem em seu território, de acordo com suas culturas e tradições (CF, art. 231), a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), em conjunto com seis partidos políticos, propôs, no Supremo Tribunal Federal (STF) a [Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental \(ADPF\) nº 709](#).

A ação busca garantir o estabelecimento de medidas emergenciais para a prevenção da disseminação pela Covid-19. Também há pedidos de extrusão de invasores de sete Terras Indígenas (TI) em estado crítico, nas quais a presença massiva de não-indígenas constitui risco concreto de contaminação, inclusive de povos que vivem em isolamento voluntário. A TIY figura entre essas sete terras. O pedido relativo à extrusão continua em análise. Entretanto, já foi deferida no âmbito da ADPF nº 709 a colocação de barreiras sanitárias em 33 TIs com indígenas isolados e de recente contato, incluindo a TIY.

O Ministério Público Federal (MPF) também tem tido atuação importante na proteção da TIY. Ainda em abril, o MPF propôs a Ação Civil Pública (ACP) nº 1001973-17.2020.4.01.4200. Requereu que a União adote medidas emergenciais de extrusão de garimpeiros da TIY diante da continuada invasão que expõe comunidades indígenas da TIY à nova doença. A pretensão do MPF se fundou em dados e estudos que demonstram o avanço do garimpo ilegal sobre comunidades da TIY e sua relação íntima com a disseminação de epidemias entre os indígenas. Em relatório publicado pelo Instituto Socioambiental (ISA) em junho, estimou-se que até 40% da população que vive em locais próximos aos garimpos poderia ser afetada pelo vírus (ISA, 2020).

O pedido liminar foi negado em primeira instância, mas deferido pelo Tribunal Regional Federal (TRF) da 1ª Região em sede de recurso. Com isso, o tribunal reconheceu a existência de grave risco e a obrigação do Estado em agir para impedi-lo, determinando à União que apresentasse, em 10 dias, um plano de extrusão, entre outras medidas.

A decisão foi logo contestada pela União argumentando suposto conflito com o pedido analisado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) na ADPF 709. As decisões do STF e do TRF-1, contudo, não conflitam, até mesmo porque no âmbito da ADPF não se determinou a suspensão nacional de processos que tramitam nas instâncias inferiores. Além disso, o ministro relator da ADPF expressamente consignou que a extrusão de invasores é dever da União.

Ainda assim, em 22 de junho, o TRF-1 suspendeu a liminar anteriormente deferida, de modo que a apresentação do plano de extrusão e a retirada de garimpeiros no âmbito da ACP nº 1001973-17.2020.4.01.4200 ficou paralisada. Posteriormente, em 17 de setembro, finalmente foi determinado, pela Justiça Federal de Roraima, que a União apresentasse uma versão final e completa do plano de extrusão em 10 dias. Nada indica, entretanto, que a União e demais órgãos estão mobilizados para o correto cumprimento da decisão judicial: entre idas e vindas processuais protela-se o cumprimento da decisão em prejuízo da saúde e vida das comunidades indígenas da TIY.

Ao tempo em que ambas as ações correm no Judiciário brasileiro, a Hutukara Associação Yanomami (HAY) acionou o procedimento de medidas cautelares da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), em conjunto com o Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH). A ação buscou, mais uma vez, reconhecer a obrigação do Estado brasileiro em adotar medidas adequadas para garantir os direitos da população yanomami e ye'kwana no país, em respeito aos tratados internacionais de direitos humanos formalmente ratificados no país.

Em julho, a CIDH emitiu a [Resolução nº 35/2020](#), reconhecendo o grave e iminente risco de dano irreparável aos povos Yanomami e Ye'kwana em razão da omissão do Estado brasileiro. Para a CIDH,

diante da acelerada invasão garimpeira na TIY e falhas estruturais no atendimento à saúde da população afetada é imperativa a adoção de medidas sanitárias e de proteção territorial urgentes para que o risco de dano não se concretize.

As decisões em diferentes instâncias no âmbito nacional e internacional são unânimes em assinalar o inequívoco dever do Estado brasileiro em proteger vidas indígenas do avanço da Covid-19, tanto por meio de medidas sanitárias emergenciais quanto pela proteção das Terras Indígenas à continuada invasão por não-indígenas. Não foram, contudo, suficientes para fazer o governo corrigir suas políticas. Até o momento, nenhum plano adequado foi apresentado pela União em cada um dos procedimentos mencionados para a adoção de medidas emergenciais sanitárias e de proteção territorial da TIY, à exceção do mencionado plano de instalação de barreiras sanitárias na ADPF 709, cujo cronograma está em atraso.

DAS FALHAS DO ESTADO BRASILEIRO E DO NÃO CUMPRIMENTO DAS OBRIGAÇÕES CONSTITUCIONAIS E CONVENCIONAIS

O atraso na adoção de medidas para a contenção da Covid-19 na TIY agrava retrocessos estruturais que vinham se somando e inviabilizando as políticas para a realização progressiva dos direitos dos Yanomami e Ye'kwana. A exemplo disso, menciona-se o fechamento das Bases de Proteção Etnoambiental (Bapes) em 2018, que deixou comunidades vulneráveis ao avanço brutal da atividade garimpeira. Além disso, anos de ineficiência na gestão da saúde indígena levaram à piora nos índices de saúde indígena na TIY.

Já no contexto da pandemia, a sequência de falhas na condução das políticas de atendimento à saúde prejudicou o estado epidemiológico de várias comunidades. No âmbito da proteção territorial, não se concretizaram ações de combate à logística do garimpo fora da TIY capazes de conter a atividade¹. Nesse sentido,

¹ O avanço pôde ser medido em área degradada por meio do sistema de georreferenciamento por satélite da TIY desenvolvido pelo Instituto Socioambiental, apelidado Sirad-Y.

dados analisados pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e Transparência Brasil evidenciaram que, embora houvesse orçamento disponível, boa parte dos recursos federais destinada à saúde indígena foi subutilizada no contexto da pandemia e, quando utilizada, o foram de forma ineficiente (Atoji, 2020; Inesc, 2020a).

Em 30 de junho, o governo realizou uma visita interministerial na TIY². Durante a visita, ao passo que o vírus avançava vertiginosamente sobre as comunidades, membros da comitiva pintavam as unhas de mulheres yanomami³ e distribuíam caixas de cloroquina enquanto faltavam recursos básicos para as operações regulares dos órgãos públicos na TI⁴. A sucessão de erros na condução da visita ensejou a abertura de um inquérito pelo MPF para apurar irregularidades administrativas (Procedimento Preparatório nº 1.32.000.000596/2020-31). A investigação conduzida pelo MPF levantou, entre outros assuntos, que o montante gasto na operação somou R\$ 4.905.868,73, valor quase quatro vezes maior ao recurso descentralizado à Fundação Nacional do Índio (Funai) em Roraima até agosto de 2020.

Em resumo, pouco ou nada foi feito no sentido de implementar medidas estruturais capazes de conter eficazmente o avanço da Covid-19 nas TIs no país, das quais a TIY não foi exceção. Os efeitos da inércia governamental são mensuráveis. O cruzamento das informações disponíveis sobre focos garimpeiros, dados de contaminação, somados aos relatos enviados pelas lideranças indígenas locais, indica que em regiões como Waikás, Alto Mucajaí, Kayanau e Papiu, a Covid-19 teria se disseminado via garimpo instalado próximo às comunidades. Segue a apreensão em relação ao estado de saúde do grupo em isolamento voluntário, Moxihatëtêma, visto que existem núcleos garimpeiros a poucos quilômetros de sua casa-coletiva.

² ISA. "Cloroquina, ausência de consulta e outras irregularidades marcaram visita 'surpresa' do governo à Terra Indígena Yanomami". 03/08/2020.

³ Uol Notícias. "Mulheres de militares maquam, dão roupas e causam aglomeração de ianomâmis". 17/07/2020.

⁴ Ver neste relatório "A pandemia está controlada: Missão Interministerial em Auaris, Waikás e Surucucus", p. 90.

CONCLUSÃO

O Governo brasileiro foi alertado do impacto desproporcional da pandemia sobre os povos indígenas. Como visto, diversas medidas foram tomadas para obrigar o Estado brasileiro a agir para impedir tais efeitos. Ao que parece, a escolha governamental restringiu-se a medidas diversionistas, que tiveram por resultado deixar as Terras Indígenas do país, em larga medida, desamparadas à chegada do vírus. Como resultado, a epidemia se alastrou rapidamente dentro da TIY, onde sua transmissão se tornou comunitária. Ainda se aguarda a implantação de barreiras sanitárias e a apresentação e a implementação de um plano efetivo para a retirada dos garimpeiros ilegais. Enquanto isso, os danos resultantes das falhas na política governamental continuam sendo contabilizados.

YANOMAMI: OS MORTOS “DESAPARECIDOS” DA PANDEMIA

BRUCE ALBERT

antropólogo, trabalha com os Yanomami no Brasil desde 1975

“Se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo¹.”

Walter Benjamin, 1940

MORTES ESCAMOTEADAS

Há sete meses, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) corre atrás da pandemia na Terra Indígena Yanomami (TIY), e alhures, colocando, muitas vezes, seus funcionários e servidores em perigo², sem conseguir conter, ou sequer frear, a propagação exponencial do vírus Sars-CoV-2. Incapazes de achatar a curva de contágio, a Sesai, o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Defesa (MD) começaram a encenar uma ruidosa ficção jornalística, ressaltando a suposta eficiência do manejo oficial da pandemia. Para este fim, se desdobraram, ao longo dos meses, publicando anúncios idealizantes e organizando “operações especiais” de comunicação social³.

Diferentemente dos duvidosos números oficiais, 1.202 casos confirmados de Covid-19 e 23 óbitos foram investigados entre os Yanomami e Ye'kwana pela Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (Rede Pró-YY) entre 5 de abril e 24 de outubro de 2020. Esta falha no controle do crescimento da pandemia na TIY tem sua

principal explicação na incapacidade logística da Sesai de garantir o diagnóstico da Covid-19 por via de testes moleculares RT-PCR que permitem isolar os casos positivos enquanto ainda estão sintomáticos e altamente contagiosos e, assim, traçar e controlar seus contatos para evitar o espalhamento desenfreado da doença (a estratégia *Test, Trace, Isolate*/TTI da OMS). De fato, a Sesai, sem meios próprios e face à carência de estruturas laboratoriais adequadas nos estados do Amazonas e Roraima, acabou recorrendo cada vez mais aos testes sorológicos, ditos “testes rápidos”, geralmente também em número reduzido, para diagnosticar os casos registrados como positivos.

Entretanto, os “testes rápidos”, além de serem geralmente bastante falhos, só indicam a presença de anticorpos (positividade do caso) em cerca de dez dias após o contágio, quando o paciente já teve tempo de espalhar o vírus para sua comunidade, impossibilitando qualquer tipo de intervenção eficaz para a contenção da pandemia na Terra Indígena (TI)⁴. Além disso, os tratamentos supostamente curativos, regularmente administrados pela Sesai aos pacientes yanomami e ye'kwana com Covid-19 (como Hidroxicloroquina, Azitromicina, Amoxicilina ou Ivermectina), são comprovadamente inúteis ou até tóxicos, como já demonstraram diversas pesquisas científicas internacionais⁵.

1 Extraído de “Sur le concept d’histoire”. Walter Benjamin *Oeuvres*, III. Paris, Gallimard “Folio”, p.431 (tradução minha).

2 Ver neste relatório “Casa de Saúde Indígena: um dos epicentros da contaminação”, p.73.

3 Por exemplo, as “operações especiais” na TIY em julho e outubro de 2020 acompanhadas por numerosos meios de comunicação. Ver: [Agência Brasil](#) “Operação conjunta de saúde realiza testagem em comunidades yanomami”, 02/07/2020 e [Agência Saúde](#) “Segunda missão de reforço no combate à Covid-19 chega às aldeias dos DSEIs Yanomami e Leste de Roraima”, 20/10/2020. Para uma avaliação crítica, ver neste relatório “A pandemia está controlada: missão interministerial em Auaris, Waikás e Surucucus”, p. 90.

4 Ver Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (2020c).

5 Ver Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (2020e).

Diante da inoperância do seu teatro sanitário militarizado, a Sesai parece ter lançado mão de um novo recurso, desta vez mais sub-reptício: uma política deliberada de subnotificação dos casos e, sobretudo, dos óbitos causados pela doença na TIY. Assim, o órgão sanitário publicou, para o mesmo período coberto pela Rede Pró-YY, cifras muito menores: quase 20% inferiores no caso de pacientes confirmados e 60% menores no que tange aos óbitos registrados⁶! A inverossimilhança deste número reduzido de mortes em sete meses de pandemia sem controle diagnóstico apropriado não deixa de chamar a atenção. De fato, a taxa de mortalidade por casos (*case fatality ratio*) na TIY seria, neste contexto, de menos de 0,92%, fato pouco comum no planeta, reservado, por exemplo, aos países com estatísticas confiáveis, como Luxemburgo (0,9) ou Israel (0,8), enquanto no Brasil esta taxa é de cerca de 3%⁷.

Essa subnotificação crônica dos óbitos de Covid-19 entre os Yanomami é sistematicamente produzida pela Sesai seja por negligência no registro dos casos (ou na aplicação dos testes), seja, muitas vezes, pelo escamoteamento do diagnóstico das mortes por Covid-19 atrás de comorbidades⁸, entre as quais encontra-se a malária, que vem se alastrando exponencialmente na TIY devido ao garimpo ilegal desde 2015. Segundo dados do MS, em 2014, havia 2.896 casos de malária na TIY e, cinco anos depois, em 2019, 16.613 – um aumento assustador de 473%. Dos 23 óbitos registrados pela Rede Pró-YY, nove tinham malária, ou seja, 39% contra 17% com antecedentes cardíacos.

MORTOS SEM SEPULTURA

Além deste processo de apagamento estatístico de seus mortos na pandemia, os Yanomami foram (e são ainda) sujeitados a outro procedimento discriminatório: o sepultamento biosseguro das vítimas de Covid-19 à revelia de suas famílias e comunidades.

⁶ Os dados oficiais divulgados pela Sesai até a semana epidemiológica 43 (24/10/2020) totalizavam 926 casos positivos e 9 óbitos confirmados.

⁷ Fonte: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>.

⁸ Dos 13 óbitos suspeitos registrados pela Rede Pró-YY entre 09/04/2020 e 23/10/2020, seis dos doentes tinham malária e três tinham antecedentes cardíacos.



Desta vez, além de ver suas mortes escamoteadas pela burocracia sanitária, os Yanomami sofrem a terrível experiência de ver o corpo de seus mortos confiscados pelo Estado. Esta prática foi implementada sem o menor diálogo e mesmo sem aviso desde o primeiro falecimento yanomami pela Covid-19: o óbito de um adolescente de quinze anos da comunidade de Helepe na região do Uraricoera⁹.

⁹ Ver neste relatório “Garimpo, malária e Covid-19: uma combinação desastrosa, Uraricoera”, p. 83.

O autoritarismo dessa medida suscitou protestos das lideranças yanomami¹⁰ e se transformou em escândalo nacional e internacional a partir do desaparecimento de vários bebês sanõma¹¹. Esta revolta contra o tratamento indigno dos mortos durante as epidemias, longe de ser específico aos Yanomami ou a outros povos ameríndios¹², é uma situação frequente no mundo e na história, especialmente em se tratando de populações submetidas a alguma forma de dominação externa¹³.

Sepultar vítimas yanomami sem o consentimento de seus familiares denota, no mínimo, uma inquietante ausência de empatia das autoridades sanitárias com o desamparo deste povo face à pandemia de Covid-19. Além disso, evidencia uma manifestação cabal de desprezo social e cultural característica das situações coloniais.

Para os Yanomami, dispor de um defunto sem rituais funerários tradicionais constitui um ato desumano e, portanto, infame. Após suas incursões bélicas entre aldeias, os antigos yanomami consideravam que esconder ou deixar desaparecer, na floresta, os corpos dos seus inimigos mortos a flechada seria a expressão de um excesso de hostilidade associada ao comportamento de animais ferozes ou de espíritos maléficos. Neste caso, os guerreiros costumavam oferecer uma trégua para que mães, esposas e irmãs de suas vítimas pudessem resgatar o corpo de seus mortos a fim de realizar os rituais funerários apropriados, permitindo que estes fossem devidamente chorados. Pode-se considerar, também, que os Yanomami preferem morrer a deixar seus defuntos sem ritos funerários. Um exemplo disso foi o caso dos sobreviventes do massacre de Haximu (1993) que, apesar de perseguidos pelos garimpeiros que haviam massacrado cruelmente uma parte de sua comunidade, não hesitaram em pôr suas vidas em risco

para resgatar e queimar os corpos de seus mortos ao longo do caminho de fuga¹⁴.

De acordo com os rituais yanomami, os defuntos devem ser cremados, e as cinzas dos seus ossos guardadas em uma cabaça para serem sepultadas ao longo de várias festas entre comunidades aliadas (*reahu*). O propósito destes rituais é “colocar em esquecimento” as cinzas do defunto e, assim, garantir a viagem sem retorno de seu fantasma (*pore*) até as “costas do céu”, onde viverá uma nova vida de festas e fartura entre seus pares. Na falta deste tratamento ritual das cinzas funerárias, considera-se que as almas dos mortos voltarão incessantemente, chamando os vivos durante seus sonhos e causando-lhes uma nostalgia e melancolia sem fim que poderá levá-los também à própria morte.

Conduzir o luto de seus mortos de maneira culturalmente apropriada é, então, tanto na sociedade yanomami quanto em qualquer outra, uma necessidade e um direito humano básico. Sem o respeito deste direito fundamental, os familiares das vítimas yanomami de Covid-19, além de perderem entes queridos¹⁵, deverão sofrer eternamente a ferida de um luto inextinguível. Podemos ter uma idéia deste sofrimento através das palavras de Davi Kopenawa, que viveu esta dramática experiência quando sua mãe, falecida numa epidemia de sarampo trazida pelos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, foi sepultada pelos pastores à sua revelia e do seu padrasto em um lugar até hoje desconhecido:

“Por causa deles, nunca pude chorar a minha mãe como faziam nossos antigos. Isso é uma coisa muito ruim. Causou-me um sofrimento muito profundo, e a raiva desta morte fica em mim desde então. Foi endurecendo com o tempo, e só terá fim quando eu mesmo acabar.” (Kopenawa & Albert, 2015: 267-268).

10 Ver [Amazônia Real](#) “Coronavírus: enterro de indígena sem ritual requer diálogo entre lideranças e o Ministério da Saúde, dizem especialistas”. 13/04/2020.

11 Ver neste relatório “Eu não quero voltar sozinha, sem o corpo do meu filho: o drama das mulheres sanõma”, p. 70.

12 Ver também a revolta dos Waiwai: [Amazônia Real](#) “É nosso direito enterrá-los” diz o povo Wai Wai sobre corpos de lideranças vítimas de Covid-19”. 10/08/2020.

13 Ver Lynteris & Evans (2018).

14 Ver [Folha de S. Paulo](#) “O massacre dos Yanomami de Haximu”. 03/10/1993.

15 Dos 23 mortos registrados pela Rede Pró-YY, nove são idosos, seis bebês, quatro jovens e quatro adultos.

ABOLIR A MORTE DO OUTRO

O “roubo” da morte de sua mãe por fanáticos religiosos descrito por Davi Kopenawa aponta para um ato de arbitrariedade constitutivo da situação colonial: o apagamento da memória e, portanto, da identidade dos povos dominados. Esta denegação memorial, impossibilitando qualquer trabalho de luto e de tratamento do passado em termos próprios (sociais, culturais), visa transformar suas vítimas em *tabula rasa* passível de inscrição do discurso dominante (religioso, político), cortando, assim, seus vínculos com a sua própria tradição.

Impedir que os defuntos sejam devidamente “colocados em esquecimento”, como insiste a expressão yanomami, significa impedir aos vivos de exorcizar a morte, de desligar-se pacificamente do passado e de desfazer-se da dor pela falta dos entes perdidos com serenidade, construindo densos laços simbólicos com o passado, individual e coletivo. O esquecimento processado de acordo com regras próprias liberta do peso do passado e permite ocupar plenamente um espaço aberto ao presente. Porém, o esquecimento confiscado em uma situação de dominação política impossibilita este processo libertador, perpetuando para sempre o peso das antigas dores e a marca do estigma da opressão.

A abolição das mortes e dos mortos yanomami de Covid-19 pelo Estado, tanto nas estatísticas epidemiológicas como nos enterros biosseguros secretos, remete a essa sinistra experiência colonial, mas também a outras estratégias oficiais de amnésia coletiva na história mais recente do Brasil, como a do “desaparecimento” de corpos e nomes das vítimas da ditadura militar¹⁶. De fato, apoderar-se dos mortos alheios para apagá-los da memória coletiva e negar o trabalho de luto dos seus familiares sempre foi a marca de um estágio supremo de barbárie alicerçado no desprezo e negação do Outro, étnico e/ou político.

ÓBITOS DE COVID-19 ENTRE OS YANOMAMI



23

10 óbitos confirmados

13 óbitos suspeitos

Casos com comorbidades conhecidas: 17

Casos Covid-19 + Malária: 9

Rede Pró-YY, atualização: 24/10/2020

ÓBITOS CONFIRMADOS

* óbito reconhecido pela Sesai/MS

1 Uraricoera, comunidade Helepe (RR). Rapaz yanomami, 15 anos.*

Óbito em 09/04/2020, Hospital Geral de Roraima, Boa Vista.

Comorbidade conhecida: *malária falciparum*.

Sepultado no Cemitério Campo da Saudade, Boa Vista.

2 Maturacá, comunidade Ariabu (AM). Idoso yanomami, 68 anos.*

Óbito em 23/05/2020, Ariabu.

Comorbidade conhecida: *malária falciparum*.

3 Venezuela, comunidade Silipa. Recém-nascida yanomami, 15 meses.

Óbito em 25/05/2020, Hospital da Criança, Boa Vista.

Sem comorbidades conhecidas.

Sepultado no Cemitério Campo da Saudade, Boa Vista.

4 Maturacá, comunidade Maturacá (AM). Idosa yanomami, 80 anos.*

Óbito em 30/05/2020, Maturacá.

Sem comorbidades conhecidas.

5 Surucucus, comunidade Wathou (RR). Jovem yanomami, idade exata desconhecida.*

Óbito em 02/06/2020, Casai-Y, Boa Vista.

Comorbidade conhecida: problemas cardíacos.

Sepultado seguindo protocolos de biossegurança em Boa Vista.

6 Maiá (AM). Idoso yanomami, idade exata desconhecida.*

Óbito 13/06/2020, na comunidade.

Comorbidades conhecidas: pressão alta e AVC recente.

7 Marauiá, comunidade Komixiwë (AM). Bebê yanomami, 5 meses.*

Óbito em 17/08/2020, Komixiwë.

Comorbidade conhecida: *malária vivax*.

8 Marari, comunidade Monopi (AM). Bebê yanomami, 9 meses.*

Óbito em 18/08/2020, Boa Vista.

Comorbidade conhecida: desnutrição.

Sepultado no Cemitério Campo da Saudade, Boa Vista.

9 Apiau (RR). Idosa yanomami, 88 anos.*

Óbito em 22/08/2020, Hospital Geral de Roraima, Boa Vista.

Sem comorbidades conhecidas.

Sepultado seguindo protocolos de biossegurança em Boa Vista.

10 Alto Mucajai (RR). Idoso Ninam, 76 anos.*

Óbito em 30/09/2020, Hospital de Campanha, Boa Vista.

Comorbidade conhecida: pneumonia.

Sepultado seguindo protocolos de biossegurança em Boa Vista.

ÓBITOS SUSPEITOS

1 Missão Catrimani, comunidade Nara Uhi (RR). Recém-nascido yanomami.

Óbito em 28/04/2020, maternidade de Boa Vista.

Sepultado seguindo protocolos de biossegurança no Cemitério Campo da Saudade, Boa Vista.

2 Auaris, comunidade Katonau (RR).
Recém-nascido yanomami.

Óbito em 25/05/2020, maternidade de Boa Vista.
Mãe da criança testou positivo para Covid-19.
Sem comorbidades conhecidas.
Sepultado seguindo protocolos de biossegurança no Cemitério Campo da Saudade, Boa Vista.

3 Kayanau, comunidade Toritha (RR).
Moça yanomami, 13 anos.

Óbito em 23/06/2020, Toritha.
Estava com dor no peito e dificuldade para respirar. Seus familiares foram removidos para Boa Vista e testaram positivo para Covid-19.
Comorbidade conhecida: **malária**.

4 Arathau (RR).
Mulher yanomami, 23 anos.

Óbito em 27/06/2020, Boa Vista.
Em estado grave, foi internada e faleceu no Hospital Geral de Roraima.
Comorbidade conhecida: problemas cardiovasculares.
Sepultada seguindo protocolos de biossegurança em Boa Vista.

5 Marauíá, comunidade Balaio (AM).
Mulher yanomami, 53 anos.

Óbito em julho, Balaio.
Em tratamento para Covid-19 até o óbito.
Comorbidades conhecidas: diabetes, esteatose hepática e **malária falciparum**.

6 Marauíá, comunidade Tabuleiro (AM).
Idoso yanomami, 78 anos.

Óbito em julho, Tabuleiro.
Recebeu tratamento para Covid-19 até falecer.
Comorbidades conhecidas: desnutrição e **malária**.

7 Baixo Catrimani (RR).
Homem yanomami, 50 anos.

Óbito em 18/07/2020, Boa Vista.
Foi removido do polo Missão Catrimani para Boa Vista, onde deu entrada no Hospital Geral de Roraima e faleceu. Recebeu tratamento para Covid-19.
Sem comorbidades conhecidas.
Sepultado seguindo protocolos de biossegurança em Boa Vista.

8 Marauíá, comunidade Serrinho (AM).
Jovem yanomami, 19 anos.

Óbito em 20/07/2020, Serrinho.
Esteve em Manaus e Santa Isabel do Rio Negro, faleceu quatro dias após o retorno à comunidade. Recebeu tratamento para Covid-19.
Comorbidade conhecida: pênfigo.

9 Marauíá, comunidade Pohoroá (AM).
Idoso yanomami, 70 anos.

Óbito em agosto, Pohoroá.
Em tratamento para Covid-19, quadro agravou, com dor no corpo, falta de ar e rouquidão.
Comorbidade conhecida: **malária**.

10 Maturacá (AM)
Idosa yanomami, 78 anos.

Óbito em 12/08/2020, Maturacá.
Contato com caso confirmado na comunidade.
Após agravamentos dos sintomas, faleceu em poucos dias.
Comorbidade conhecida: hipertensão.

11 Palimiu, comunidade Yakeplaopi (RR).
Idosa yanomami, 78 anos.

Óbito em setembro, Palimiu.
Sintomática, estava com falta de ar e dor de garganta.
Comorbidade conhecida: **malária**.

12 Palimiu, comunidade Walomapi (RR).
Mulher yanomami, cerca de 60 anos.

Óbito em setembro, Palimiu.
Sintomática, com falta de ar e dor de garganta.
Comorbidade conhecida: **malária**.

13 Auaris, comunidade Polapi (RR).
Bebê yanomami, 11 meses.

Óbito em 23/10/2020, no Hospital da Criança, Boa Vista.
Sintomática, foi internada em estado grave.
Comorbidade conhecida: pneumonia.
Sepultado seguindo protocolos de biossegurança em Boa Vista.



CRONOLOGIA DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

ING CONTI
COVID-19

Pression

FOR
OPRE

ntaminac

YANOMAMI: NEAR T

Os Yanomami

DO



02/03

Davi Kopenawa denuncia a omissão do Governo Bolsonaro com os povos indígenas ao Conselho de Direitos Humanos da ONU.



02

MARÇO

03

04

05

06

07

08

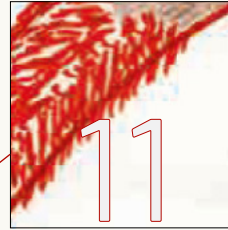
02/03

“São eles que cuidam verdadeiramente da floresta. São os Moxihatëtëa e todos os povos isolados da Amazônia que ainda guardam a última floresta. Mas os brancos não sabem disso, porque eles não compreendem a língua desses povos. Os brancos apenas pensam: ‘O que eles estão fazendo aqui? E quando os brancos chegam, são suas epidemias que chegam também com eles. Talvez em breve estarão exterminados. É o que eu acho. Os garimpeiros, sem dúvida, vão matá-los com suas espingardas e suas doenças, a sua malária, a sua pneumonia... [...] A ONU precisa falar com as autoridades do Brasil para retirar - imediatamente - os garimpeiros que cercam os isolados e todos os outros em nossa floresta.”

Davi Kopenawa, Conselho de Direitos Humanos da ONU.

11/03

Covid-19 é caracterizada como pandemia pela OMS.



11/03

MPF-RR recomenda suspensão imediata do plano do Dsei-Y de aproximação com os Yanomami isolados para garantir a sua segurança e seu direito de viver em isolamento voluntário.



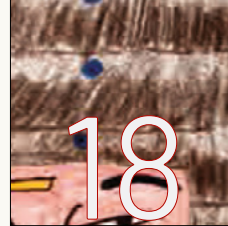
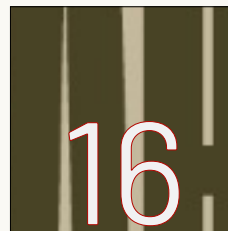
Casa coletiva do grupo yanomami em isolamento voluntário, Moxihatêtêma.

16/03

Sesai divulga o "Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus em Povos Indígenas", mas não detalha ações específicas aos contextos indígenas.

17/03

Portaria da Funai (nº 419/PRES) restringe entrada em Terras Indígenas, mas não garante a proteção de dezenas de TIIs que sofrem invasões.



16/03

Em reunião, conselheiros indígenas do Condisi denunciam o alto índice de malária, a escassez de medicamentos e de equipamentos de saúde na TIY.

16/03

1º informe da Sesai sobre a pandemia recomenda a adoção de medidas restritivas à entrada nas terras indígenas, exceto para os profissionais dos Dseis (Ofício nº 13/2020/Dasi/Sesai/MS).

18/03

Carta dos conselheiros do Condisi solicitam ao Dsei-Y a apresentação de um plano de contingência frente à Covid-19 na TIY e na Casai-Y.

19/03

HAY faz alerta em comunicado:

“Queremos deixar um recado para as autoridades responsáveis do Ministério da Saúde, Ministério da Justiça e Funai. Vocês devem cuidar para que essa epidemia não entre na Terra Indígena Yanomami. Nossos xamãs estão trabalhando e protegendo a todos nós. Vocês também devem fazer o trabalho de vocês para evitar a entrada da epidemia pelos caminhos que foram abertos pelos não indígenas para invadir nossas casas.”



Xamanismo durante reunião do Conselho Distrital de Saúde Indígena, 2020.

29/03

“O vírus tá aí, vamos ter de enfrentá-lo [...]. É a vida, todos nós vamos morrer um dia.” Jair Bolsonaro

19

20

21

27

28

29

20/03

Em nota, Apib cobra do Governo plano de ação emergencial frente à vulnerabilidade dos indígenas na pandemia.

20/03

Divulgação da primeira versão do Plano de Contingência do Dsei-Y

27/03

“Eu quero chamar atenção das autoridades não-indígenas, pois na nossa Terra Indígena Yanomami cada vez mais está aumentando os garimpeiros ilegais, estes garimpeiros ilegais estão entrando nas comunidades não são examinados por médicos de Coronavírus, eles vão nos contaminar de doença novo Coronavírus!”
Comunicado da HAY

21/03

Portal G1:
“Governo confirma dois primeiros casos de coronavírus em RR”

Abastecimento de garimpo. Rio Uraricoera, 2020.



01/04

Amazônia Real: “Sesai confirma primeiro caso de coronavírus em indígena brasileiro”.



Balsa de garimpo no rio Uraricoera, TIY, 2020.

06/04

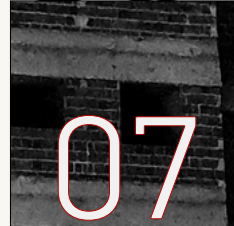
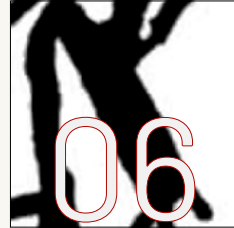
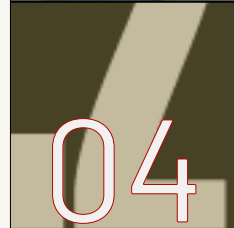
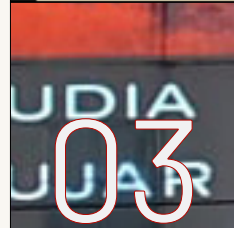
Observatório da Mineração: “Maior terra indígena do Brasil, TI Yanomami sofre com 25 mil garimpeiros ilegais. Alta do ouro preocupa lideranças que tentam evitar disseminação da Covid-19”

07/04

Roraima em Tempo: “Denúncia indica influência de senador de RR em contrato de transporte aéreo para o Dsei-Y”. Ofício indica interferência no contrato com a empresa Piquiatuba Táxi Aéreo.



ABRIL



04/04

Lançamento da Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas.



#CóleraAlegria



10/04

Comissão Interamericana de Direitos Humanos faz recomendações aos Estados em relação aos impactos da pandemia sobre os direitos humanos, com pontos específicos relativos aos direitos indígenas (Resolução 01/2020).

10/04

HAY alerta:

“O vírus pode invadir nossa terra, junto com os invasores que buscam ouro. Nós Yanomami estamos muito preocupados e receosos com a possibilidade do Covid-19 se espalhar nas nossas comunidades. A morte do nosso parente é um alerta. Solicitamos aos órgãos públicos de saúde, à Sesai e Dsei-Y redobrar esforços para evitar o contágio dos Yanomami com essa nova doença que nem os não indígenas conhecem e sabem curar”.

12/04

“Quarenta dias depois, parece que está começando a ir embora a questão do vírus” Jair Bolsonaro

13/04

Amazônia Real: “Coronavírus: enterro de indígena sem ritual requer diálogo entre lideranças e o Ministério da Saúde, dizem especialistas”

08/04

Amazônia Real: “Ministério da Saúde registra primeiro caso de Covid-19 em Yanomami”.

08

09

10

11

12

13

08/04

Confirmado o 1º caso de Covid-19 entre os Yanomami.

09/04

Morre 1º Yanomami confirmado com Covid-19. Jovem da comunidade Helepe, na região do Uraricoera (RR), que também estava com malária, passou semanas em busca de atendimento médico, retornou à comunidade, de onde foi removido em estado grave. Faleceu em Boa Vista.



Sepultura do jovem yanomami em Boa Vista.

09/04

BBC News Brasil: “Em meio à Covid-19, garimpo avança e se aproxima de índios isolados em Roraima”

09/04

Amazônia Real: “Morre jovem Yanomami por Covid-19, em Roraima, diz Sesai”.

15/04

Bruce Albert, *Amazônia Real*:
"Sepultamento de Yanomami vítima da Covid-19".

17/04

Rubens Valente, *Uol Notícias*: "Terras Indígenas mais vulneráveis a Covid são de SP, RR e AM, indica estudo". Entre elas, a TIY.

16/04

Jair Bolsonaro demite o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta.

17/04

HAY denuncia indícios de má gestão e improbidade administrativa dos órgãos públicos de atendimento à saúde indígena na condução do caso médico da primeira vítima yanomami da Covid-19.

17/04

Nelson Teich assume o Ministério da Saúde.

17/04

Em ofício, HAY recomenda que sejam reforçadas as medidas para evitar a disseminação da Covid-19 na TIY e na Casai-Y.

14

15

16

17

18

19

20



Área de garimpo na TIY, 2020.

14/04

HAY, em ofício, relata novo acampamento de garimpeiros:

"A comunidade Korekorema, nas margens do rio Uraricoera, relatou que, desde o início de abril, um grupo de garimpeiros de aproximadamente 50 pessoas havia montado um acampamento, levantando seus barracões e preparando suas balsas de raspar terra nas proximidades da comunidade, rio acima. [...] É urgente que seja averiguado a instalação do novo acampamento de garimpo em Korekorema, antes que traga impactos irreversíveis à comunidade"

20/04

"Ô, ô, ô, cara. Eu não sou coveiro, tá?" Jair Bolsonaro

24/04

Amazônia Real:
"Coronavírus: Indígenas estão sendo infectados dentro das Casais no Amazonas e Roraima".

28/04

"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?"

Jair Bolsonaro

28/04

MPF-RR ajuíza ação contra a União, a Funai, o Ibama e o ICMBio, para obrigá-los a tomar medidas contra o avanço do garimpo ilegal nos últimos meses e conter a disseminação da Covid-19 entre os indígenas.

29/04

Em ofício, HAY, solicita dados sobre contágios e ações emergenciais diante da pandemia: "É obrigação dos órgãos públicos fornecer dados confiáveis e agir com transparência nestas situações".

23/04

Após denúncias, Dsei-Y remove 40 indígenas do grupo Xexena das ruas de Boa Vista: 21 são levados de volta às suas comunidades sem cumprir quarentena e outros 19, com suspeita de Covid-19, são encaminhados à Casai-Y.

26/04

Em carta, a Associação Kurikama Yanomami, solicita ao Dsei-Y que todos os profissionais de saúde saiam de área, proibindo futuras entradas até o final da pandemia.

23

24

25

26

27

28

29

28/04

Amazônia Real:
"Para escapar do coronavírus, Yanomami se refugiam no interior da floresta".



28/04

Morre 1º Yanomami com suspeita de Covid-19. Bebê que nasceu em Boa Vista, após mãe ser removida da região da Missão Catrimani (RR) e testar positivo para Covid-19, faleceu na maternidade.

"Estávamos na nossa comunidade de Nara Uhi quando Rosinete [minha mulher] começou a se sentir mal. Teve tosse, diarreia, febre, dor de cabeça, dor no peito e muita dor na barriga. [...] No dia 27 fomos removidos para Boa Vista à tarde. Chegamos em Boa Vista quase a noite, ela estava com muita dificuldade de respirar, estava muito fraca e quase morreu! [...] Na maternidade, meu filho morreu. No dia 28 mesmo, no dia em que nasceu. Nasceu de manhã e de noite morreu. [...] O médico não disse porque morreu. Ele só me perguntou: "Ei, você é papai?" "Sim, eu sou papai." "Desculpa aí, seu filho morreu. Ele estava com muita dificuldade de respirar e por isso morreu."

Remo Yanomami, Missão Catrimani

02/05

“Uma técnica de enfermagem [não-indígena] foi removida do Catrimani para Boa Vista com o coronavírus. Estou muito triste com a situação dos Yanomami agora. [...] Uma liderança começou a ficar doente. Depois, o filho também foi para o xamã. Na sexta-feira (24 de abril) o pai e filho desceram para o posto de saúde da Missão Catrimani. Uma mulher chegou muito grave ontem no posto [...].” Dário Kopenawa, *Amazônia Real*



01

MAIO

02

03

04

05

02/05

Amazônia Real: “Novos casos de Covid-19 em funcionários indígenas impõe alerta na Terra Yanomami”.

02/05

HAY, em nota, denuncia a contaminação entre funcionários da Sesai que atuam em área e na Casai-Y e a falta de testes: “Não podemos fingir que o problema é pequeno só porque ele não aparece nos dados do governo. Esses casos confirmados mostram que o problema é bem maior, e significa que muitos outros parentes também estão contaminados”.

04/05

Câmara dos Deputados aprova pedido de urgência para votação do plano emergencial para os povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais da Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas (PL 1142/20).

05/05

Em carta, HAY cobra ações emergenciais diante da pandemia: “Quais são os procedimentos e cuidados que as equipes de saúde estão tendo nos casos dos funcionários contaminados e as pessoas que tiveram contato com eles nos seus locais de trabalho? Qual a previsão de que os pacientes que receberam alta retornem a suas comunidades? Que ações estão sendo tomadas pelo Dsei-Y para viabilizar que os pacientes de alta cumpram uma quarentena mandatária antes de terem contato com outros indígenas?”



06/05

Em comunicado, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos convoca os Estados a tomarem medidas específicas aos indígenas frente à Covid-19.

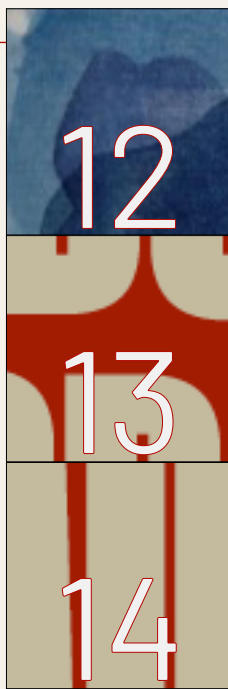
07/05

“Eu continuo aqui em Boa Vista, mesmo que há muito tempo minha filha já esteja curada. Meu neto ficou de alta no dia 3 de abril, no dia 14 de abril abriram a quarentena e esperei até o dia 28 de abril, quando terminou, eu fiquei à toa esperando para ir para casa. Terminamos a quarentena, fizemos exame e deu negativo. Então, voltaríamos dia 21, mas os brancos proibiram a gente de voltar para casa.” Gerson Blene, Toototopi

12/05

Em ofício, HAY questiona as autoridades:

“Quais medidas estão sendo tomadas para garantir o atendimento à saúde indígena no âmbito do Hospital de Campanha tendo em vista as limitações dos respectivos Dseis [...]?”



14/05

Rede Pró-YY encaminha à 6CCR/MPF a “Nota técnica para contribuir ao combate da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami”.

15/05

Com menos de um mês no cargo, Teich deixa o Ministério da Saúde.

20/05

“Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaina.”

Jair Bolsonaro

#CóleraAlegria



21/05

Plano Emergencial para os povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais é aprovado pela Câmara dos Deputados (PL 1142/2020).

17/05

Rubens Valente, Uol Notícias: “Yanomâmis na 'iminência de grave crise' com a Covid-19, alerta nota técnica”.

15

16

17

18

19

20

21

15/05

“Sabemos que somos muitos na lista de alta e queremos ficar isolados na nossa comunidade antes que essa Xawara chegue na Casai Yanomami. É isso que nós Yanomami queremos.” Carta dos pacientes de alta da Casai-Y

18/05

Dados de monitoramento do Imazon indicam que a TIY como a segunda Terra Indígena com maior área desmatada no mês de abril.

Garimpo próximo ao rio Couto Magalhães, TIY, maio de 2020.





#BarreiraY

22/05

Instituto Escolhas divulga estudo: "A nova corrida do ouro na Amazônia". Estimulado pelo preço do ouro no mercado internacional, de janeiro a maio, o Brasil exportou 29 toneladas de ouro.

23/05

Morre 2º Yanomami confirmado para Covid-19. O Idoso de Maturacá (AM), que também estava com malária, faleceu em sua aldeia.

25/05

Morre 3º Yanomami confirmado para Covid-19. A bebê do grupo sanöma, de origem da comunidade Silipa (Venezuela), estava com sua família na região de Auaris (RR) quando foi removida para Boa Vista em estado grave e seguiu direto para a UTI, onde faleceu.

22

23

24

25

22/05

"Eu não sei se o sintoma da Covid é esse, porque aqui em Maturacá está dando essa virose braba. Ela dá o febrão da malária, falta de ar e chega o nariz fica todo entupido, [...] a gente tá desconfiado que essa doença já está por aqui."

Morador de Maturacá

25/05

28 anos após a homologação da TIY e diante do avanço da Covid-19, a Rede Pró-YY oficializa sua atuação nas redes sociais divulgando boletins de monitoramento do novo coronavírus e informações relevantes a respeito dos Yanomami e Ye'kwana.

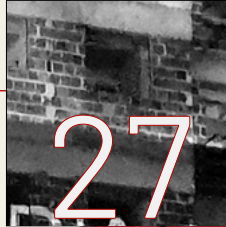
25/05

Morre 2º Yanomami com suspeita de Covid-19. A bebê, do grupo sanöma, da comunidade Katonau em Auaris (RR), faleceu na maternidade em Boa Vista.



27/05

Expedicionários da Saúde apresentam ao Dsei-Y um plano de instalação de Uapis em pontos estratégicos na TIY.



27

28/05

Rede Pró-YY divulga o primeiro boletim do monitoramento do avanço da Covid-19 na TIY.

Casos confirmados: 44.



28



29

30/05

MPF: "MPF vai ao TRF1 para garantir plano emergencial de combate à Covid-19 na TI Yanomami"



30

30/05

Morre 4º Yanomami confirmado para Covid-19. A idosa de Maturacá (AM) faleceu em sua aldeia.



31



31/05

HAY e Taner denunciam grave situação sanitária na TIY:

"Não é verdade que a saúde dos povos Yanomami e Ye'kwana na Terra Indígena Yanomami está melhorando. A malária está aumentando em diversas regiões, onde as comunidades informam às associações na cidade de Boa Vista pedindo ajuda no atendimento. Muitos Yanomami estão sendo contaminados com a Covid-19 na própria Casai, porque o número de funcionários contaminados trabalhando lá está muito alto. Por isso também os Yanomami estão com medo da entrada das equipes de saúde nas comunidades: muitos foram removidos com sintomas da Covid-19 alguns dias depois de chegarem nos postos de saúde. Tudo isso mostra que o Plano de Contingência contra o Covid-19 não está funcionando".



01/06

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: 55

01

JUNHO

02/06

Morre 5º Yanomami confirmado para Covid-19.

O jovem havia sido removido de sua comunidade Wathou, na região de Surucucus (RR), e estava em isolamento na Casai-Y, onde faleceu.

02

02/06

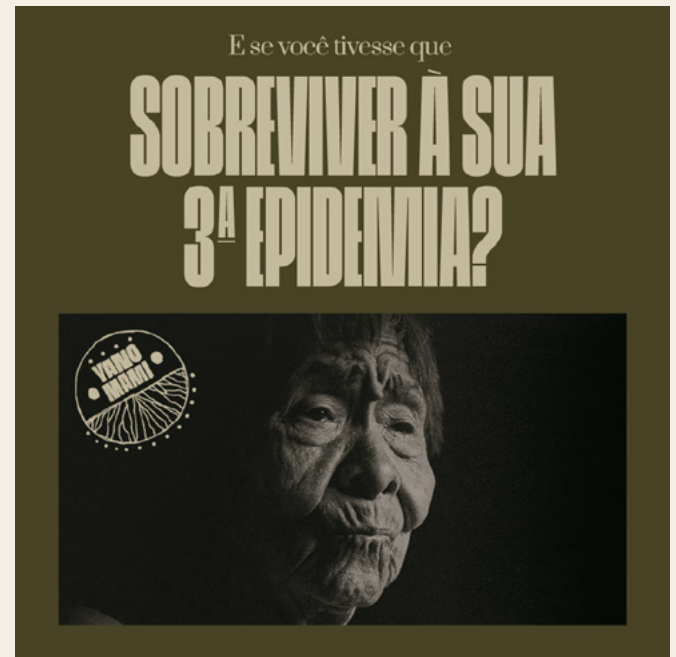
Lançamento da Campanha #ForaGarimpoForaCovid consegue 200 mil assinaturas em 24hrs.

“Ele tinha problemas no coração, aí por isso ele veio removido para a cidade e aqui tinha muita Covid. Por essa Covid ser muito forte e por ele ter problemas no coração, ele morreu! Ele se contaminou aqui na Casai.”

Arthur Yanomami, Wathou, Surucucus

02/06

Relatório “O impacto da pandemia na Terra Indígena Yanomami: #ForaGarimpoForaCovid”, do ISA/UFMG/Fiocruz, indica provável explosão da Covid-19 nas aldeias.



02/06

“A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo.”

Jair Bolsonaro

02/06

BBC News Brasil.
“Covid-19 ameaça aldeias yanomamis vizinhas a garimpo”



03/06

General Eduardo Pazuello é oficializado como Ministro interino da Saúde.

04/06

Monitoramento da Rede Pró-YY

Casos confirmados: **68**

05/06

Amazônia Real: "Morte por Covid-19 sobe para 4 entre os Yanomami, diz organização indígena". Reportagem denuncia a situação caótica na Casai-Y.

06/06

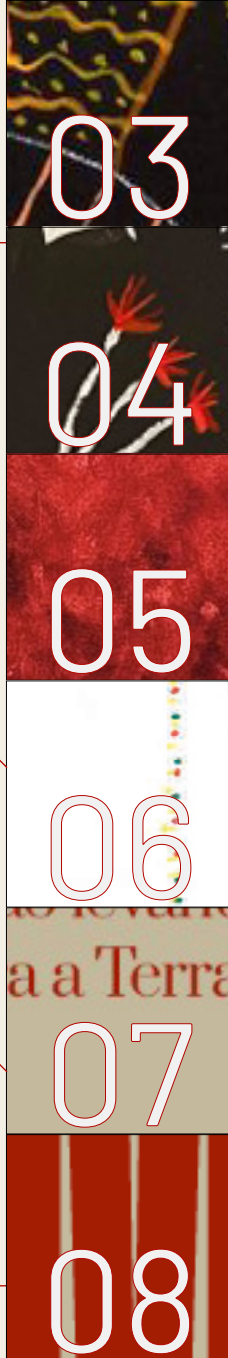
Instalação da Unidade de Atenção Primária Indígena em Maturacá/AM.

07/06

Pressionado, o Coordenador do Dsei-Y, Francisco Dias, pede exoneração após menos de um ano no cargo.

07/06 e 08/06

Ação interministerial em Maturacá (AM).



08/06

Monitoramento da Rede Pró-YY

Casos confirmados: **82**



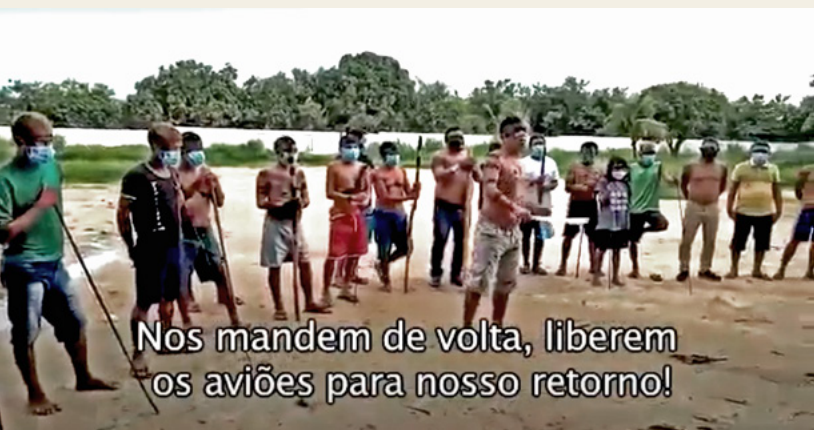
03/06

"Nós povo Yanomami já fizemos grande reunião do Fórum de Lideranças, a gente decidiu, a gente tomou iniciativa, como nós lideranças vamos proteger o nosso território. Que forma a gente pode retirar os garimpeiros, que forma a gente pressionar os órgãos públicos? [...] Por isso nós estamos fazendo essa campanha Fora Garimpo, Fora Covid para chamar atenção dos não indígenas, dos órgãos públicos e outras autoridades também, para se preocupar e ajudar a população yanomami." Dário Kopenawa, Live #ForaGarimpoForaCovid

09/06

“Quando estamos em nossas terras, quando tem uma doença forte, quando algum de nós morre, nós erguemos o corpo lá no alto, então só queremos que seja feito assim! Aqui nessa terra, vocês fazem as coisas atrapalhadas conosco, nós não queremos que vocês nos enterrem! Nós não queremos nos contaminar!”

Liderança de Okomu



Nos mandem de volta, liberem os aviões para nosso retorno!

13/06

Deputada Joenia Wapichana envia ofício nº. 28 ao MS e à Sesai, relatando a grave situação da saúde em Roraima e reforçando a urgência da abertura do Hospital de Campanha.

09

10

11

12

13

13/06

Morre 6º Yanomami confirmado para Covid-19.

O idoso, da região do Maiá, faleceu em sua aldeia.

09/06

Na Casai-Y, lideranças yanomami fazem manifestação para exigir o retorno imediato à TIY dos pacientes com alta médica que já cumpriram quarentena.

09/06

Época: “Contra coronavírus, índios decretam lockdown em aldeias”. Denuncia a grave situação em Maturacá (AM) com muitos casos de malária e Covid-19.

10/06

Carta de lideranças de Auaris (RR) denuncia o aumento da malária na região e a redução de recursos humanos para o tratamento nas comunidades.

13/06

Monitoramento da Rede Pró-YY

Casos confirmados: **98**

#CóleraAlegria



14/06

Dois Yanomami são assassinados por garimpeiros na comunidade Xaruna, na região do Parima (RR).

14/06

“Vocês destroem a terra, as florestas, matam os povos indígenas, provocam mudanças climáticas no mundo inteiro. O que está acontecendo é resultado do homem branco não deixar a mãe terra em paz. Quando a doença voltar para debaixo da terra, ela já vai ter comido os não-indígenas e indígenas e vamos viver como restos de comida. Para vocês, será uma nova vida. Mas nós já sabemos que tudo foi resultado da vingança da mãe terra. Nós já a entendemos. A pandemia vai deixar uma mensagem para vocês entenderem que é uma vingança universal. Vocês, como brancos, vão aprender que estão na nossa casa.” Dário Kopenawa, Ecoa/Uol

14

15

16

17

18

19

19/06

Com três meses de atraso, é inaugurado o Hospital de Campanha de Boa Vista.

15/06

Entrega do relatório “Impacto de la Covid-19 en los pueblos Yanomami y Ye'kwana” da Rede Pró-YY à ONU.

15/06

Deputada Joenia Wapichana, em ofício, denuncia a falta de leitos na UTIs do Hospital Geral de Roraima, ausência de medicamentos necessários em quantidade suficiente e demais materiais para o tratamento de infectados pela Covid-19, além do atraso da inauguração do Hospital de Campanha.

16/06

HAY e CNDH pedem medida cautelar na CIDH-OEA com o intuito de reconhecer a obrigação do Estado brasileiro de tomar medidas concretas para a proteção dos direitos dos povos da TIY na pandemia, entre elas, a retirada dos garimpeiros.

17/06

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: 144

17/06

Portal G1: “Justiça Federal determina reativação de Bases de Proteção em Terra Indígena Yanomami”.

16/06

Senado aprova PL 1142/2020 e cria o Plano Emergencial para Enfrentamento à Covid-19 nas Terras Indígenas.

19/06

Rubens Valente, Uol Notícias: “Covid: após protesto contra Saúde, yanomamis conseguem regressar às aldeias”

21/06

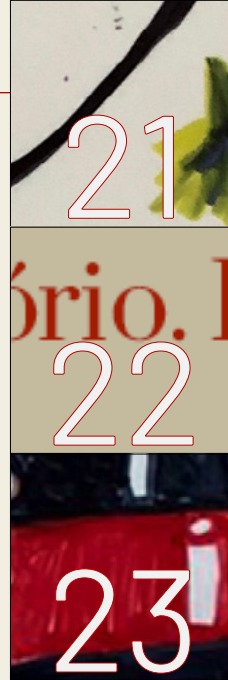
Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: 168

23/06

“Foram dois que morreram, foram realmente dois. Não estou mentindo, estou falando a verdade. Dois corpos estão pendurados no jirau, no mato. [...] Eu sou morador de Parima e cheguei aqui. Cheguei ontem mesmo e quero lhe entregar as minhas palavras sobre os mortos. Lá, os garimpeiros. Na minha floresta têm muitos garimpeiros, eles estão se reunindo, se agrupando e por isso os garimpeiros ficaram agressivos conosco. Rio acima eles buscaram incessantemente, depois que o ouro acabou, eles desceram pelo rio para a nossa floresta. Depois que chegaram à nossa floresta, eles se tornaram numerosos e estão se espalhando por vários lugares. Quando eles chegaram, eles mataram dois yanomami moradores da minha comunidade Xaruna. [...]. Nós estamos pensando, se isso continuar acontecendo, vão acabar conosco. Eles querem acabar conosco, nós estamos pensando!”

T. Yanomami*, Arathau

* Nome alterado para preservar a identidade da pessoa.



22/06

Transparência Brasil: “Apenas 39% das verbas federais para combate à pandemia entre povos indígenas foram de fato executadas”.

23/06

Amazônia Real: “Saúde Yanomami denuncia à PF conflito entre indígenas e garimpeiros em Roraima”.

23/06

Morre 3º Yanomami com suspeita de Covid-19.
A jovem de Toritha, da região de Kayanau (RR), com fortes dores no peito, falta de ar e malária, faleceu em sua comunidade dias depois de seus familiares serem removidos para Boa Vista, onde testaram positivo para o novo coronavírus.



24/06

Eliane Brum, [El País Brasil](#):

“Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês”. Denúncia sobre o sumiço dos corpos das crianças yanomami que faleceram em Boa Vista.

26/06

Com a repercussão do artigo de Eliane Brum, a hashtag [#CriançasYanomami](#) é trend topics do Twitter.

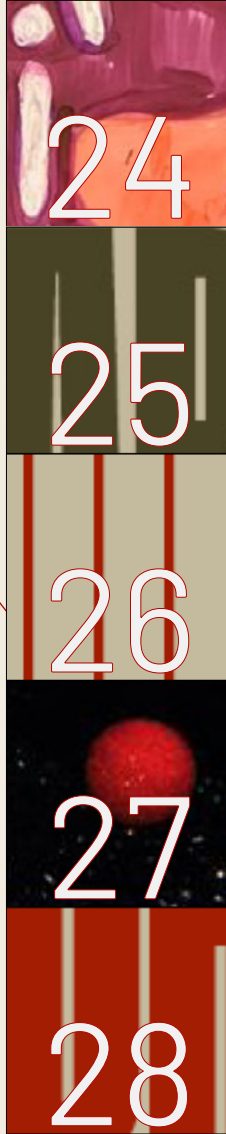
27/06

Nota da prefeitura de Boa Vista alegando que dois dos 3 corpos das crianças que sumiram eram Makuxi e não Yanomami.

28/06 Amazônia

Real: “Crianças Yanomami: Três corpos de bebês estão em cemitério e um no IML de Boa Vista (RR)”

Sepultura de bebê sanõma em Boa Vista.



25/06

HAY publica nota sobre os dois Yanomami assassinados: “Foi uma situação como esta em 1993 que resultou no massacre de Haximu, primeiro caso de genocídio reconhecido pela Justiça Brasileira. 27 anos depois do massacre, temos notícia de que garimpo está novamente instalado em Haximu.”



Sobreviventes do massacre do Haximu.

27/06

Morre 4º Yanomami com suspeita de Covid-19. A mulher de Arathau (RR) estava na Casai-Y e foi internada em Boa Vista, no Hospital Geral de Roraima, onde faleceu.

28/06

Rubens Valente, [Uol Notícias](#): “Indígenas alertam possível foco de covid-19 nos Yanomami gerado por garimpo”. “Temos notícia de que pelo menos 15 pessoas estão doentes e que 4 idosos estão muito fracos e com quadro respiratório muito ruim, um deles é meu pai. Isso nos preocupa muito! Lá no posto de saúde temos somente um cilindro de oxigênio e não tem nenhum remédio antitérmico!” Carta da comunidade de Waikás

29/06

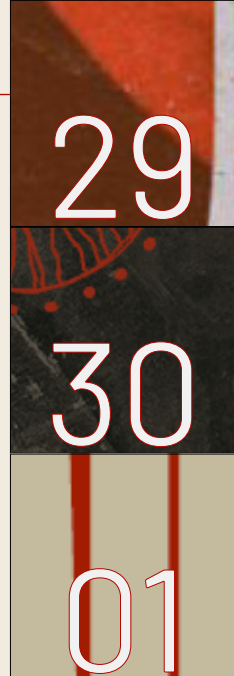
HAY, em ofício, solicita cópia dos atestados de óbito dos cinco corpos sepultados em Boa Vista, uma vez que essas cópias não foram entregues às suas famílias conforme direito estabelecido por lei.

Morre 5º Yanomami com suspeita de Covid-19.

A mulher, da comunidade Balaio no Marauaiá (AM), que também estava com malária, faleceu em sua aldeia.

Morre 6º Yanomami com suspeita de Covid-19.

O idoso, respeitado xamã da comunidade Tabuleiro no Marauaiá (AM), que também estava com malária, faleceu em sua aldeia.



29/06

Em nota, a Rede Pró-YY responde às afirmações equivocadas da Prefeitura de Boa Vista sobre os corpos das #CriançasYanomami.

29/06

Apib, em parceria com a Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Povos Indígenas, lança o plano de enfrentamento à Covid-19: "Emergência Indígena", reunindo diretrizes sobre cuidado integral e diferenciado, ações judiciais de incidência política e estratégias de comunicação e informação sobre medidas de prevenção ao novo coronavírus.

29/06

"Quando eu saí de lá já estava chegando teste rápido. Mas pelos sintomas era ela mesma. Lá do outro lado, na região do Waikás já tem casos e muito!"

Y Xirixana*, Ericó

01/07

Portal G1: "Ministro da Defesa minimiza tensão entre índios e garimpeiros na Terra Yanomami e diz que conflitos 'não são corriqueiros'"

01/07

AFP, Uol Notícias: "Pandemia em terras indígenas está 'sob controle', diz ministro da Defesa"

29/06 a 01/07

Missão interministerial em Waikás, Auaris e Surucucus (RR).





02/07

Rede Pró-YY publica nota sobre a subnotificação dos casos de Covid-19 e o uso de testes rápidos na TIY.

02/07

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **188**

02/07

HAY publica nota de repúdio às declarações do Ministro da Defesa.

02/07

Em ofício, HAY solicita que “seja informada formalmente de todos os óbitos que possam vir a ocorrer e que as famílias sejam devidamente informadas de todos os procedimentos que serão realizados com os corpos, em língua indígena; que seja feita a clara identificação dos locais de sepultamento na cidade para garantir a exumação assim que possível.”



02/07

MPF apura denúncias sobre a missão interministerial no combate à pandemia de Covid-19 nas TIIs de Roraima.

02/07

Amazônia Real: “Mãe Yanomami recebe corpo de bebê que ficou dois meses no IML de Roraima”.



03/07

Portal G1: "Condenado por genocídio de índios, dono de garimpo ilegal na Terra Yanomami é preso com ouro em RR". Com 2kg de ouro, Pedro Emiliano Garcia, único brasileiro vivo condenado pelo genocídio de Haximu.

03/07

"Então é assim que os garimpeiros fazem: Lá na minha casa, eles entram levando bebidas alcoólicas muito fortes! Eles querem fazer amizade, chamam as mulheres. Dizem: "Ei, minha mulher!". Eles dormem com elas, é assim que eles fazem! E por eles terem começado a fazer isso, nós pegamos a doença."

T. Yanomami*, Kayanau

03/07

TRF-1 determina que a União, Funai, Ibama e ICMBio adotem plano emergencial para conter o avanço da doença na TIY, contemplando, entre outros pontos, o combate ao garimpo ilegal.

03/07

Dário Kopenawa, reúne-se com Mourão e pede o fim do garimpo. Este se compromete a reabrir as quatro Bases de Proteção Etnoambiental que servem como postos de fiscalização e controle na TIY.

03

03/07

Após reunião com Dário Kopenawa, Mourão nega, em seu Twitter, a presença de 20 mil garimpeiros na TIY, afirmando que seriam "apenas" 3,5 mil.

03/07

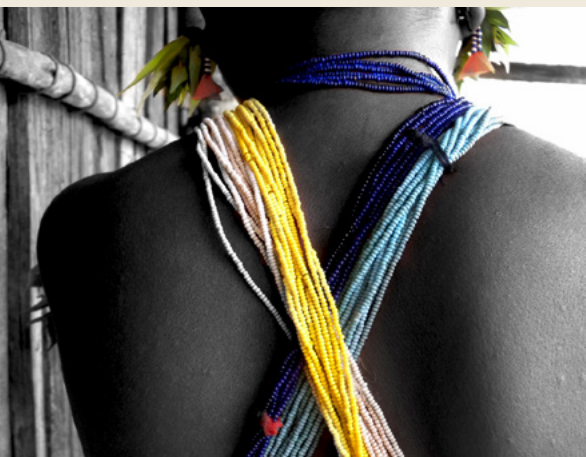
"Nós contamos 20 mil garimpeiros na nossa terra. O governo fala 3.500. Ou seja, mais fácil tirar, não é? O importante é acabar o garimpo e tirarem a xawara #Covid19 da nossa casa. Awei! [...] O General Mourão disse que vai resolver o problema, garantiu pra mim, mas ele não explicou direito como vai resolver. Perguntem pra ele como vai fazer a desintrusão já da Terra Indígena Yanomami. Perguntem pra ele: #EaíMourão?" Dário Kopenawa, Twitter



03/07

Em ofício ao Vice-Presidente Hamilton Mourão, HAY solicita:

1. A retirada de todos os invasores da Terra Indígena Yanomami;
2. A destruição de todo equipamento usado para a prática de crimes e a destruição de pistas de pouso clandestinas;
3. A prisão dos invasores e o avanço de investigações aprofundadas sobre a cadeia do ouro ilegal;
4. A reabertura das Bases de Proteção Etnoambiental de Serra da Estrutura e Korekorema e a manutenção da Base no rio Mucajai;
5. O fortalecimento da fiscalização no espaço aéreo de Roraima e Amazonas;
6. Um plano de alerta precoce e resposta rápida que possa ser rapidamente executado para retirar novos invasores;
7. A elaboração e implementação de um Plano de Proteção e Fiscalização da TIY por uma comissão interinstitucional incluindo o Exército, Funai, Ibama, ICMBio, Receita Federal, MPF, MJ e representantes indígenas."



08/07

Ministro do STF, em liminar, acolhe parte dos pedidos feitos pela Apib na ADPF 709 para implementar medidas de salvaguarda dos povos indígenas na pandemia.



"Tatuzão do Mutum", área de garimpo no rio Uraricoera, TIY, 2018.

10/07

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **218**.

13/07

Carta é enviada pela Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas ao Presidente do Congresso Nacional e ao Presidente da Câmara, reforçando a derrubada dos vetos presidenciais ao PL 1142/2020.

07

07/07

Com vetos, **Bolsonaro sanciona Lei nº 14.021** que estabelece medidas contra a Covid-19 em comunidades indígenas, quilombolas e outros povos tradicionais durante a pandemia.

08

07/07

O Globo: "Documento contradiz governo e indica distribuição de cloroquina em terras indígenas para combate à Covid-19"

09

08/07

El País Brasil: "Bolsonaro veta obrigação do Governo de garantir acesso à água potável e leitões a indígenas na pandemia"

etect

10

09/07

O Globo: "Mourão minimiza vetos: 'índigena se abastece dos rios', diz sobre garantia à água potável"

11

13/07

O Globo: "Ministério da Saúde contrata empresa suspeita de atuar em garimpo ilegal em terra indígena"

13/07

Revista Época: "Secretário ameaça processar indígenas que denunciaram distribuição de cloroquina em aldeias"

12

13/07

O Globo: "Anac abre processo para apurar 'possíveis irregularidades' de empresa de táxi aéreo suspeita de atuar em garimpo ilegal"

13

14/07

Portal Roraima 1:
"MP pede que TCU
investigue contratos
da Saúde com
empresa suspeita
de participação em
garimpo em Roraima"

14/07

É inaugurada em Boa Vista a
Área de Cuidados Indígenas
para assistir os indígenas
referenciados com Covid-19
advindos da Casai-Y.

15/07

Rede Pró-YY denuncia
subnotificação e publica
seu levantamento dos
óbitos por Covid-19 na TIY.

15/07

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **259**

16/07

**"Até o presente
momento o Governo
Federal não tomou
nenhuma medida que
traga segurança às vidas
dos Povos Yanomami.
É inadmissível a
negligência dos
governantes!!!
#ForaGarimpo
#SOSYanomami"**

Junior Hekurari, Twitter

17/07

CIDH notifica o
Governo Bolsonaro a
tomar providências,
em até 15 dias, para
assegurar a saúde dos
Yanomami e Ye'kwana
durante a pandemia.

18/07

**Morre 7º Yanomami com
suspeita de Covid-19.**

O homem, do Baixo Catrimani (RR)
foi removido em estado grave e
internado no Hospital Geral de
Roraima, onde faleceu.

14

15

16

17

18

14/07

**"Hoje outras pessoas
disseram assim: "O
coronavírus está nos
deixando muito doentes".
[...] Hoje mesmo o meu
irmão acabou de dizer isso:
"Não pense que estamos
bem! Todos nós sobramos
aqui doentes! O coronavírus
pegou todos nós e a malária
também!" T. Yanomami*,
Kayanau**

17/07

Rede Pró-YY envia à 6CCR/
MPF a nota "Considerações
sobre a recente missão
interministerial e suas ações
para conter a pandemia na
Terra Indígena Yanomami"

16/07

Portal G1: "MPF
recorre à Justiça
para multar
governo federal
por não retirar
garimpeiros da
Terra Yanomami".

17/07

Uol Notícias: "Mulheres
de militares maquam,
dão roupas e causam
aglomeração de
ianomâmis"



19/07

New York Times: "Brazil Health Workers May Have Spread Coronavirus to Indigenous People". Reportagem denuncia o elevado índice de funcionários de saúde contaminados com a Covid-19 nos Dseis.

20/07

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **300**



24/07

ISA: "Ao menos 1.337 profissionais da saúde indígena já foram diagnosticados com a Covid-19"

19

20

21

22

23

24



Comunidade na região de Marauíá (AM).

20/07

Morre 8º Yanomami com suspeita de Covid-19. O jovem da comunidade Serrinho no Marauíá (AM), que retornava de Manaus, faleceu poucos dias após chegar em sua aldeia.

20/07

"É assustadora a velocidade com que registramos o aumento de casos positivados entre os povos Yanomami. A Covid-19 está matando os parentes, parentes esses que moram em comunidades. Como não dizer que foi omissão?" Junior Hekurari, Facebook

28/07

Monitoramento da Rede Pró-YY

Casos confirmados: **335**

28

29

30

31

29/07

Amazônia Real:

"Yanomami se arriscam na pandemia em busca de auxílio emergencial".

30/07

Portal G1: "Exército apreende seis aviões de pequeno porte e um helicóptero em região de garimpo ilegal em RR"

31/07

"No rio Marauaiá, aqui embaixo, tá tendo muita virose que é forte e até hoje tá apresentando também coisa de Covid-19. Eu estou muito preocupado, porque já foram **3 óbitos das pessoas, 3 comunidades.**" Francisco Pukimapiwëteri Yanomami, Marauaiá

31/07

Lideranças yanomami do Marauaiá (AM) denunciam a grave situação da malária, contaminação e óbitos por Covid-19 na região.

56



31/07

"Lamento. Lamento as mortes. Morre gente todos os dias de uma série de causas. É a vida, é a vida."

Jair Bolsonaro



Morre 9º Yanomami com suspeita

de Covid-19. O idoso, da comunidade Pohoroa no Marauá (AM), que também estava com malária, faleceu em sua aldeia.



02/08

Rubens Valente, [Uol Notícias](#): “Malária explode na terra Yanomami; casos quadruplicaram em 5 anos”.

04/08

Monitoramento da Rede Pró-YY

Casos confirmados: **405**

05/08

Por unanimidade, STF em decisão da ADPF nº 709 mantém as medidas de proteção aos povos indígenas durante a pandemia e determina a instalação de barreiras sanitárias em áreas de povos isolados e a elaboração de um Plano de Enfrentamento à Covid-19, entre outras medidas.

01

02

03

04

05

06

AGOSTO

06/08

“A gente lamenta todas as mortes, vamos chegar a 100 mil, mas vamos tocar a vida e se safar desse problema.”

Jair Bolsonaro



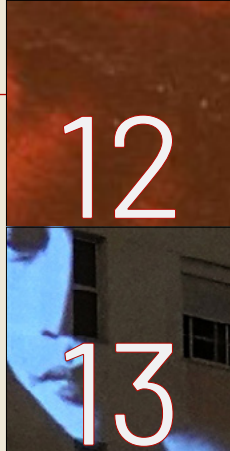
13/08

“Remédio para [malária] falciparum não tem. A situação é muito triste. Peço remédio e não está entrando. Se ela morrer é culpa da Sesai que não manda medicamentos.”

Liderança do Parima,
Jornal de Roraima G2

12/08

Morre 10º Yanomami com suspeita de Covid-19. A idosa de Maturacá (AM), faleceu em sua aldeia poucos dias após o agravamento dos sintomas.



17/08

“Ao combatermos a pandemia de coronavírus, também devemos aumentar o compromisso de prevenir e curar a malária. De acordo com dados no último relatório do Dsei-Yanomami, divulgado em julho, foram registrados 12 mil casos, um acréscimo muito ligeiro em comparação ao ano anterior. A malária é uma doença, que pode ser fatal, mas evitável e curável.” Junior Hekurari, Twitter

16/08

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **539**



17/08

Morre 7º Yanomami confirmado para Covid-19. A criança de 5 meses, da comunidade Komixiwë, no Marauaiá (AM), que também estava com malária, faleceu em sua aldeia.



18/08

Morre 8º Yanomami confirmado para Covid-19. A criança de 9 meses, da comunidade Monopi, no Marari (AM), foi removida em estado grave para Boa Vista, onde faleceu.

19/08

El País Brasil: “Congresso derruba vetos de Bolsonaro e obriga Governo a garantir UTIs a indígenas na pandemia”.

19/08

Inesc divulga “Nota técnica: execução orçamentária da saúde indígena diante da pandemia do novo coronavírus”.



22/08

Morre 9º Yanomami confirmado

para Covid-19. A idosa do Apiau (RR) foi removida para Boa Vista e internada no Hospital Geral de Roraima, onde faleceu.

22

23

24

23/08

“Todas as crianças, minha família está contaminada, meu filho ficou doente. Quando eu fui removido pra cá, eu fiquei muito doente, eram mais de 100 pessoas ali, infectadas na comunidade. E as pessoas que estão falando, é a pura verdade, não é o comentário falso. Todo mundo tá doente na comunidade.” Y Xirixana*, Alto Mucajai

24/08

Inesc: “Mesmo com pandemia, governo gastou menos com saúde indígena em comparação a igual período de 2019”

28

28/08

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **574**

31/08

Com Medida Cautelar na ADPF no 709, STF homologa parcialmente o Plano de Barreira Sanitárias nas Terras Indígenas de extrema vulnerabilidade e inclui a TI Yanomami.

31



24/08

“Enquanto o Presidente, Jair Messias Bolsonaro, perde o tempo ameaçando os jornalistas, o meu povo está morrendo por Covid-19 e malária. A Sesai/MS não contrata as aeronaves para estar levando saúde digna ao povo, estamos em um estado calamitoso.” Junior Hekurari, Twitter



SETEMBRO

Morre 11º Yanomami com suspeita de

Covid-19. A idosa, da comunidade Yakeplaopi no Palimiu (RR), também estava com malária e faleceu em sua aldeia.

Morre 12º Yanomami com suspeita de Covid-19. A mulher da comunidade Walomapi no Palimiu (RR), também estava com malária e faleceu em sua aldeia.

04/09

Portal G1: "Exército apreende quatro aviões usados em garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami em RR"

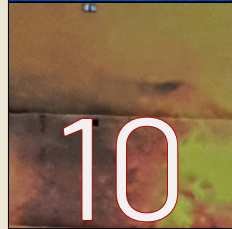
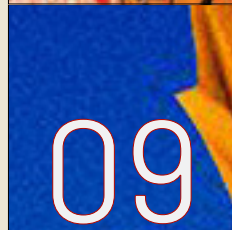
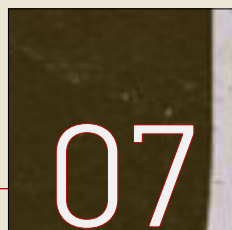


08/09

Amazônia Real: "Malária potencializa risco de morte por Covid-19 entre os Yanomami".

07/09

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: **704**



10/09

Rede Pró-YY publica nota sobre a subnotificação dos óbitos de Covid-19 na TIY.

10/09

Rede Pró-YY publica novo levantamento dos óbitos por Covid-19 na TIY.



16/09

Uol Notícias: "Após 4 meses interino, Pazuello assume Ministério da Saúde e minimiza convívio com Covid"

18/09

Campanha #ForaGarimpoForaCovid alcança 400 mil assinaturas e o governo não apresenta nenhum plano para a retirada dos 20 mil garimpeiros da TIY.



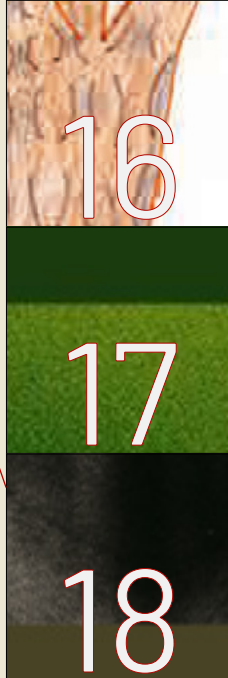
21/09

Monitoramento da Rede Pró-YY

Casos confirmados: **902**

23/09

Portal G1 "Coronavírus atinge mais de 700 indígenas Yanomami: 'estamos abandonados', diz liderança de RR"



23/09

"Quando o profissional de saúde vê que a pessoa está com coronavírus, o paciente é isolado. Porém estamos sem alimentação para os pacientes em polos bases, onde os Yanomami ficam isolados. A Saúde Yanomami não está conseguindo isolar esses pacientes, por isso, o vírus está se espalhando rapidamente." Junior Hekurari, Portal G1

23/09

Em ofício, HAY refaz alerta sobre nova área de garimpo: "Recebemos a notícia de que garimpeiros se instalaram em novo local às margens do rio Uraricoera, nas imediações da comunidade do Korekorema. Segundo a denúncia, os garimpeiros estão abrindo uma área grande, derrubando a floresta local".

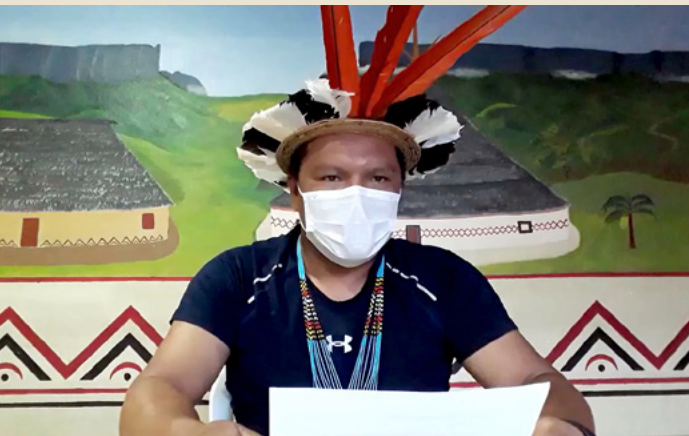
Garimpo na região do rio Uraricoera, TIY, 2018.



25/09

Discurso da HAY na 45ª sessão regular do conselho de Direitos Humanos da ONU sobre os povos indígenas:

“Estou aqui representando o Fórum de Lideranças da Terra Indígena Yanomami. Nosso território está sendo invadido por mais de 20 mil garimpeiros que levam doenças como a malária, bebidas alcoólicas, drogas e violência para as comunidades e poluem os nossos rios com mercúrio. Em 2020, dois Yanomami foram assassinados por garimpeiros. Ainda, em meio à pandemia, eles também têm levado a Covid-19, contaminando as comunidades que vivem próximas ao garimpo. Nós, lideranças, temos cobrado do Governo Brasileiro que cumpra com sua obrigação para a retirada dos garimpeiros ilegais, mas não há uma resposta adequada para esse problema.” Maurício Ye'kwana, Conselho de Direitos Humanos da ONU.



24

25

26

27

28

29

30



62

29/09

Ecoamazônia:
“PF combate exploração de garimpos ilegais em terra indígena lanomâmi”

30/09

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: 985

30/09

Morre 10º Yanomami confirmado para Covid-19.
O idoso de Alto Mucajai (RR) faleceu no Hospital de Campanha em Boa Vista.



02/10

“Os garimpeiros trabalham lá no meio e por ter o tatuzão perto do Palimiu, esse pessoal nos passou Covid. Nós estávamos bem, mas agora com o garimpo perto, as duas senhoras morreram. Por causa disso nós ficamos muito tristes! O pessoal dos garimpeiros adoeceram lá no garimpo e se tornou uma epidemia. Por isso nós ficamos bravos!”

X. Yanomami*, Palimiu



OUTUBRO

02/10

ISA: “Invasões e expropriações de Terras Indígenas dobraram no primeiro ano do governo Bolsonaro”

02/10

“Lá no Palimiu a malária já se espalhou por todas as comunidades! Lá em Korekorema também está assim! Não estamos com saúde, nossas crianças estão sofrendo, estão doentes. Antigamente não era assim. Em 2011, em 2013 nós estávamos com saúde, mas hoje as águas estão ruins, as crianças estão adoecendo, as águas estão muito contaminadas. Os garimpeiros contaminaram muito e a malária se espalhou muito!”

K. Yanomami*, Palimiu

02/10

“Por que eles estão invadindo nossa terra desse jeito? Não tem respeito, eles não respeitam a gente! Lá passa muito garimpeiro! Eles levaram essa doença, tem muita malária, todo mundo está doente lá em Korekorema!”

T. Sanöma*, Uraricoera

Área devastada pelo garimpo próximo ao rio Uraricoera, TIY, 2017.





Garimpo na região do Uraricoera, 2017.

05/10

“Perto da comunidade, tem dois tatuzões grandes, eles deixaram o buracão grande e parece que é nesse buraco que os carapanãs estão saindo. Por isso que é muito carapanã. [...] Não tem como acabar a malária. Todo canto tem malária! Se fosse só Korekorema eu ia ficar triste, mas tá tendo em todo canto!”

T. Sanöma*, Uraricoera

05

12

13

23

24

08/10

Folha de Boa Vista. “Empresa nega demora para atender bebê Yanomami que morreu em voo”

12/10

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: 1050

14/10

Folha de Boa Vista: “Operação visa desvio de emendas parlamentares para Covid-19”

16/10

ISA “Cuidado, parente! Hutukara reforça informação contra a Covid-19 na Terra Indígena Yanomami”

23/10

Morre 13º Yanomami com suspeita de Covid-19.

A bebê, do grupo sanöma, foi removida em estado grave de sua comunidade Polapi, em Auaris (RR), para o Hospital da Criança em Boa Vista, onde faleceu.

24/10

Monitoramento da Rede Pró-YY
Casos confirmados: 1202

ESTRATÉGIAS E RESISTÊNCIAS DOS YANOMAMI E YE'KWANA FACE À COVID-19

A experiência de uma epidemia causada por um vírus desconhecido do qual não temos imunidade e nem tratamentos nos fez tão desamparados frente à Covid-19 quanto os Yanomami e Ye'kwana frente às epidemias letais e enigmáticas que nosso mundo lhes inflige há décadas. No entanto, diferente de nós, a memória das epidemias devastadoras vividas ao longo do século passado segue viva entre os povos da Terra Indígena Yanomami (TIY). Essas assustadoras lembranças os fizeram buscar as estratégias utilizadas no passado para fugirem da nova epidemia, mostrando toda a sua força para continuar segurando o céu e protegendo a floresta. Os Yanomami e Ye'kwana tomaram medidas importantes para evitar a propagação do vírus: buscaram evitar o trânsito de pessoas entre as comunidades e fora delas; refugiaram-se e isolaram-se em acampamentos na floresta divididos em pequenos grupos; trabalharam intensamente para identificar a nova doença e agiram para atenuar a sua letalidade através do xamanismo e das medicinas tradicionais. No entanto, mesmo com todos estes cuidados, a Covid-19 chegou em muitas comunidades.

A pandemia do novo coronavírus chegou até eles em um momento histórico muito diferente das epidemias vividas anteriormente, quando o contato com os não-indígenas era algo muito recente. Hoje, a população está organizada em sete associações que se mantêm em contato através de um sistema próprio de radiofonia, permitindo a comunicação entre as aldeias e com as cidades mais próximas, ampliando o acesso à informação. Ademais, o fluxo de pessoas para as cidades tem aumentado, sendo cotidiano em muitas regiões onde o acesso é mais fácil. Por outro lado, há um fluxo inverso muito agressivo: a invasão massiva de garimpeiros em todo o território demarcado. Cruzando o céu em aviões e helicópteros, e os rios em embarcações, cerca de 20 mil garimpeiros cortam a floresta dia-a-dia sem impedimento. Nesse cenário, uma das primeiras medidas das associações indígenas foi alertar os Yanomami e Ye'kwana para permanecerem em suas comunidades e fecharem o acesso de não-indígenas a seus territórios. Uma semana após a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar a Covid-19 como uma pandemia, a Hutukara Associação Yanomami (HAY) começou a repassar informações sobre o novo vírus a todas as comunidades:

“Nós Yanomami informamos nossos parentes da Terra Indígena Yanomami sobre a epidemia de Coronavírus que está preocupando os não-indígenas do mundo todo. Avisamos aos parentes que não devem sair das

comunidades e ficar circulando nas cidades. Agora essa epidemia saiu do controle. Nossos antepassados morreram no passado de epidemias dos não-indígenas. Não vamos deixar acontecer outra vez!” HAY, 19/03/2020.

Apesar dos esforços das comunidades para se manterem em isolamento, houve também a preocupação com a invasão garimpeira, já que os invasores seguem trabalhando em suas atividades ilícitas, como Dário Vitório Kopenawa Yanomami denunciou:

“Os garimpeiros estão na nossa casa e não temos a barreira contra a transmissão da pandemia. Pode espalhar dentro da terra indígena, temos nossos velhinhos. E se chegar, se entrar lá, quantos Yanomami vão morrer? Não sabemos. É um problema muito sério e corremos esse risco trazido por garimpeiros em nossa comunidade. Nós, Yanomami, estamos com muito medo. Quem vai nos proteger, quem vai barrar essa doença? [...] Ela está muito próxima das nossas comunidades, da Terra Indígena Yanomami. Estamos monitorando por radiofonia, conversando com as lideranças para que não saiam do nosso território, para que cada comunidade fique em sua aldeia. Todas as 350 aldeias de nosso território estão em quarentena. Mas a doença pode chegar pelos garimpeiros, que entram ilegais no nosso território, sem pedir permissão, sem fazer teste.” Dário Vitório Kopenawa Yanomami, vice-presidente da HAY, 03/04/2020, Jornal Estado de Minas.

A nova epidemia se tornou assunto nas diversas aldeias e em toda a TIY, com comunicados de alerta circulando pela radiofonia, mensagens de celular, cartas e pelas redes sociais. Isolados em suas comunidades, o receio de que o novo coronavírus chegasse era comum a todos. Observaram a inesperada movimentação no céu:

“Eu estou preocupado, tem muito avião ainda voando aqui no nosso território... Fico preocupado, porque eu estou pensando: ‘de onde vêm esses aviões?’. Eu acho que a maioria vem de Boa Vista, e lá já tem caso confirmado de contaminação.” Sérgio Pukimapiwēteri Yanomami, 10/04/2020.

Reavivando memórias recentes de outras epidemias, os Yanomami e Ye'kwana reativaram estratégias antigas para fugir das doenças, como relata Davi Kopenawa sobre uma epidemia ocorrida em 1959:

“Assim nossos maiores foram dizimados pela primeira vez. Antes dessa epidemia, ainda eram muito numerosos. Hoje, restam poucos. Somente

a gente de Yoyo roopë conseguiu escapar dessa epidemia, liderada por meu padrasto. [...] Meu padrasto logo começou a incentivar as pessoas de nossa casa a fugir: 'A epidemia xawara está perto! Precisamos abandonar tudo e partir ao alvorecer! Não devemos ir chorar os mortos de Sinatha, ou morreremos também!'. Contudo, no dia seguinte, alguns hesitaram em partir. Para acabar com a indecisão deles, meu padrasto ateou fogo à nossa casa. Era um grande homem, muito valoroso mesmo! Foi assim que deixamos a região de Marakana, às pressas. Então ficamos viajando, de acampamento em acampamento, descendo o rio Demini até bem longe. Ficamos escondidos na floresta durante várias luas e, por fim, voltamos a nos instalar em nosso local de Toototopi, a alguma distância de Marakana. Se não tivéssemos fugido, a maioria de nós também teria morrido por causa dessa epidemia." Kopenawa & Albert, 2015: 251.

Em abril deste ano, José Goés, da comunidade Maturacá, localizada na região do Pico da Neblina (Yaripo), relembra essa estratégia também adotada por seus antepassados:

"Nossos avós já tiveram outra doença, como epidemia de coqueluche, que matou muitas crianças e os mais velhos. Eles não querem que repita essa história. Morreu até um pajé nessa epidemia. Então como fizeram, agora eles foram para a floresta, na região do frio, e chegaram até lá no pico. É lá que ficam os restos mortais dos nossos parentes e por isso que nós falamos que temos histórias no caminho do Yaripo." José Goés, 28/04/2020.

A TIY abriga muitas serras e picos, principalmente em seu limite ao longo da fronteira com a Venezuela. Nestas serras, nascem os milhares de rios e igarapés que descem para os vales de florestas em direção ao Rio Negro, no Amazonas, e Rio Branco, em Roraima. Os Yanomami habitam tradicionalmente as regiões de serras no interior da floresta, apesar de muitas comunidades terem se mudado para as margens dos rios nas últimas décadas, buscando facilitar o seu acesso à saúde para lidar com as novas doenças que chegaram com os não-indígenas. Essa paisagem é em si um local de refúgio para onde costumam voltar em tempos de crise.

"A floresta protege, porque ela tem um cheiro muito saudável, isso é a proteção que a floresta dá para nós, Yanomami. A floresta tem mais proteção, porque o ar não é contaminado. Muitos já foram para se proteger na floresta, porque evitam de pegar gripe e outras doenças aqui na comunidade. Estão por lá se alimentando com caça, pesca, agora é muito açai e muita fruta que está tendo na floresta [...] O nosso povo Yanomami está alerta. [...] Essa doença de agora, o coronavírus, aqui em Maturacá, representa epidemia de coqueluche, como aconteceu na região de Irokae.



Mulher yanomami coletando açai.

O que está acontecendo com os *napë* (não-indígenas), isso já aconteceu aqui para nós Yanomami na região do Irokae, onde fica a trilha do Yaripo." Zé Mário, diretor da Ayrca, 28/04/2020, Amazônia Real.

Próximo ao Yaripo, no Amazonas, está a região do Marauíá, abraçada pelas serras do Imeri, onde se formam as nascentes do rio Marauíá, que percorre a floresta até desaguar no médio Rio Negro. Estas serras já foram local de refúgio no passado, quando os missionários salesianos invadiram o território yanomami. Adriano, liderança local, rememora a reação de seu avô à essa invasão, que também trouxe outra epidemia:

"Eu sei, eu sei que os brancos que estão chegando, estão trazendo doença feia. Eu não quero que eles tragam a doença. Sempre eu vou morar aqui, nas cabeceiras que não têm doença. Não tem doença. Quando é pra baixo do rio, onde passam os brancos, tem a doença feia. Eu não quero pegar essa doença. Eu não quero saber que tem branco." Adriano Pukimapiwëteri Yanomami, 31/01/2020.

Com o avanço da Covid-19, a Associação Kurikama Yanomami (AKY), que representa as comunidades do Rio Marauíá e Rio Preto, enviou um documento ao Dsei-Y solicitando a saída de todos os funcionários e proibindo a entrada deles até segunda ordem para poderem ficar em isolamento, também proibindo o pouso de aeronaves na região. Com essa medida, os Yanomami abandonaram suas aldeias e se refugiaram na floresta, reabrindo caminhos antigos de volta às serras, prática conhecida como *wayumi*.

Retomada como estratégia de defesa contra o novo coronavírus, a memória sobre o *wayumí* segue viva e, junto com ela, a história das epidemias que os assolaram décadas atrás. Atualizando essa prática tradicional de mobilidade, os grupos levaram para os acampamentos os equipamentos de radiofonia, microscópios, instrumentos e medicamentos do posto de saúde e também os materiais escolares. Atentos aos altos riscos de contágio, nesse movimento de volta às serras, os Yanomami inverteram a aproximação histórica com os não-indígenas, renunciando e recusando a sua presença em seu território. Muitas comunidades em toda a TIY seguiram este caminho e se isolaram na floresta, longe de suas aldeias: **“é a mesma história que eles não querem que se repita”**, relata Zé Mário.

Apesar dos Yanomami e Ye'kwana terem buscado refúgio em regiões mais afastadas, ou mesmo se isolando em suas aldeias, além de todos os esforços para evitarem o fluxo de pessoas para as cidades, a chegada do vírus foi inevitável em muitas regiões. As vias de entrada do novo coronavírus foram variadas. Uma delas pode ter sido através das poucas pessoas que circularam nas cidades, mas, em muitos casos, a contaminação foi decorrência da invasão de garimpeiros que não interromperam suas atividades durante a pandemia. Tampouco observam protocolos sanitários ao entrar na terra indígena clandestinamente. Muitas pessoas de comunidades impactadas pelo garimpo ilegal foram contaminadas, mesmo fazendo o isolamento, como relata esta pessoa da região Alto Mucajaí (RR):

“Eu estou com oito meses sem vir para Boa Vista, eu estava fugindo dessa Corona lá pra dentro do mato, entendeu? Mas não tive sorte, não adiantou nada! Sabe como os parentes são: gostam de vir para Boa Vista e outra pessoa andou com pessoa infectada, entendeu? Ai essa Corona eu peguei sem ter contato com não-indígena, sem vir para Boa Vista. Eu peguei lá mesmo, na comunidade.” Y. Xirixana*, 22/08/2020.

Apesar da invisibilidade do vírus, seus principais vetores estão muito claros para os habitantes da TIY.

“Os garimpeiros não escondem suas bocas de jeito nenhum, mesmo que já soubessem que estavam estragados por dentro, e já que as pessoas não tapam suas bocas, então esse mal já estava de vez no Kayanau. [...] E onde é que iremos nos esconder? Eles contaminaram as suas próprias casas. Então, por isso nós aqui, que vivemos mesmo para lá rio acima, nós já estávamos sentindo mal, lá onde mora minha mãe, onde estávamos nos escondendo, as pessoas foram lá matar a fome e essas pessoas já estavam tossindo, as pessoas já estavam com esse mal, e assim nos contaminou.” Kiriri Yanomami*, 15/07/2020.

Nas regiões onde a Covid-19 chegou, apesar de todos os esforços para mantê-la distante, os Yanomami tiveram uma postura diligente frente à doença que parecia se alastrar rapidamente ao chegar nas comunidades. O xamanismo certamente tem sido um dos principais meios para investigar as origens da nova *xawara* e buscar maneiras de atenuar o seu impacto.

“Bebemos *yakoana*, vimos a doença enquanto dormíamos. Se os brancos cuidassem da terra, se não tivessem destruído a terra como em Brumadinho, não teria acontecido isso. Os brancos abriram essa doença. São os rastros das pessoas ignorantes. São os rastros daqueles que furam o mar para procurar petróleo.” Davi Kopenawa, 12/08/2020.

Além de abrirem o caminho para o novo coronavírus, como diversas outras doenças, o garimpo e a destruição da floresta causada por essa atividade estão nesse limiar.

“Nosso criador, *Omama*, colocou as *xawara* embaixo da terra. Quando alguém fura o solo atrás de minérios, petróleo e gás, elas podem sair de lá e se espalhar entre humanos. [...] [Os xamãs] trabalharam para enfraquecer os efeitos da doença e para que ela volte ao lugar de onde saiu.” Dário Vitório Kopenawa Yanomami, 02/06/2020, BBC Brasil.

Nas comunidades, com essa intensa investigação, os xamãs têm trabalhado para reduzir a força da Covid-19, absorvendo o fator letal do vírus naqueles que se contaminaram:

“Foi assim que aconteceu: primeiro, o xamã André apresentou os sinais de Covid. Depois foi o filho dele, que é xamã também; a terceira foi a Zita Rosinete. [...] As pessoas fizeram xamanismo, expulsaram a doença potente, já que não queríamos que ela entrasse na Terra Indígena Yanomami. Então, a doença pegou os xamãs, no fundo. O espírito. Assim, a doença explodiu: explodiu no André e no Miguel, mas eles sararam.” Remo Yanomami, 13/05/2020.

A pedido de um professor ninam no Baixo Mucajaí (RR), um dos xamãs mais respeitados da região apresentou uma explicação sobre sua pesquisa xamânica acerca da Covid-19. Em um esquema complexo desenhado na lousa da escola, o xamã traduziu o nome da doença (*Hapalisi*), explicou a sua origem, a relação com outras doenças e fez trabalhos para atenuar os efeitos do novo coronavírus. Este xamã orientou a população a beber chás e tomar banhos com ervas específicas.

* Nome alterado para preservar a identidade da pessoa.



Encontro de xamãs.

Os territórios yanomami e ye'kwana são parte essencial da vitalidade dos indígenas. As ameaças que a floresta tem sofrido significam uma violação às redes de manutenção da vida das milhares de pessoas que nela habitam. Somente com a floresta de pé e protegida, é possível buscar a cura para as mais diversas doenças, e assim o uso de plantas medicinais foi outro recurso utilizado em várias regiões da TIY, tanto para abrandar os efeitos do vírus, como para fortalecer o corpo, segundo nos conta o presidente da Associação Wanasseduume Ye'kwana:

"As plantas medicinais são muito importantes pra gente. Que o nosso criador do mundo deixou pra gente viver bem. Pra curar as doenças que o Kaaju criou no tempo de surgimento dos seres vivos neste mundo. As plantas medicinais são árvores, um dos elementos importantes para os povos. E os nossos rituais também fazem parte do nosso remédio tradicional. Com as plantas medicinais curamos várias doenças, como febre, feridas, diarreia, dor no corpo e às vezes reumatismo. Tem plantas medicinais que são mais respeitadas, né? Se a gente usar essa planta sagrada, toda a comunidade fica de resguardo durante uma semana. Essa planta é muito importante pra gente. Os conhecedores sabem muito bem lidar com essas pessoas invisíveis, que são donos da natureza. [...] Quando soubemos que essa nova doença, coronavírus, estava vindo ao mundo, não sabíamos o que era isso, né? Mas os sábios e conhecedores sabem muito bem que esse coronavírus surgiu no mundo. Nós nos preparamos antes. Preparamos remédios caseiros [...] assim o corpo fica mais forte. Tudo isso

nós queremos preservar, continuar cuidando das nossas naturezas, nossos conhecimentos." Julio David Rodrigues, 08/10/2020.

Em meio ao frenesi mundial em busca de uma vacina e do melhor tratamento para o ainda pouco conhecido vírus, os Yanomami e Ye'kwana seguem buscando suas próprias alternativas de cura na floresta, valendo-se do enorme conhecimento dos usos medicinais de sua biodiversidade. Aos menores sinais da doença, já começaram o tratamento tradicional, evitando seu agravamento:

"Aqui na Terra Yanomami a Covid-19 está sendo combatida com remédio da mata. Todo mundo fala que não tem medicamentos, mas nós temos o que é da natureza." Érica Vilela Figueiredo, Presidente da Associação de Mulheres Yanomami Kumirâyôma (AMYK).

A memória recente das epidemias vividas pelos Yanomami e Ye'kwana ao longo do século passado torna emblemáticas as estratégias e formas de resistência desses povos para que possam sobreviver à pandemia da Covid-19 e ter o direito de viver e envelhecer, como nos conta Davi Kopenawa:

"Foi assim, perto de Marakana, que tomamos conhecimento da potência da epidemia xawara dos brancos. Entendemos, então, o quanto eram perigosos para nós! Agora, já faz muito tempo. Apesar disso, os sobreviventes ainda se lembram. [...] Falam disso até hoje com seus netos. Não queremos mais passar por tamanho sofrimento. Já foram demais os nossos que morreram das epidemias xawara espalhadas pelos brancos. Nós, que somos o que resta de nossos maiores, queremos voltar a ser tão numerosos quanto eles foram antigamente. Não queremos mais ficar morrendo antes da idade. Queremos nos extinguir só quando tivermos nos tornado velhos de cabeça branca, já encolhidos, descarnados e cegos. [...] Então, ficaremos felizes de morrer, pois teremos vivido bastante tempo, como acontecia com nossos antepassados, antes de encontrarem os brancos." Kopenawa & Albert, 2015: 251.

Menina ye'kwana na roça.



“EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHA, SEM O CORPO DO MEU FILHO”: O DRAMA DAS MULHERES SANÖMA

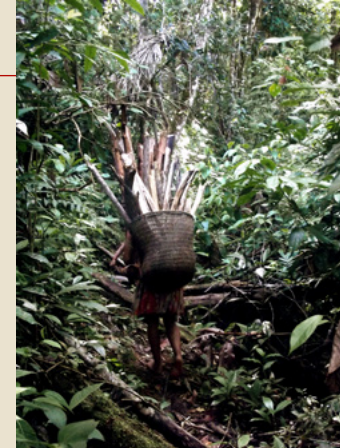
Ao longo do mês de maio de 2020, três mulheres do grupo sanöma, habitante da região de Auaris (RR), viveram um mesmo drama. Acompanhadas de suas mães, os bebês foram removidos de Auaris, pois apresentavam graves sintomas de pneumonia e foram encaminhados a hospitais em Boa Vista. Em pouco tempo, faleceram com suspeita de Covid-19. Cientes apenas da morte de seus filhos, as mulheres sanöma não foram informadas sobre o destino dos corpos das crianças e não receberam nenhum documento que indicasse o motivo da morte ou exames que atestassem a infecção por Covid-19. Depois de perderem suas crianças, as três mulheres foram encaminhadas à Casa de Saúde Indígena-Yanomami (Casai-Y) e lá se contaminaram com o novo coronavírus. Passaram ao menos um mês sem notícias do paradeiro do corpo de seus filhos. O desaparecimento dos corpos das crianças sanöma somente foi esclarecido após a pressão da mídia e a enorme mobilização de apoiadores dos Yanomami.

O primeiro caso teve início em 1 de maio, quando M. Sanöma foi removida de sua comunidade, em Auaris, para um hospital em Boa Vista, onde seu bebê receberia tratamento de um quadro grave de pneumonia. A criança faleceu em poucos dias. Ainda no mês de maio, outras duas mães sanöma chegaram em Boa Vista pelo mesmo motivo: seus filhos estavam com pneumonia grave e foram internados em hospitais na cidade. Em 25 de maio, os dois bebês não resistiram e também morreram.

Crianças sanöma da região de Auaris.



Mulher sanöma carregando cesto com lenha na região de Auaris.



Somente a primeira mulher sanöma que chegou em Boa Vista veio acompanhada de seu irmão, as outras duas, L. Sanöma e T. Sanöma, chegaram sem acompanhantes e atravessaram esta tragédia sem o apoio de familiares. Apartadas do afeto dos parentes e de seus filhos, estas mulheres, em pleno luto, sofreram racismo e preconceito linguístico em hospitais de um dos estados do Brasil com maior população indígena. Por serem monolíngues e não terem tido auxílio de intérpretes indígenas enquanto estavam no hospital, não puderam compreender o que estava se passando com seus filhos e para onde foram levados depois de sua morte. Estas mulheres se viram inseridas em um contexto totalmente desconhecido e sem o amparo de suas redes de apoio. Estavam entregues à própria sorte em uma cidade onde os casos de Covid-19 estavam em franco crescimento.

Em momentos distintos, as três mulheres sanöma foram encaminhadas à Casai-Y e, quando chegaram ali, ainda desconheciam o paradeiro dos corpos das crianças e pensaram que estes poderiam estar ainda no hospital. A notícia sobre o desaparecimento dos corpos chegou às comunidades sanöma por meio do sistema de radiofonia que conecta a cidade e as comunidades. Ao saberem do sofrimento das mulheres, os Sanöma, em Auaris, pressionaram suas lideranças que passaram a exigir o retorno dos corpos às suas comunidades para que fossem realizados os rituais funerários tradicionais (*saponomowi*) e garantir-lhes um destino póstumo digno. O presidente da Associação Indígena Sanöma, que estava em Boa Vista no período, fez uma longa peregrinação entre os hospitais, Casai-Y e sede do Distrito Sanitário Especial Indígena-Yanomami (Dsei-Y) em busca de informações sobre o paradeiro dos corpos dos três bebês. Foi informado de que eles haviam sido contaminados pela Covid-19, enterrados em cemitérios de Boa Vista e que os restos mortais das crianças somente poderiam ser exumados e levados de volta às comunidades em três anos.

Os bebês, enterrados de acordo com os protocolos de biossegurança devido à contaminação por Covid-19, foram sepultados em um cemitério em Boa Vista sem o conhecimento e o consentimento das próprias mães, agravando ainda mais violência vivida por elas. Estas mães passaram a viver o luto longe de suas comunidades, abandonadas na Casai-Y, à espera de um voo para retornar à TIY. No entanto, as três enlutadas foram infectadas pela Covid-19 nas instalações da Casai-Y. M., T. e L. Sanõma estão entre os 184 indígenas que foram infectados pela Covid-19 em um lugar que se chama Casa de Saúde Indígena¹. No dia 19 de junho, M. Sanõma, a primeira a chegar na cidade, foi também a primeira a retornar à sua comunidade, Õkopi, e, infelizmente, sem o corpo de seu filho. As outras duas mulheres permaneceram na Casai-Y em tratamento contra o novo coronavírus.

A Rede Pró-Yanomami Ye'kwana (Rede Pró-YY) e associações yanomami, após um trabalho conjunto de investigação, fizeram chegar às mãos da colunista do *El País Brasil*, Eliane Brum, as denúncias sobre o caso das crianças sanõma desaparecidas que estava sendo investigado pelo Ministério Público Federal de Roraima (MPF-RR). A matéria publicada em 24 de junho teve grande repercussão nacional e internacional e mobilizou as mídias sociais com a hashtag #CriançasYanomami². Deste modo, o drama vivido pelas mães sanõma começou a chamar atenção das autoridades e suas palavras, traduzidas para o português, ganharam visibilidade graças a essa mobilização.

“Eu não quero voltar sozinha, sem o corpo do meu filho! Se eu voltar sozinha, eu vou sofrer muito na minha comunidade. Eu quero que vocês, autoridades, me ajudem. Eu quero o corpo do meu filho. Eu sofri muito na Casai, quero voltar e levar a cinza do meu filho, tem que resolver isso rápido. Vocês, autoridades, têm que me ajudar. Eu estou doente na Casai, vocês precisam resolver rápido. A comunidade está esperando que eu chegue com o corpo! Todos estão lá esperando. Se eu chegar sozinha, eles vão ficar com raiva de mim. Eu tenho que levar esse corpo para fazer ritual funerário, eles não querem que o corpo da criança fique longe. Vocês tem que resolver isso o mais rápido possível.” T. Sanõma, 21/06/2020.

Outros veículos de imprensa seguiram investigando o caso e ouvindo os relatos dessas mulheres:

1 Dados contabilizados pela Rede Pró-YY até a semana epidemiológica 43 (18/10/2020 a 24/10/2020).

2 *El País Brasil*. “Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês”. 24/06/2020.



Sepultura do filho de L. Sanõma no cemitério Campo da Saudade, em Boa Vista.

“Se meu filho estivesse bem, eu não chamaria vocês. Nos mandaram de lá, mas quando chegamos aqui o meu filho pequenininho morreu. Então eu chamei vocês autoridades, eu não quero mais sofrer, eu não quero voltar sozinha. É muito difícil, estou muito triste! [...] Portanto, no dia 11 eu quero voltar junto com o corpo do meu filho, por isso chamei vocês, lideranças! [...] Eu chamei vocês autoridades, porque eu não quero mais sofrer! Meu filho pequeno morreu lá no hospital, então por isso estou chorando”

L. Sanõma, 28/06/2020, Folha de Boa Vista³.

Ao ganhar notoriedade, o caso foi investigado pela agência de jornalismo *Amazônia Real*, que buscou nos cemitérios e hospitais de Boa Vista informações sobre o paradeiro dos corpos dos bebês sanõma⁴. Em poucos dias, localizaram dois corpos enterrados no Cemitério Campo da Saudade, seguindo protocolos de biossegurança devido à suspeita de Covid-19. Estas mortes não foram registradas pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) como casos confirmados.

O terceiro corpo, do filho de M. Sanõma, estava há quase dois meses no Instituto Médico Legal (IML): havia testado negativo para Covid-19 e lá ficou abandonado pelo Estado brasileiro até ser encontrado pelas repórteres. Como se já não bastasse tamanha brutalidade, foi localizado no IML o corpo de um quarto bebê sanõma, falecido no mês de abril. Uma liderança yanomami havia sido informada de que esse bebê também tinha suspeita de Covid-19 - algo que não se confirmou nas investigações que se seguiram. No dia 1 de julho, os dois corpos encontrados no IML retornaram às suas

3 *Folha de Boa Vista*. “Mãe yanomami implora para retornar à comunidade com o corpo do filho”. 28/06/2020.

4 *Amazônia Real*. “Crianças Yanomami: Três corpos de bebês estão em cemitério e um no IML de Boa Vista (RR)”. 28/06/2020.

comunidades na região de Auaris e foram recebidos por suas mães⁵. Finalmente, as crianças puderam ser cremadas, permitindo dar início aos rituais funerários sanõma.

Apesar da impossibilidade das outras duas mulheres sanõma voltarem para casa com os corpos de seus filhos, o fato de saberem que seus corpos não estão mais perdidos na cidade e que poderão ser exumados e voltar à comunidade após três anos, é um pequeno alento diante de tanta violência e sofrimento que viveram.

O caso dos bebês sanõma que faleceram em Boa Vista durante a pandemia escancara o estado dos serviços de saúde voltados aos povos indígenas. Essas mulheres, que saíram de suas comunidades em busca de tratamento para os seus filhos, jamais imaginariam que testemunhariam o falecimento dos mesmos e que voltariam para casa sem os bebês nos braços. L. e T. Sanõma não poderiam imaginar que seus filhos seriam sepultados em um cemitério na cidade, sem os seus consentimentos⁶.

Para os Sanõma, o corpo de um parente falecido deve ser cremado, sendo essa uma das etapas de um longo e complexo ritual funerário⁷. Enterrar um familiar é violar o modo tradicional de lidar dignamente com os mortos. A cerimônia funerária entre os diversos grupos yanomami diz respeito essencialmente ao processo de fazer esquecer o morto para que ele possa seguir seu caminho até a morada dos mortos, abandonando definitivamente o mundo dos vivos⁸. Este processo, no caso sanõma, significa relembrar os feitos do morto, as interações que manteve e os sentimentos provindos dessas interações. Mesmo uma pequena criança inicia sua interação quando ainda está na barriga da mãe. Esta vida pequena já despertou sentimentos e manteve relações com os seus parentes. A cerimônia funerária ou *saponomo*, na língua Sanõma, é o momento de relembrar para esquecer, já que, ao final, é preciso destruir todas as marcas do morto, suas imagens, seus pertences e seu nome. É preciso esquecê-lo para que ele possa ir para sua nova morada. A conclusão do *saponomo* equivale à metamorfose completa do morto: ao ser esquecido pelos seus, passará a ter uma nova vida junto às outras pessoas

5 [Amazônia Real](#). "Mãe Yanomami recebe corpo de bebê que ficou dois meses no IML de Roraima". 02/07/2020.

6 [Amazônia Real](#). "Coronavírus: enterro de indígena sem ritual requer diálogo entre lideranças e o Ministério da Saúde, dizem especialistas". 13/04/2020.

7 [El País Brasil](#). "O drama ritual da morte para os Sanõma". 24/06/2020.

8 [Bruce Albert, Amazônia Real](#). "Sepultamento de Yanomami vítima da Covid-19". 15/04/2020.



Comunidade sanõma na região de Auaris.

já falecidas (Guimarães, 2005, 2010 e 2020). Entretanto, o enterro, para os Sanõma, interrompe radicalmente esse processo.

As violências em série sofridas pelas mulheres sanõma são mais um capítulo do sucateamento da saúde indígena no país. O Estado sumiu com os corpos das crianças indígenas sem dar conhecimento às mães sobre o seu destino. Além de ser uma violação de direitos humanos em si, a maneira como o Ministério da Saúde e a Sesai conduziram esse episódio evidencia discriminação étnica: agem como se a preocupação das mães indígenas com seus filhos não fosse relevante, decidindo assim o destino de seus filhos sem lhes dar satisfação.

CASA DE SAÚDE INDÍGENA: UM DOS EPICENTROS DA CONTAMINAÇÃO

Em 21 de março, os primeiros dois casos de Covid-19 em Roraima foram notificados pela Secretaria de Estado da Saúde de Roraima (Sesau). Três dias antes, conselheiros indígenas de todas as regiões da Terra Indígena Yanomami (TIY) participaram de uma reunião do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami (Condisi) na capital Boa Vista. No encontro, as lideranças denunciaram, entre uma série de problemas, o alto número de casos de malária nas comunidades e a escassez de medicamentos e equipamentos de saúde no Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (Dsei-Y). Em novembro de 2019, o Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana denunciou, em documento oficial, a situação da saúde na TIY e, entre outros fatores, a falta de equipamentos permanentes nos polos bases¹.

Preocupados com o avanço do novo coronavírus em todo o país, os conselheiros do Condisi endereçaram, no dia 18 de março, uma carta ao Dsei-Y, ao presidente do Condisi e ao Ministério Público Federal (MPF) pleiteando medidas de proteção para que pudessem retornar às suas comunidades sem o risco de expor a TIY à nova doença e solicitando plano de contingência para o combate à pandemia no âmbito da atuação do Dsei-Y, na Casa de Saúde Indígena Yanomami (Casai-Y) e na TIY.

A urgente necessidade da elaboração e execução de Planos de Contingências por parte dos Dseis foi reforçada pelas recomendações nº 01/2020/6CCR/MPF e nº 11/2020/MPF do MPF, nos meses de março e abril, e pela resolução da Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) nº 13 de 15 de abril. O Dsei-Y apresentou em 20 de março a primeira versão do “Plano de Contingência Distrital para Infecção Humana pelo novo Coronavírus (Covid-19)” (atualizado em 7 de maio) que se mostrou gravemente deficiente. Em primeiro lugar, por não se adaptar às realidades socioculturais dos povos indígenas da TIY e por não descrever procedimentos e protocolos adequados à prevenção, ao isolamento e à remoção de casos dentro da TI. Ademais, não há clareza com relação aos protocolos a serem seguidos no caso de mortes por Covid-19 na TIY ou nas

¹ Segundo dados disponíveis no Portal da Transparência, de janeiro a setembro 2020, o Dsei-Y não empenhou nenhum valor para “Equipamentos e material permanente”, despesa que permite a aquisição de bens duráveis como aparelhos, equipamentos e utensílios médico, odontológico, laboratorial e hospitalar; equipamentos de proteção individual e segurança.



Área de isolamento na Casai-Y.

idades e não há menção à necessidade de diálogo com os Yanomami e Ye'kwana para criar protocolos de forma conjunta.

Em 19 de março, a Hutukara Associação Yanomami (HAY) fez um novo comunicado cobrando medidas para controlar a expansão da pandemia entre os Yanomami e Ye'kwana:

“Queremos deixar um recado para as autoridades responsáveis do Ministério da Saúde, Ministério da Justiça e Funai. Vocês devem cuidar para que essa epidemia não entre na Terra Indígena Yanomami. Nossos xamãs estão trabalhando e protegendo a todos nós. Vocês também devem fazer o trabalho de vocês para evitar a entrada da epidemia pelos caminhos que foram abertos pelos não-indígenas para invadir nossas casas.” Comunicado da HAY, 19/03/2020.

Se antes os Yanomami e Ye'kwana já viviam uma grave crise sanitária em decorrência de doenças infecto-parasitárias, como a malária, as infecções respiratórias, a tuberculose, a oncocercose, a hanseníase, as verminoses e também a desnutrição infantil, com a pandemia, esse quadro foi agravado. Muitas dessas doenças, que poderiam ser evitadas por ações de atenção básica à saúde, frequentemente se tornam casos graves, demandando a remoção do paciente de sua comunidade para tratamento nos hospitais de Boa Vista. Nesse processo, os pacientes e acompanhantes são alojados na Casai-Y, que é parte integrante do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (Sasi/SUS). Na pandemia, aquele que deveria ser um local de apoio, acolhimento e assistência aos Yanomami e Ye'kwana tornou-se um centro de propagação do novo vírus².

² **Amazônia Real:** “Coronavírus: Indígenas estão sendo infectados dentro das Casais no Amazonas e Roraima”. 24/04/2020

Não é de hoje que os Yanomami e Ye'kwana denunciam os problemas enfrentados pelas comunidades e pelas equipes de saúde indígena. De fato, os indicadores de saúde da TIY apresentam índices alarmantes de malária, desnutrição e mortalidade infantil, além de baixos índices de cobertura vacinal e de vermifugação. Esses indicadores vêm mostrando uma degradação sistemática da saúde indígena desde a criação do Dsei-Y, o primeiro a ser criado no país. Tais índices não condizem com o fato de que o Dsei-Y, entre os 34 existentes no país, recebe um dos maiores orçamentos, mas se explicam pela falta de prioridade na atenção primária à saúde e na prevenção de doenças, ao passo que se prioriza o uso de remoções por aeronaves em um cenário de contratos milionários e pouco transparentes com empresas de aviação³.

Nesse contexto, a Casai-Y tornou-se o principal foco de contaminação da Covid-19 entre os Yanomami logo nos primeiros meses de pandemia. Notadamente, a insuficiência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs); o escasso estoque de insumos e medicamentos; os problemas de integração com a rede de serviços de saúde; a falta de infraestrutura adequada e formação dos profissionais de saúde para o atendimento em contexto multicultural; a situação precária e insalubre da Casai-Y e a falta de um eficiente Plano de Contingência (PC) contribuíram para esse cenário.

A diretoria da HAY, acompanhando o crescimento de casos confirmados em Boa Vista e impactada pela primeira morte de um Yanomami por Covid-19, que teve passagem pela Casai-Y, encaminhou, em 17 de abril, um ofício ao Dsei-Y com informações sobre o retorno à TIY de pacientes que estavam na Casai-Y e que não seguiram os protocolos mínimos de segurança sanitária em tempos de pandemia. Passado quase um mês da apresentação da primeira versão do PC do Dsei-Y, o ofício evidenciava a ineficiência do Distrito em garantir seu cumprimento. Foi mencionada, ainda, a queixa de pacientes com alta médica que temiam ser infectados se permanecessem mais tempo na Casai-Y e por isso reivindicavam voos para retornarem o quanto antes às suas comunidades.

A Casai-Y recebe mensalmente centenas de indígenas para realizar tratamentos de saúde dos mais diversos e seus acompanhantes. Com a chegada do novo coronavírus em Boa Vista e dada a precariedade do sistema de saúde em Roraima, muitos funcionários da Casai-Y foram infectados pela Covid-19. Essa casa de apoio sempre se caracterizou por

³ **Roraima em Tempo:** "Índigenas de Roraima denunciam risco de acidente com aeronave" 06/04/2020; "Denúncia indica influência de senador de RR em contrato de transporte aéreo para o Dsei-Y". 07/04/2020.



Vista aérea da Casai-Y.

uma intensa circulação de pacientes e acompanhantes vindos de todas as regiões da TIY e, desde o início, essa deveria ter sido uma preocupação. A notícia dos primeiros Yanomami infectados veio confirmar a ineficiência do PC apresentado.

Em 2 de maio, o Ministério da Saúde (MS) publicou uma nota à imprensa informando que cinco indígenas e 16 profissionais do Dsei-Y haviam testado positivo para a Covid-19: 12 na Casai-Y; três na sede administrativa (Boa Vista) e uma enfermeira que estava no polo base Alto Catrimani (TIY)⁴. No mesmo dia, Dário Vitório Kopenawa Yanomami expressou, em nota, sua preocupação com a situação:

"Estamos muito preocupados com nossos parentes que estão na Casai, que não estão recebendo a atenção necessária. Doze profissionais que trabalham ali foram confirmados com o vírus. Isso é uma notícia muito ruim para nossos parentes Yanomami que estão internados, que provavelmente agora também estão com o vírus. Não podemos fingir que o problema é pequeno só porque ele não aparece nos dados do governo. Estes casos confirmados mostram que o problema é bem maior, e significa que muitos outros parentes também estão contaminados. É preciso fazer

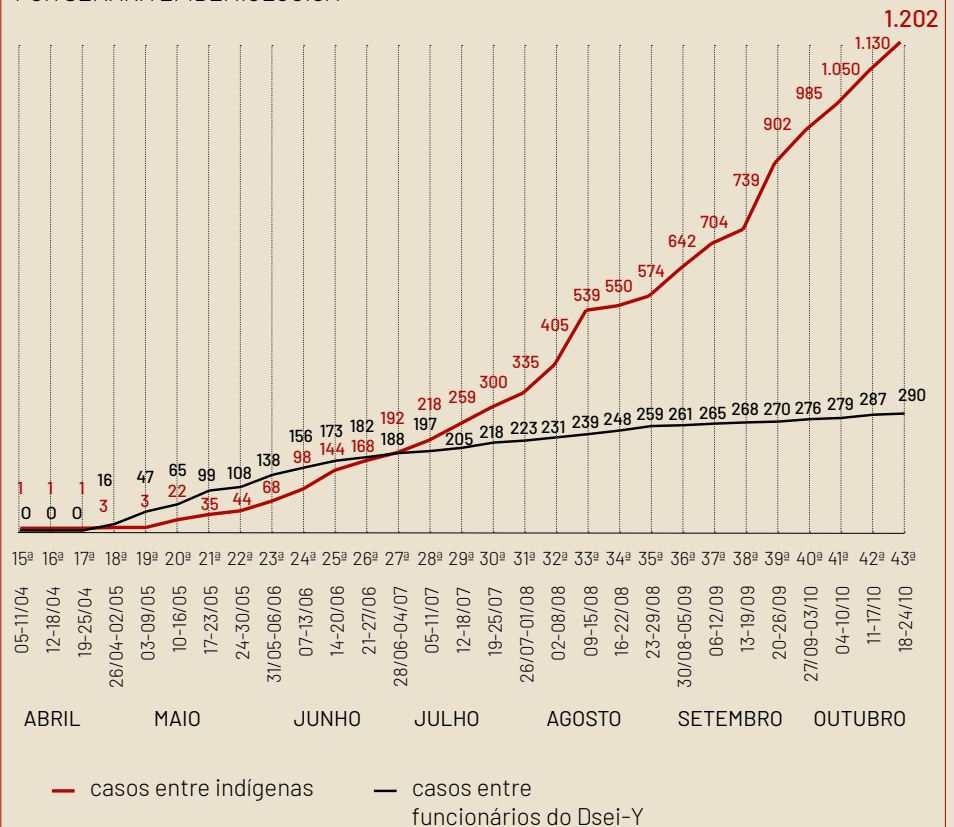
⁴ **Amazônia Real:** "Novos casos de Covid-19 em funcionários indígenas impõem alerta na Terra Yanomami". 02/05/2020.

uma testagem sistemática nas áreas de onde vêm os casos positivos, e onde mais houver suspeita de contaminação, para evitar que a *xawara* se espalhe. Tantos casos confirmados entre profissionais da Casai e mais cinco entre os próprios Yanomami, isso mostra que está tendo muitas falhas no cuidado de saúde com nossos parentes. As medidas de contingência precisam ser reforçadas: isolamento adequado, uso de equipamentos de EPI, testes em pessoas que tiveram contato com casos confirmados, testes nas comunidades e testes em todos os pacientes da Casai. Ao se omitir, o governo é responsável pelas mortes que podem acontecer pela falta de medidas adequadas.” Dário Vitório Kopenawa Yanomami, vice-presidente da HAY, 02/05/2020, Amazônia Real.

A partir dos dados do Dsei-Y, entre os dias 3 e 9 de maio, observou-se o surgimento de 31 novos casos confirmados de funcionários do Distrito, somando em apenas uma semana 47 registros. Nas duas semanas seguintes, uma onda de casos alastrou-se entre os funcionários não-indígenas. Nesse ínterim, as organizações indígenas de Roraima continuaram cobrando dos órgãos públicos medidas efetivas em relação à falta de equipamentos básicos para a manutenção de medidas de contingência (EPIs, testes e outros insumos). Também cobraram a necessidade de se realizar, na cidade, um isolamento adequado dos casos suspeitos e confirmados ou a quarentena dos pacientes com alta médica para que retornem às suas comunidades com as devidas precauções sanitárias. A HAY e o Conselho Indígena de Roraima (CIR) reivindicaram, em nota pública, a necessidade de um plano de atendimento emergencial com a participação dos respectivos Dseis e entidades representativas dos povos indígenas de Roraima no âmbito do Hospital de Campanha, unidade exclusiva para tratamento da Covid-19 que começou a ser construída no fim de março pela Operação Acolhida do Governo Federal e somente foi inaugurada em junho.

Com o aumento de casos suspeitos e confirmados entre os servidores, a sede do Dsei-Y e a Casai-Y se tornaram zonas de contaminação. Muitos pacientes já haviam cumprido a quarentena e estavam de alta, no entanto, o Dsei-Y não disponibilizou voos para que pudessem retornar à TIY. Em 15 de maio, pacientes yanomami enviaram uma carta ao coordenador da Casai-Y solicitando o retorno às suas comunidades, mas não obtiveram nenhuma resposta. Um trecho do documento expressa o desespero de pessoas que já viveram outras epidemias levadas por não-indígenas: **“Sabemos que somos muitos na lista de alta e queremos ficar isolados na nossa comunidade.”**

COVID-19 PROGRESSÃO DOS CASOS CONFIRMADOS ENTRE INDÍGENAS E FUNCIONÁRIOS DO DSEI-Y POR SEMANA EPIDEMIOLÓGICA



Até 30 de maio, enquanto o boletim do Dsei-Y notificava 108 casos confirmados entre os profissionais de saúde, havia 44 casos entre os indígenas. Destes, 25 foram infectados na Casai-Y, o equivalente a 57% dos registros. Segundo o monitoramento da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (Rede Pró-YY), em 4 de junho, 41 indígenas já haviam se contaminado na Casai-Y, ou seja, 60% de um total de 68 registros confirmados. Além do fluxo de funcionários contaminados, a falta de EPIs e testes e a não adequação das instalações da unidade facilitaram a disseminação do vírus, como o presidente do Condisi denunciou:



Pacientes protestam na Casai-Y.

“Hoje, há uma casa isolada dentro da Casai para os casos de Covid-19, mas mesmo assim não tem segurança lá dentro e a circulação de pessoas espalha a doença. Por isso, os casos de coronavírus têm que ficar isolados em prédios diferentes, longe um do outro, porque indígenas que vieram se tratar de doença como tuberculose e malária estão sendo contaminados pelo vírus.” Junior Hekurari Yanomami, presidente do Condisi, 05/06/2020, Amazônia Real.

Em 7 de junho, o coordenador do Dsei-Y, Francisco Dias, pediu a exoneração do cargo que ocupava há menos de 12 meses e Antonio Pereira assumiu interinamente. Nesse contexto, muitos pacientes de alta que estavam há meses esperando para retornar à TIY, se contaminaram com a Covid-19 na Casai-Y e um deles veio a óbito no local. Segundo informações obtidas pela Rede Pró-YY, este paciente yanomami da região do Surucucus infectou-se na Casai-Y no período em que esteve lá para atendimento médico.

Diante da falta de uma condução clara e transparente da situação dos voos do Dsei-Y, diversas lideranças yanomami presentes na Casai-Y fizeram, em 9 de junho, um protesto⁵ exigindo o retorno imediato à TIY dos pacientes que já haviam finalizado o tratamento e cumprido o período de quarentena:

“Nós não estamos aqui lutando à toa! Vocês brancos, que estão dentro do Distrito, que trabalham pela saúde, por terem complicado a situação, vocês nos deixaram muito tristes! Sobre a nossa saúde, o nosso retorno para as comunidades, os problemas das horas voo, estamos falando sobre

5 Uol. “Lider yanomami protesta contra tratamento dado pelo ministério da saúde à pandemia entre indígenas”.

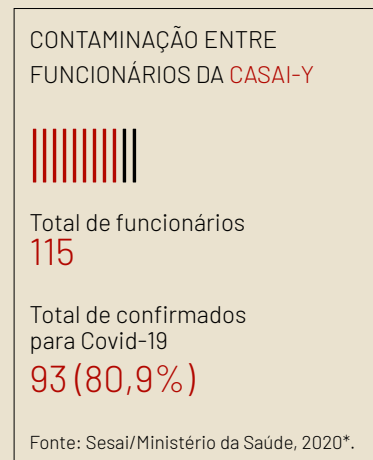
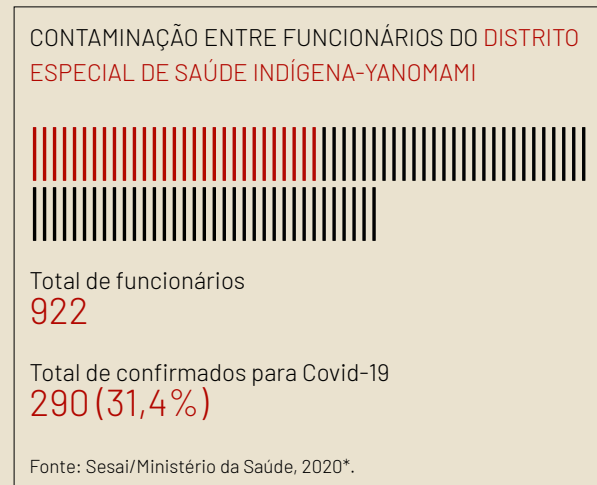
isso hoje! Por que vocês só ficam fazendo coisas ruins para nós? E por quê? Foi no mês de março que a pandemia de coronavírus chegou. Nós entramos em quarentena, ficamos no isolamento 14 dias e depois ficamos mais 14 dias. Por já termos feito tudo isso, para mim assim não está bom! Esses são os rastros das ações de vocês. Assim, quando vocês escutarem essas palavras, liberem o retorno para nossas comunidades! Liberem os aviões para nosso retorno. Se vocês nos fizerem morrer aqui nessas terras, se vocês nos enterrarem nesses cemitérios... em outra terra... Não queremos ser enterrados! É assim que nós, lideranças, estamos pensando! Nos mandem de volta para a floresta logo, agora mesmo, nos mandem de volta! Não fiquem segurando os aviões, não causem desordem! Não nos digam que só iremos voltar para nossas comunidades quando tiver o nome de outro coordenador no Diário Oficial! Já faz muito tempo que estamos aqui, faz 5 meses que estamos aqui! E já estamos quase no final do mês de novo! Nós não queremos que vocês prolonguem o tempo que ficamos aqui por mais dois meses! Não queremos isso de jeito nenhum!” Gerson Blene, liderança do Marakana/Toototopi, 09/06/2020.

Após os protestos na Casai-Y, amplamente divulgados na mídia, um primeiro grupo de pacientes com alta médica regressou às suas comunidades no dia 19 de junho. Segundo apurou o jornalista Rubens Valente⁶, o MS confirmou que 23 indígenas estavam em condições de voltar à TIY. No entanto, o órgão, em nota à imprensa, omitindo-se da obrigação de zelar pela saúde dos pacientes na Casai-Y, culpou as lideranças yanomami das aldeias, que, segundo o MS, estariam “resistentes” à ideia do retorno dos parentes por temerem o avanço da pandemia na TIY. Porém, desde o início da pandemia, as lideranças pediram ajuda à HAY para conversar com o Dsei-Y e providenciar os voos de retorno. Sabendo dos riscos de novas infecções na Casai-Y, a Sesai deveria ter agido com transparência e diálogo com os povos indígenas, especialmente, com os pacientes que lá se encontravam, além de ter garantido estrutura e procedimentos adequados para a quarentena dos pacientes com alta médica na Casai-Y e também em área indígena, nos polos base do Dsei-Y.

Tal cenário não mudou tanto ao longo dos meses, mesmo com um relativo desafogamento do sistema de saúde indígena em Boa Vista. Essa folga somente ocorreu devido às inaugurações tardias do Hospital de Campanha em 19 de junho, construído pela Operação Acolhida, iniciativa do Governo Federal, da prefeitura de Boa Vista e do Governo do Estado com apoio de

6 Uol Notícias: “Covid: após protesto contra Saúde, yanomamis conseguem regressar às aldeias”. 19/06/2020.

agências humanitárias, e da Área de Cuidados Indígenas do Dsei-Y em 14 de julho, unidade destinada aos indígenas com Covid-19 advindos da TIY, da Casai-Y e da referência SUS. Ainda no início de julho, o número de casos de indígenas contaminados na Casai-Y era maior do que os casos de infecção em área⁷.



De acordo com os dados da Sesai, entre abril e meados de junho, os casos de funcionários do Dsei-Y contaminados pela Covid-19 foram superiores aos registros positivos entre os Yanomami e Ye'kwana. Entre 14 junho e 4 de julho, observou-se uma diferença pequena entre esses números. A partir de 11 de julho, os registros positivos para o novo coronavírus entre os indígenas superaram os números de casos entre os servidores do Distrito. Entretanto, é importante ressaltar que, segundo dados da Sesai, até o final de outubro cerca de 81% dos funcionários da Casai-Y já haviam testado positivo para a Covid-19, assim como mais de 31% de todos os profissionais do Dsei-Y⁸.

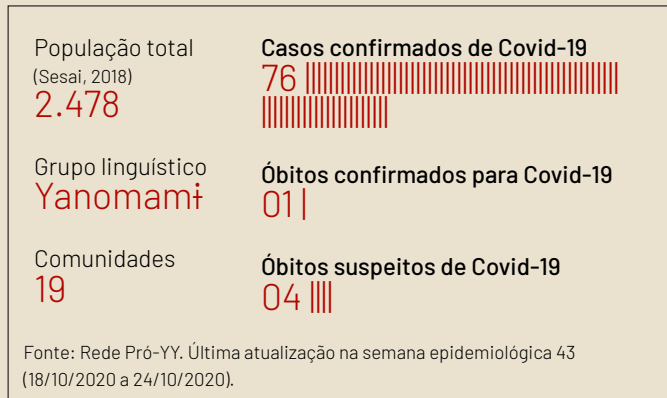
Durante os primeiros meses da pandemia, a situação na Casai-Y foi gravíssima. Levando em conta os dados disponíveis até o momento, observa-se por parte do MS/Sesai a falta de protocolos eficazes durante o avanço da pandemia entre os Yanomami e Ye'kwana, resultando, em um primeiro momento, no contágio de funcionários do Dsei-Y e, em seguida, na disseminação da doença entre pacientes indígenas que estavam na cidade de Boa Vista. Observa-se, por fim, que ao longo dos sete meses de pandemia, a Casai-Y continua sendo um dos focos de contaminação da Covid-19 (ver gráfico, p.14).

⁷ **Amazônia Real:** “Morte por Covid-19 sobe para 4 entre os Yanomami, diz organização indígena”. 05/05/2020.

*Última atualização na semana epidemiológica 43 (18/10/2020 a 24/10/2020)

⁸ Segundo dados do Ministério da Saúde obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI), no fim do primeiro semestre de 2020, os profissionais do Dsei-Y totalizavam 922. Destes, 115 atuavam na Casai-Y.

“NÃO ERA PRA GENTE ESTAR MORRENDO DISSO” MARAUIÁ



O Rio Marauíá (*Komixiwë*) é um afluente do Rio Negro, que desemboca próximo à cidade de Santa Isabel do Rio Negro no estado do Amazonas. Situada na porção oeste da Terra Indígena Yanomami (TIY), entre as serras do Imeri e o Rio Negro, esta região é rica em caça e frutos da floresta, fator que possibilita a realização de longos períodos de *wayumí*. Com a chegada da pandemia da Covid-19 no Brasil, as comunidades yanomami da região do Marauíá deixaram suas aldeias para buscar refúgio em acampamentos no interior da floresta, como já haviam feito no passado frente a outras epidemias. *Wayumí*, como se diz em Yanomami, é a prática de sair da morada principal e ir viver no interior da floresta em acampamentos, onde um grupo familiar e eventualmente todo o grupo local passa a habitar temporariamente. Em períodos de estabilidade sociopolítica, grupos yanomami saem de *wayumí* em expedições coletivas para aproveitar as épocas de colheitas abundantes de frutos da floresta e de caça. Por outro lado, em períodos de instabilidade ou perigo, sair de *wayumí* também é uma estratégia de defesa costumeira como forma de isolamento para conter a propagação de doenças¹.

Preocupados com o aumento dos casos em Manaus e Boa Vista, e com receio de serem contaminados pelos profissionais de saúde que atuam nas comunidades, no dia 26 de abril, a Associação Kurikama Yanomami (AKY), que representa os Yanomami do Rio Marauíá e Rio Preto, determinou a saída imediata de área de todos os não-indígenas e proibiu futuras

¹ Para mais informações sobre a estratégia do *wayumí* no Marauíá, ver Benucci & Jabra (2020).

entradas de profissionais de saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (Dsei-Y):

“Foi decidido que nenhum profissional de saúde de Boa Vista e Santa Isabel do Rio Negro entre no polo e sub-polo do rio Marauíá, enquanto durar essa pandemia do coronavírus. [...] Por motivo de estar morrendo muita gente em Boa Vista; e em Santa Isabel já tem casos confirmados [...] Queremos apenas proteger os nossos povos dessa doença mantendo os profissionais de saúde longe das nossas aldeias [...] e quando terminar essa pandemia do coronavírus, queremos o retorno de todas as equipes de saúde no rio Marauíá [...] Essa é a nossa decisão final.” AKY, 26/04/2020.

Decidindo pelo auto-isolamento na região e impedindo o acesso de não-indígenas, os grupos partiram para o mato por caminhos antigos em direção às serras, onde ficariam por um longo período, evitando o contágio pelo novo coronavírus. Parecia o cenário ideal para sobreviverem a mais uma pandemia, assim como os mais velhos fizeram no passado. No entanto, depois de quase dois meses isolados, alguns grupos foram forçados a retornar às suas comunidades devido ao aumento dos casos de malária e à falta de medicamentos levados para seu tratamento. Impossibilitados de continuar essa prática tradicional de isolamento por causa do aumento descontrolado dos casos de malária, as lideranças da região solicitaram que o coordenador da AKY, Samuel Kohito, fosse até a cidade de Santa Isabel do Rio Negro em busca de medicamentos e testes para o tratamento dessa doença.

Homem yanomami colhendo bacaba no mato, alto Marauíá.





Maloca abandonada na região do Marauaiá.

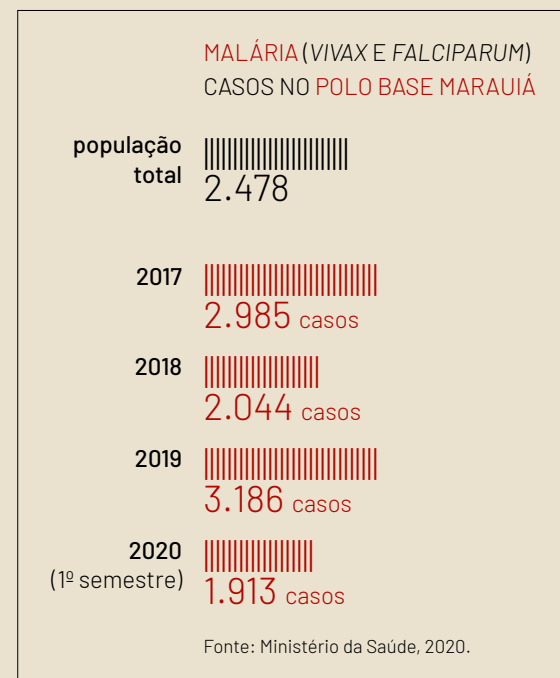
“Agente de Saúde Indígena que vê a lâmina, tá dando muito caso de malária e não tem remédio para tratar o povo Yanomami, para curar. Só existe microscópio e não tem remédio para tratar o povo Yanomami que tá com malária, então tô muito preocupado [...]. Já começamos a morrer, a falecer.” Samuel Kohito Yanomami, Coordenador da Associação Kurikama Yanomami, 31/07/2020.

A NEGLIGÊNCIA NO COMBATE À MALÁRIA

No contexto da pandemia, os altos índices de malária se tornam ainda mais críticos tendo em vista que ela é uma comorbidade que pode agravar o quadro de infecção por Covid-19². Na região do Marauaiá, vivem cerca de 10% da população da TIY onde, segundo dados do Ministério da Saúde (MS), de 2014 a 2019, o índice de infecção por malária aumentou mais de 900%. Em 2019, somou-se 3.186 casos em uma população de 2.478 pessoas, o que significa que, em um ano, toda a população pode ter sido infectada e muitas pessoas, mais de uma vez. Já em 2020, somente no primeiro semestre, foram contabilizados 1.913 casos de malária *vivax* e *falciparum*.

Este aumento na região acompanha a explosão da malária em toda a TIY: nos últimos seis anos, segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), houve um aumento de 473% dos casos. Além do efeito da crescente invasão do território pelo garimpo ilegal, o crescimento

da malária também pode ser atribuído aos cortes que o programa de erradicação desta doença vem sofrendo sucessivamente desde novembro de 2016, quando o MS determinou a fusão do programa de controle da malária com o de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*. Com esta fusão, sem justificativas técnicas, mas sim políticas, houve a priorização no combate às outras doenças da pasta e um brusco corte no orçamento destinado à erradicação da malária. Esta decisão do MS logo mostrou seus efeitos: o acelerado e descontrolado crescimento da doença no Brasil desde então³. Antes da fusão dos dois programas, foram registrados na região do Marauaiá, no ano de 2014, apenas 308 casos de malária. Já em 2017, o total saltou para 2.985 casos, um aumento de mais de 850%.



Com este cenário em vista, em dezembro de 2019, lideranças yanomami se reuniram com o Ministério Público Federal do Amazonas (MPF/AM) para denunciar a grave situação de descontrole da malária. A pedido das lideranças, o órgão solicitou à Sesai e ao Dsei-Y que disponibilizassem, em um prazo de 15 dias, medicamentos específicos para tratamento de malária em quantidade suficiente e implementassem ações efetivas e adequadas

² **Amazônia Real.** “Malária potencializa risco de morte por Covid-19 entre os Yanomami”. 08/09/2020.

³ **BBC Brasil.** “Por que os casos de malária cresceram 50% no Brasil após 6 anos de queda”. 04/05/2018.

de prevenção e erradicação dos vetores de malária. Também solicitaram a disponibilização de kits e instrumentos suficientes aos Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e microscopistas para a realização de exames e demais procedimentos necessários para a identificação rápida e eficiente da malária, além do atendimento por equipe multidisciplinar nas comunidades yanomami do Amazonas, entre elas as do Marauíá (Recomendação legal Nº 10/2019 5º Ofício/PR/AM). Passados mais de sete meses, a situação não mudou e os órgãos nada fizeram, como relatou um AIS e microscopista yanomami do Marauíá:

“O que a gente tá precisando é material de laboratório mesmo, tá? Lâminas, essas coisas, teste rápido, lanceta e microscópio, microscópio mesmo. Está faltando, né? [...] A gente tá solicitando, a gente tá passando quinzenal para a Sesai de Boa Vista e Sesai daqui de Santa Isabel. A gente repassa aqui e eles repassam para a Sesai de Boa Vista. Não sei quantas vezes a gente já passou quinzenal pedindo isso, só que até hoje não está chegando na nossa comunidade. Então por isso que eu fico com grande preocupação. Os colegas me deram grande preocupação para mim, lá do Pukima Beira, que tava acabando medicamento de malária. [...] Até hoje, ele tá precisando desse medicamento [...]. Até hoje a gente tá solicitando esse medicamento de malária, só que não tá chegando para a gente aqui do Marauíá, entendeu?” Francisco Pukimapiwëteri Yanomami, 31/07/2020.

Em muitas comunidades, há agentes indígenas de saúde capacitados a fazer o diagnóstico da malária, mas não há microscópios suficientes nem os insumos necessários para a realização dos testes e, quando é possível fazer a testagem, não há medicamentos para o tratamento. Muitas vezes as comunidades do Marauíá precisam reunir as lâminas coletadas em uma comunidade e enviá-las a outras comunidades onde poderão ser feitas as leituras. É uma solução precária e arriscada, pois até que se tenha o resultado, um tempo considerável se passou, podendo agravar o quadro de quem está com a doença, dificultando seu posterior tratamento. A busca ativa, o rápido diagnóstico e tratamento da malária são essenciais para quebrar a cadeia de transmissão da doença. Sem a realização destas ações, é impossível controlar a propagação da doença, além de outras ações como as campanhas de fumigação, que também foram suspensas nos últimos anos, segundo relatam os indígenas.

A alta da malária somada à escassez de medicamentos e suplementos laboratoriais desestimulou a prática do *wayumi* e, neste contexto, muitos grupos voltaram para as comunidades. Porém, ao regressarem às suas aldeias, os Yanomami viram suas roças alagadas devido a uma cheia incomum



Travessia de cachoeira no rio Marauíá.

e inesperada do rio. Sem esta importante fonte de alimentação, grupos de quase todas as comunidades do Marauíá, forçados pela fome, foram para a cidade em busca de alimentos. Cruel cenário: ficar na floresta e correr o risco de morrer de malária, ou ir à cidade e se contaminar com o novo coronavírus:

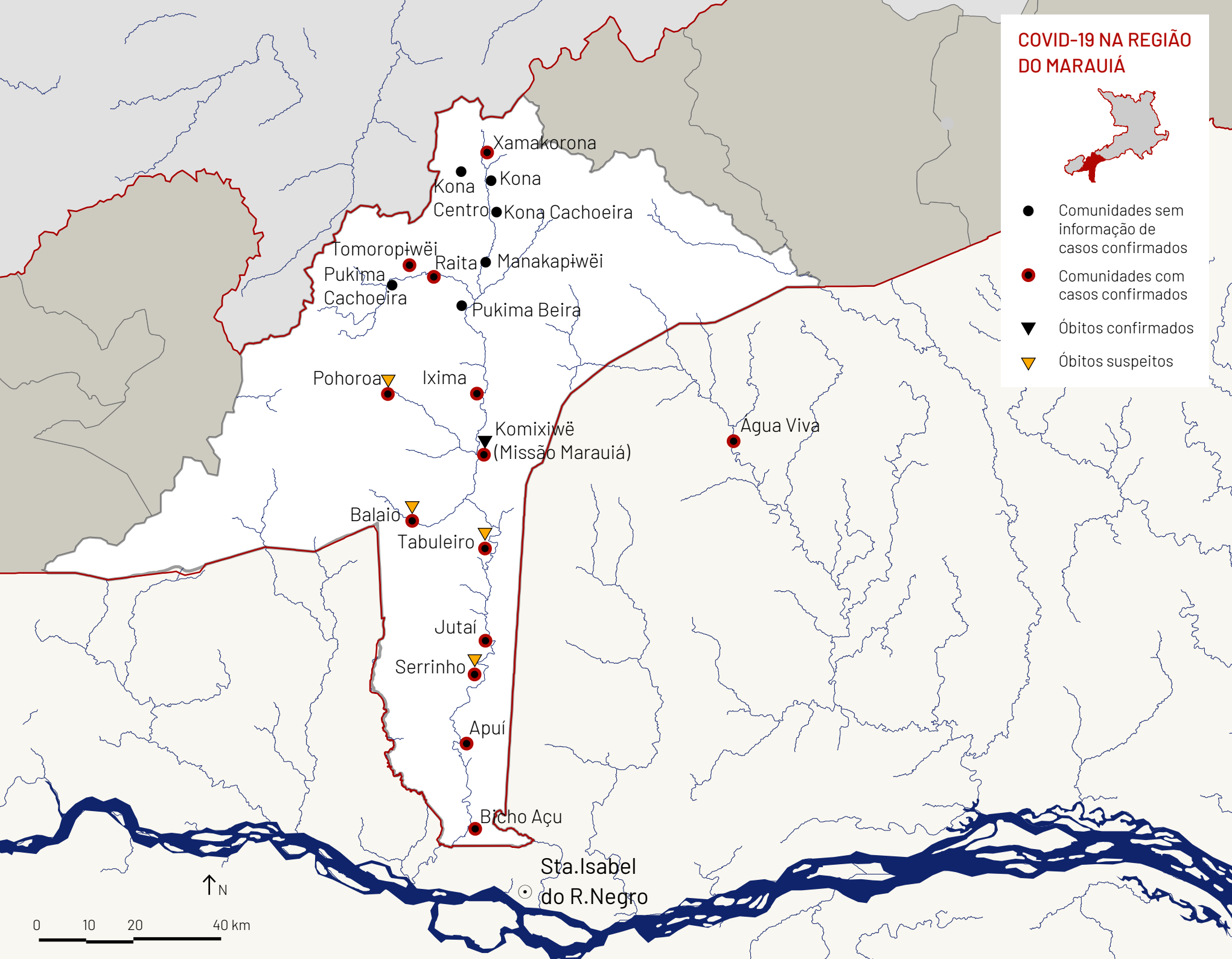
“Eu tô subindo hoje com muita dificuldade, também na alimentação. [...] Nós estamos levando cesta básica pra tá alimentando, porque enchente também levou toda nossa maniva, bananeira, tudo isso. Então por isso dificultou nosso trabalho, nossa vida do povo Yanomami, como viver bem? Então, como vocês, nós também precisamos viver bem da saúde.” Samuel Kohito Yanomami, Coordenador da AKY, 31/07/2020.

Em função da volta às aldeias e da falta de assistência aos casos de malária, a AKY pediu o retorno das equipes locais do Dsei-Y, que chegaram à área no final de junho. No entanto, mesmo com o retorno dos profissionais de saúde, não houve melhora em relação ao tratamento da malária. Este quadro epidemiológico decorrente da explosão da malária na região do Marauíá, e em toda a TIY, se agravou ainda mais: nos últimos sete meses, a malária foi a principal comorbidade associada às complicações fatais da Covid-19, levando diversos Yanomami a óbito. Entre as 23 mortes confirmadas e suspeitas para o novo coronavírus, nove vítimas estavam com malária.

COVID-19 NA REGIÃO DO MARAUIÁ



- Comunidades sem informação de casos confirmados
- Comunidades com casos confirmados
- ▼ Óbitos confirmados
- ▼ Óbitos suspeitos



“A GENTE TEM QUE SABER QUAL DOENÇA ESTÁ NOS MATANDO”: SUBNOTIFICAÇÃO E FALTA DE TESTES

Uma das principais dificuldades no controle da propagação da Covid-19 é a falta de testes para as pessoas que iam das cidades para a TIY. Entre julho e agosto, após a volta do fluxo dos indígenas à cidade e dos profissionais de saúde às aldeias, começaram a aparecer os primeiros casos nas comunidades e em poucas semanas foram relatados pelas lideranças indígenas mais três óbitos suspeitos de Covid-19.

“Esse coronavírus afetou o Marauiá e não tem aqui apoio da saúde indígena yanomami, então em três comunidades já faleceu um de 15 anos, um de 40 anos e um de 60 anos. Então nós estamos muito preocupados, porque não tem lá dentro, enfermeiro. Até a técnica de enfermagem, isso não existe. [...] Por isso eu fico muito preocupado. Não tem acesso, o povo Yanomami, mesmo que o Distrito Yanomami esteja conosco. Ficamos com medo que daqui a pouco estaremos morrendo em cada xapono, cada comunidade.”
Samuel Kohito Yanomami, Coordenador da AKY, 31/07/2020.

Os três óbitos denunciados por Samuel ocorreram nas comunidades Serrinho, Balaio e Tabuleiro. O idoso de Tabuleiro era um grande e respeitado xamã na região que, desde a década de 1960, conviveu com a presença dos missionários salesianos. A morte de um xamã, neste contexto, é ainda mais trágica. Semanas depois da denúncia, ocorreu um quarto óbito, um idoso na comunidade Pohoroa. Estas foram as localidades mais impactadas com a perda das roças devido à cheia do rio e, por se localizarem no médio curso do rio Marauiá, estão mais próximas a cidade e o fluxo de pessoas para lá é mais intenso. Nestas comunidades, foram muitos os relatos dos sintomáticos para Covid-19.

A presença de funcionários do Dsei-Y que testaram positivo para o novo vírus também pode ter ocasionado o aumento dos casos na região. É o caso da comunidade Komixiwë, sede da Missão Salesiana, onde dois técnicos de saúde do Dsei-Y testaram positivo para o vírus. Ali foram confirmados sete casos de Covid-19, incluindo um bebê de cinco meses. Esta criança, além de Covid-19, também estava com malária e veio a óbito poucos dias após ter sido testada. Foi mais uma vítima da combinação do coronavírus com a malária: dos cinco óbitos suspeitos e confirmados para Covid-19 ocorridos na região do Marauiá, quatro estão associados à infecção recente por malária.

Apesar da gravidade da situação, do elevado número de mortes e casos sintomáticos, a Sesai realizou apenas 23 testes rápidos na região⁴, sendo 21 positivos, e confirmou somente um óbito como decorrente de Covid-19. Outros testes foram realizados pela Secretaria Municipal de Saúde de Santa Isabel do Rio Negro em grupos que desceram para a cidade, todos igualmente positivos. Segundo o monitoramento da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana, em 13 das 19 comunidades da região foram confirmados pelo menos 76 casos do novo coronavírus. Segundo relatos dos indígenas, é possível que muitos habitantes tenham sido expostos à Covid-19.

“Não era pra gente estar morrendo disso, por causa de doença forte, né. [...] Agora tá acontecendo, tá aumentando sintoma de Covid-19, tá aumentando. O que a gente pode fazer? Como a gente vamos saber se é realmente Covid-19? Como que a gente pode descobrir? Se é de Covid-19 que a gente tá morrendo? A gente tem que saber qual doença está nos matando. Se não tiver esse teste, a gente não tem nem como descobrir que essa doença tá matando a gente!” Francisco Pukimapiwëteri Yanomami, 31/07/2020.

GARIMPO, MALÁRIA E COVID-19: UMA COMBINAÇÃO DESASTROSA URARICOERA

Um dos mais extensos rios de Roraima, o Uraricoera, tem parte significativa de seu curso no interior da Terra Indígena Yanomami (TIY). Nesta região, estão localizadas dezenas de comunidades ye'kwana, ninam, yanomam e sanõma com um população total de mais de 1.292 pessoas (Sesai, 2018). Essa população é atendida pelos polos base Waikás, Palimiu e Uraricoera do Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei-Y).

Antes da pandemia chegar ao rio Uraricoera, a área já estava tomada por milhares de invasores. É uma das mais afetadas pelo garimpo ilegal de ouro – e não é de hoje. Entre 1987 e 1989, estima-se que mais de 2 mil balsas de garimpo trafegavam por esse rio. A primeira grande invasão garimpeira aconteceu entre o fim dos anos 1980 e 1990, afetando enormemente a vida dos Yanomami e Ye'kwana que viviam ali. Com o aumento vertiginoso das invasões, de 2019 até o presente¹, o rio Uraricoera se consolidou como uma das principais rotas de entrada e abastecimento dos garimpos ilegais da TIY. Hoje, as comunidades indígenas estão cercadas pelos garimpeiros.

POLO BASE WAIKÁS

População total (Sesai, 2018)

183

Grupos linguísticos

Ye'kwana
Sanõma

Comunidades

Aracaçá, Waichannha

Fonte: Rede Pró-YY. Última atualização na semana epidemiológica 43 (18/10/2020 a 24/10/2020).

¹ **Folha de São Paulo**. "Invasão em terra indígena chega a 20 mil garimpeiros, diz líder yanomâmi". 16/05/2019; **Fantástico, Globo**. "Lideranças indígenas denunciam atuação de garimpeiros em áreas de proteção". 18/08/2019; **BBC News Brasil**. "Em meio à covid-19, garimpo avança e se aproxima de índios isolados em Roraima". 09/04/2020; **Greenpeace Brasil**. "Em meio à Covid, 72% do garimpo na Amazônia foi em áreas 'protegidas'". 25/06/2020; **Reuters**. "The threatened tribe". 26/06/2020.



Tatuzão do Mutum, próximo à comunidade Waichannha, na região de Waikás.

Situada às margens do rio Uraricoera, a região de Waikás abriga duas comunidades cujas populações somam mais de 183 pessoas (Sesai, 2018). Desde 2016, a maior área de garimpo da TIY conhecida como Tatuzão do Mutum está localizada na região de Waikás. Relatos de indígenas da região apontam que, em poucos anos, o local se transformou em uma vila onde milhares de garimpeiros transitam livremente². O nome "tatuzão" remete ao efeito destruidor do "garimpo de barranco", o mais comum na região, que utiliza maquinários para lançar jatos d'água capazes de rasgar a floresta. Em 2018, com ações de fiscalização do Exército e a ativação de uma base temporária na região do Uraricoera, foi possível inibir a entrada de garimpeiros na região. No entanto, em dezembro daquele ano, as ações de fiscalização foram interrompidas e os garimpos explodiram de novo. Em 2019, ações pontuais voltaram a ocorrer, como as Operações Curare 10 e 11 do Exército Brasileiro, mas não foram eficazes para controlar a invasão. A vila do Tatuzão do Mutum vem sendo reconstruída e atualmente dispõe de significativo apoio logístico: barcos, aviões, helicópteros, telefone e *internet* via satélite.

Em relato cedido à Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (Rede Pró-YY), S. Ye'kwana*, morador da comunidade ye'kwana de Waichannha (ou Waikás) afirma haver mais de 10 mil garimpeiros na região do Uraricoera. Além do Tatuzão do Mutum, estimada por indígenas da região com cerca de 3 mil não-indígenas, existem outros "tatuzões" em atividade: a área próxima à comunidade de Aracaçá, com cerca de 5 mil garimpeiros; o Tatuzão

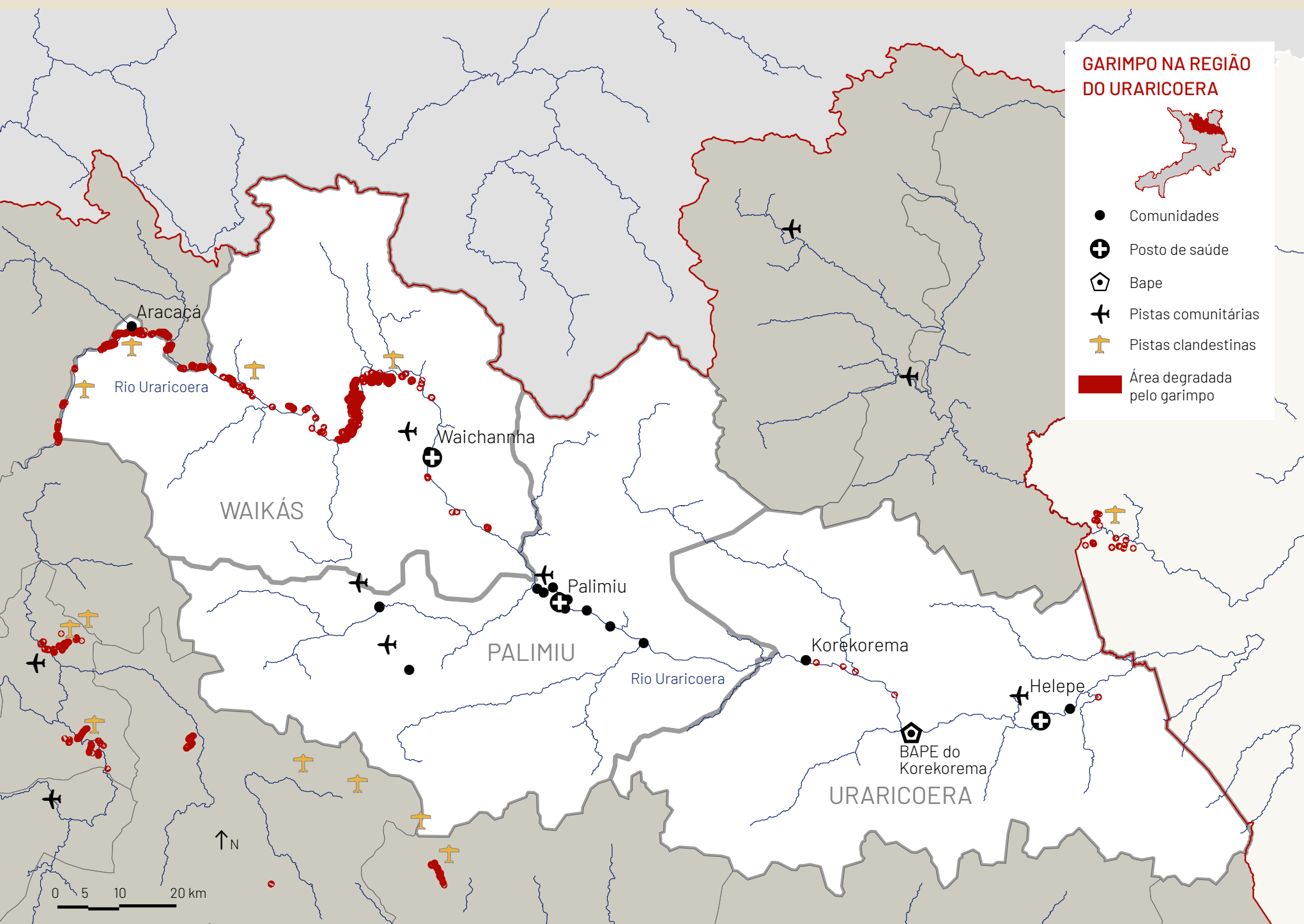
² **G1**. "Cidade' de garimpo ilegal na Floresta Amazônica movimentava R\$ 32 milhões ao mês, diz Exército". 13/07/2017.

* Nome alterado para preservar a identidade da pessoa.

GARIMPO NA REGIÃO DO URARICOERA



- Comunidades
- ⊕ Posto de saúde
- ⬠ Bape
- ✈ Pistas comunitárias
- ✈ Pistas clandestinas
- Área degradada pelo garimpo



Brabinho, abaixo do Mutum, com 3 mil invasores; o “tatuzão” próximo à comunidade Korekorema, com centenas de pessoas; e o Tatuzão Cabaré, abaixo de Waichannha, em uma área de caça dos Ye’kwana. Esta nova área de garimpo, aberta em agosto de 2020, já possui casas de prostituição e bares.

Imagens de satélite mostram que, mesmo com a pandemia da Covid-19, a invasão na região de Waikás seguiu a todo vapor. De janeiro e setembro de 2020, dados do Sistema Indicação Radar de Desmatamento do Instituto Socioambiental (Sirad-Y/ISA) registram um aumento de 6% nas áreas degradadas pelo garimpo ilegal em Waikás e de 54% em Aracaçá. Neste período, Aracaçá apresentou um dos maiores crescimentos em termos absolutos, com incrementos superiores a 100 hectares (cerca de 92 campos de futebol).

Desde o início de 2020, indígenas têm relatado um fluxo diário de aeronaves e helicópteros que pousam em pistas clandestinas ou em áreas já destruídas pelo garimpo, além do movimento constante de barcos pelo rio Uraricoera para transportar garimpeiros, mantimentos e combustível. Estima-se que um barco chegue a carregar seis toneladas de mantimentos. Em um destes barcos, a Covid-19 chegou até a comunidade Waichannha.



Avanço do garimpo ilegal próximo ao rio Auaris e à comunidade Aracaçá, na TIY (Planet/MapBiomas, 2020).

Janeiro de 2020



Setembro de 2020

Em maio, um grupo de garimpeiros chegou até uma área de garimpo localizada nas proximidades de Aracaçá, a montante de Waichannha. Um jovem indígena que teve contato com este grupo começou a apresentar sintomas de Covid-19 quando retornou à comunidade ye’kwana e, em poucos dias, a doença se espalhou ali. Muitas pessoas começaram a sentir dores de cabeça, de garganta, dores no corpo, febre e tosse e os casos foram se multiplicando. Apesar do rápido alastramento da doença, os moradores ficaram sem assistência médica adequada até o final de junho.

O posto de saúde não dispunha de medicamentos antitérmicos, tinha somente um cilindro de oxigênio para uma população de mais de 150 pessoas e não havia equipe técnica suficiente para o atendimento. Agravando ainda mais este cenário, o fluxo diário de garimpeiros que vão à comunidade em busca de alimentos ou atendimento no posto de saúde indígena não parou. Indígenas relatam que, em 18 de junho, um garimpeiro apresentando sintomas de Covid-19 recebeu atendimento no posto, colocando em risco a população local e os poucos profissionais de saúde que já estavam sobrecarregados. É importante observar que no mês de junho, no ápice do contágio da Covid-19 em Waichannha, o voo de rotina desse polo base que ocorre todo dia 20, foi adiado três vezes e a justificativa dada aos indígenas foi de que não havia aeronaves suficientes para atender a demanda do Dsei-Y.

Em 23 de junho, Robivaldo Magalhães relatou que a maioria dos 154 moradores já havia sido contaminada pela Covid-19. Dois dias depois, preocupado com a progressão da doença, uma liderança de Waichannha enviou uma carta ao Dsei-Y, alertando sobre a precariedade da situação de saúde da comunidade e solicitando medidas emergenciais:

“Temos notícia de que pelo menos 15 pessoas estão doentes e que 4 idosos estão muito fracos e com quadro respiratório muito ruim, um deles é meu pai. Isso nos preocupa muito! Precisamos urgentemente de remédios para tratar os pacientes com febre e muitas dores. Como vamos cuidar dos nossos parentes assim? Isso não pode acontecer ainda mais nesse momento em que o mundo enfrenta uma pandemia! [...] O Dsei-Y precisa garantir a testagem de toda a comunidade de Waikás que tem mais de 100 pessoas. Também precisamos de uma equipe de saúde completa que possa acompanhar esses casos que são possíveis infecções de Covid-19. Não temos médico e estamos há cinco meses sem enfermeiro responsável!”
Nivaldo Rocha, 25/06/2020.



Criança ye'kwana
na comunidade
Waichannha.

De acordo com dados da Sesai/MS³, no dia 24 de junho, foram confirmados com testes rápidos quatro casos de Covid-19 no polo base de Waikás. Como não havia mais testes disponíveis no posto de saúde, apenas quatro idosos com dificuldades respiratórias foram testados. Dias após o alerta da liderança que foi noticiado na mídia⁴, o Dsei-Y enviou um voo com um concentrador de oxigênio, gerador, remédios e equipe médica de reforço.

Entre a chegada da nova equipe médica e o fim da missão interministerial realizada na TIY, do dia 29 de junho a 1 de julho, notamos um hiato na realização dos testes rápidos em Waichannha (Waikás) pelo Dsei-Y, sendo retomados apenas em 3 de julho. Os testes feitos pela missão interministerial⁵ deram todos negativos, mas tiveram sua efetividade questionada pelas lideranças ye'kwana. O resultado divulgado convenientemente pela comitiva foi o de que não havia nenhum caso confirmado de Covid-19 em Waikás. Três dias após o fim da missão, o

³ Dados obtidos via Lei de Acesso à informação (LAI) atualizados em 19/10/2020.

⁴ Uol Notícias. "Índigenas alertam possível foco de covid-19 nos Yanomami gerado por garimpo". 28/06/2020.

⁵ Ver neste relatório "A pandemia está controlada: missão interministerial em Auaris, Waikás e Surucucus", p.90.

Dsei-Y retomou a testagem e a maioria dos testes feitos deu positivo para o novo coronavírus.

Segundo a Sesai/MS, entre 16 de junho a 13 de julho, 49 pessoas oriundas de Waichannha, testaram positivo, ou seja, pelo menos 30% da população dessa comunidade estava contaminada com Covid-19 no período. Os relatos indígenas são inequívocos em descrever uma contaminação generalizada durante os meses de junho e julho.

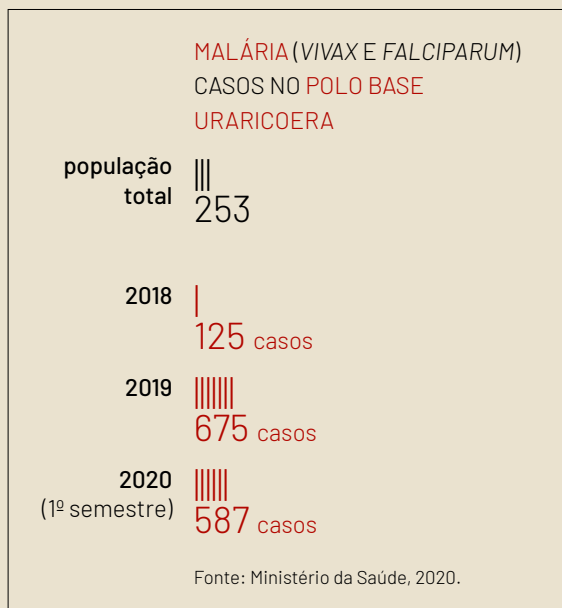
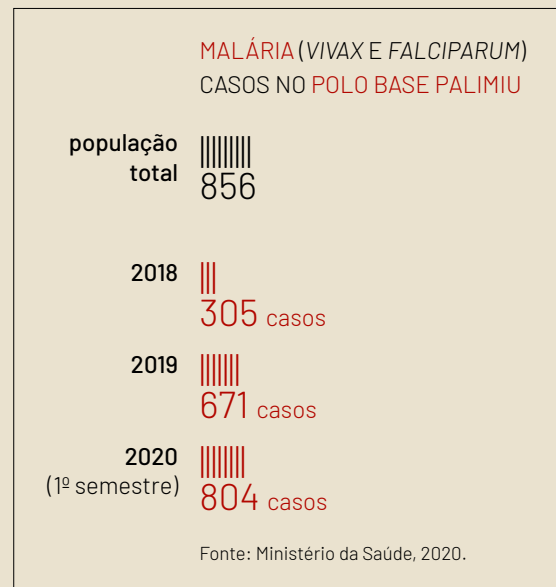
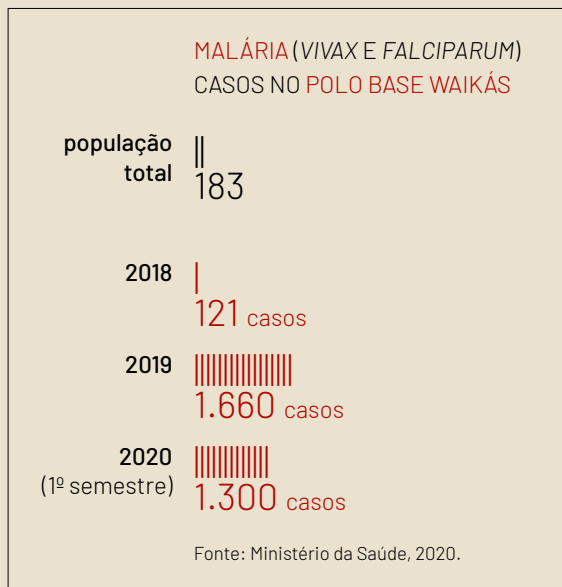
As informações e os relatos reunidos até o presente nos levam a crer que Waichannha foi totalmente infectada pelo vírus Sars-Cov-2, sendo a origem do contágio, o contato de um jovem ye'kwana com garimpeiros que atuam em áreas próximas à comunidade de Aracaçá. Não há informações sobre testagens em Aracaçá, onde vivem dezenas de Sanõma e a presença garimpeira é massiva. Não seria um exagero afirmar que essa pequena aldeia sofreu, assim como Waichannha, um contágio veloz do novo coronavírus.

A grave situação do garimpo ilegal na região de Waikás, que inclui a comunidade Waichannha e a comunidade Aracaçá, é denunciada há anos pelas associações indígenas⁶. De acordo com estudo da Fiocruz de 2016, Aracaçá é onde se encontra o maior índice de contaminação por mercúrio da TIY: 92% do total das amostras analisadas apresentaram alto índice de contaminação. Antes da chegada da pandemia nessa região, a saúde indígena já estava fragilizada não só devido à contaminação por mercúrio, mas em razão da explosão da malária nos últimos dois anos, coincidindo com a intensificação do garimpo no rio Uraricoera.

Os gráficos a seguir evidenciam a gravidade da situação sanitária vivida pelos habitantes da calha do rio Uraricoera. Houve um aumento expressivo de casos de malária na TIY nos últimos anos: 71,7% de 2018 para 2019, segundo o Ministério da Saúde⁷. De acordo com o Plano Distrital de Saúde 2020-2023 do Dsei-Y, 30 dos 37 polos base existentes na TIY apresentam um alto risco para malária. Este é o caso do polo base de Waikás que, apenas no primeiro semestre de 2020, registrou quase 80% do total de casos ocorridos em 2019.

⁶ ISA. "Davi Kopenawa ganha 'Nobel alternativo' e faz alerta ao mundo: garimpo está matando os Yanomami". 04/12/2019.

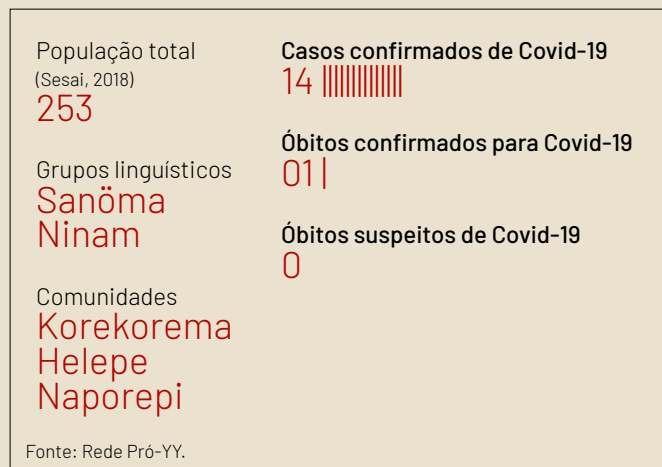
⁷ Dados do Ministério da Saúde divulgados em Uol Notícias. "Malária explode na terra Yanomami; casos quadruplicaram em 5 anos". 02/08/2020.



Os números de casos positivos nos anos de 2019 e 2020 no Polo Base Waikás são extremamente elevados se considerarmos que a população local soma pouco mais de 180 pessoas. Esses índices, ainda que sejam oficiais, parecem não condizer com a realidade da contaminação apenas dos Ye'kwana e Yanomami da região. Se assim o fosse, indicaria que cada pessoa pegou malária quase dez vezes em um único ano, o que não corresponde aos relatos dos indígenas. Em comunicação com lideranças da região, a hipótese que se levanta é a de que os números do Dsei-Y relativos aos casos de malária em Waikás podem remeter à garimpeiros infectados pela doença que se utilizam da infraestrutura de saúde destinada aos indígenas para tratarem de suas enfermidades.

A situação dos polos base Uraricoera e Palimiu não difere do polo base de Waikás e expressa o mesmo ciclo instaurado pelo garimpo nas comunidades indígenas: degradação ambiental, violência, aliciamento de jovens e doenças de todas as sortes. Se até o momento há poucas notificações de casos de Covid-19 nas comunidades Korekorema, Helepe, Naporepi e nas demais aldeias do Palimiu, não se pode dizer que elas estão a salvo.

POLO BASE URARICOERA



Dos 14 casos confirmados de Covid-19 registrados no polo base de Uraricoera pelo monitoramento da Rede Pró-YY, pelo menos oito foram infectados na comunidade Korekorema. A suspeita dos moradores é de que um jovem em contato com garimpeiros tenha trazido a nova doença. Desde março de 2020, lideranças sanõma vêm relatando a presença de garimpeiros em áreas próximas à comunidade. De acordo com T. Sanõma*, morador de Korekorema, há atualmente duas áreas de garimpo de barranco (“tatuzão”) na região.

“Eles estão sujando o rio, estragando a nossa terra. Quando vou para a terra dos brancos, eu não sujo, não faço bagunça. Por que eles estão sujando nossa terra assim? Por que eles estão invadindo nossa terra desse jeito? [...] Perto da comunidade tem dois ‘tatuzões’ grandes, eles deixaram o buracão grande e parece que é nesse buraco que os carapanã estão saindo. Por isso que é muito carapanã. Todo dia é 50, 150 pessoas com malária e aí a comunidade fica muito triste. À noite, a gente não consegue dormir direito. Nessa terra, Korekorema, tem muito garimpeiro! Não respeitam a gente! Eu passei quase três meses de isolamento do mato para fugir do coronavírus. No dia 23 de julho, eu voltei e fui dar uma olhada lá. Era verdade. Outros garimpeiros que chegaram lá em Korekorema me procuraram: ‘Ei! Cadê pata [liderança] daqui? A gente veio pegar remédio, a gente troca com ouro’. Aí eu falei assim: ‘Ô, aqui só tem remédio para comunidade! Ô, não chega de novo aqui não, de jeito nenhum!’. Em 1989, quando abriram os garimpos ilegais, a malária sempre acompanhou!

* Nome alterado para preservar a identidade da pessoa.

Morreram muitas pessoas naquela época. Agora de novo. Muita malária, muito garimpeiro, é assim.” T. Sanõma*, 05/10/2020.

Em 14 de abril deste ano, a Hutukara Associação Yanomami (HAY) alertou às autoridades sobre a chegada de um grupo de 50 garimpeiros na região. Nessa ocasião, a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Exército brasileiro agiram com celeridade e retiraram dezenas de invasores da área. No entanto, com a ausência de fiscalização permanente e de um plano de proteção efetivo da TIY, os garimpeiros retornaram ao local. Imagens de satélite mostram que, no mês de abril de 2020, uma área de garimpo começou a ser aberta e hoje atinge o tamanho aproximado de um campo de futebol, cerca de 10 mil metros quadrados. O garimpo está a apenas 1,8 km da comunidade Korekorema que, até o início de 2020, vivia sem invasores na vizinhança.

Em 9 de abril, foi registrada a primeira morte por Covid-19 entre os Yanomami⁸. O jovem de 15 anos era morador da comunidade Helepe, situada às margens do Uraricoera, uma das rotas de entrada do garimpo na TIY. Em 18 de março, deu entrada no Hospital Geral de Roraima (HGR), em Boa Vista, com sintomas respiratórios, mas só foi diagnosticado com Covid-19 em 07 de abril, dias antes de falecer. Até o momento, não há informações precisas sobre o local do contágio do jovem ninam. Nesse período, ele teve contato com muitas pessoas na Casai-Leste e em sua comunidade, para onde voltou, em 25 de março, após receber alta do HGR⁹. Buscou novos atendimentos no hospital, igualmente inadequados, até que foi internado em 3 de abril, já em estado grave. Nos últimos meses de vida, o rapaz esteve desnutrido, anêmico e contraiu malária repetidas vezes. Mesmo tendo estado em Helepe enquanto estava contaminado, o Dsei-Y realizou, nos dois meses subsequentes à morte do rapaz, apenas 5 testes entre os moradores da comunidade que somam mais de 70 pessoas¹⁰. O seu corpo foi enterrado no cemitério Campos da Saudade, em Boa Vista, sem que a família fosse avisada, desrespeitando não só a ética, mas também os rituais funerários tradicionais dos Yanomami¹¹.

⁸ **Amazônia Real**. “Morre jovem Yanomami por Covid-19, em Roraima, diz Sesai”. 09/04/2020.

⁹ **Amazônia Real**. “Antes de testar para coronavírus, jovem Yanomami recebeu alta de hospital público de Roraima”. 08/04/2020.

¹⁰ Dados obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI) atualizados em 19/10/2020.

¹¹ **Amazônia Real**. “Coronavírus: enterro de indígena sem ritual requer diálogo entre lideranças e o Ministério da Saúde, dizem especialistas”. 13/04/2020.

POLO BASE PALIMIU

População total
(Sesai, 2018)
856

Casos confirmados de Covid-19
08 |||||

Grupos linguísticos
Yanomami

Óbitos confirmados para Covid-19
0

Comunidades
(Sesai, 2018)
15

Óbitos suspeitos de Covid-19
02 ||

Fonte: Rede Pró-YY.

A Rede Pró-YY registrou dois óbitos suspeitos que ocorreram na região do Palimiu em setembro. Segundo relatos de lideranças da região registrados no início de outubro, duas mulheres idosas faleceram, com sintomas de Covid-19. Vale destacar o fato de que estas senhoras yanomam tiveram malária recentemente, corroborando a hipótese de que essa é a principal comorbidade que tem levado a população da TIY a óbito no contexto da pandemia¹².

Depoimento da liderança yanomam alerta sobre o descaso com a saúde indígena, o aumento exponencial dos garimpos ilegais e da malária e a chegada da Covid-19 no polo base Palimiu:

“Os garimpeiros trabalham lá no meio e por ter o tatuzão perto do Palimiu, esse pessoal nos passou Covid. Nós estávamos bem, mas agora com o garimpo perto, as duas senhoras morreram. Por causa disso, nós ficamos muito tristes! O pessoal dos garimpeiros adoeceram lá no garimpo, se tornou uma epidemia e as duas senhoras se acabaram. Por isso nós ficamos bravos! ‘Ei! Vocês, brancos, não trabalhem aqui!’, foi assim que eu disse. ‘Se vocês trabalharem aqui, quando eu chamar a Polícia Federal, eles vão quebrar suas máquinas e vocês vão ficar muito bravos! Então por isso vocês se afastem mesmo daqui!’, foi isso que disse. Eles se afastaram, mas outros chegaram e nos passaram a Covid, então essas duas senhoras morreram. Alguns jovens pegaram e quase morreram, mas devagar foram se curando com remédio tradicional do mato. Minha esposa quase morreu

¹² [Amazônia Real](#). “Malária potencializa risco de morte por Covid-19 entre os Yanomami”. 08/09/2020.

* Nome alterado para preservar a identidade da pessoa.

e meu filho também. Meu pai também, mas como fez xamanismo, ele ainda está bem. Então por causa disso nós estamos muito tristes! Não é legal, não é nada legal! Já que os brancos estão bem lá no meio, o helicóptero espalhou muita Covid. Eles trabalham muito lá no meio, onde já tem um grande tatuzão.” X. Yanomami*, 02/10/2020, Boa Vista.

Comunidade à margem do Uraricoera na região do Palimiu.



“A PANDEMIA ESTÁ CONTROLADA”: MISSÃO INTERMINISTERIAL EM AUARIS, WAIKÁS E SURUCUCUS

Desde a chegada da pandemia no país, o governo federal em nenhum momento procurou informar a população sobre a real situação sanitária que enfrentamos. No que diz respeito ao avanço da Covid-19 nos territórios indígenas, não é diferente. Declarações enviesadas têm sido uma constante entre seus correligionários, como no caso da primeira missão interministerial realizada em Terras Indígenas no estado de Roraima. Não por acaso, a comitiva militar em territórios indígenas foi acompanhada por um grande número de jornalistas. O governo não mediu esforços e recursos financeiros para promover aglomerações em comunidades indígenas que haviam optado pelo auto-isolamento ou em localidades extremamente isoladas onde a presença não-indígena, em contexto de pandemia, não era bem-vinda, pois representava um enorme risco de contágio. Além do duvidoso interesse da missão, os habitantes da Terra Indígena Yanomami (TIY) e as suas associações representativas não foram consultadas previamente sobre o ingresso da comitiva em suas comunidades ou seu plano de trabalho, em desrespeito à Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da qual o Brasil é signatário.

Crianças brincam em “espaço recreativo” instalado pela missão interministerial em Auaris, na Terra Indígena Yanomami (RR).



A MISSÃO INTERMINISTERIAL

Entre 29 de junho e 01 de julho, a comitiva do Governo Federal visitou regiões da TIY localizadas em Roraima, organizando ações em três polos base do Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei-Y) que atendem, ao total, mais de sete mil indígenas: Auaris, Waikás e Surucucus. Foi uma missão coordenada pelos Ministérios da Defesa (MD) e da Saúde (MS) e pela Fundação Nacional do Índio (Funai), na qual estiveram presentes o Ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, e o secretário da Sesai, coronel da reserva Robson Santos Silva. Outros representantes do Governo os acompanharam: 21 profissionais da saúde da Marinha, Exército e Aeronáutica (12 médicos, três enfermeiros e seis técnicos de enfermagem) e 18 jornalistas da imprensa nacional e internacional. Além de cestas de alimentos, foram entregues EPIs e milhares de comprimidos de remédios como cloroquina, azitromicina e prednisona.

À primeira vista, a operação poderia ser interpretada como uma resposta positiva às repetidas denúncias dos povos Yanomami e Ye'kwana à situação alarmante da pandemia na TIY. No entanto, os propósitos e desdobramentos da ação são bastante controversos. A começar pelo valor destinado à execução da ação interministerial na TIY e na Terra Indígena (TI) Raposa Serra do Sol. Somente para a logística de transporte, os recursos públicos despendidos somaram R\$ 4.905.868,73¹. Esse valor gasto em apenas uma semana equivale a 69,7% do montante liquidado pelo Dsei-Y até setembro de 2020 com despesas relacionadas a transporte aéreo². Os resultados da ação, como veremos a seguir, são questionáveis por diversos aspectos.

ESTRATÉGIAS PARA DISSIMULAR O AVANÇO DA PANDEMIA

Nas notícias veiculadas sobre a missão, as declarações de representantes do MD e do MS enfatizavam um suposto controle da pandemia nas regiões visitadas pela comitiva militar.

¹ Informação disponível em Recomendação do MPF-RR no. 25/2020 (PR-RR-00023241/2020) de 07/10/2020.

² Segundo dados do [Portal da Transparência](#), de janeiro a setembro de 2020, o Dsei-Y liquidou R\$ 7.031.610,95, valor destinado à despesa “Outros Serviços de Terceiros/Pessoa Jurídica”, que inclui, entre outros itens, gastos com transporte aéreo (Inesc, 2020a).

“Cheguei de lá agora. Tivemos uma operação com várias etnias. Nós não tivemos nenhum caso e o relato de aldeias mais longínquas é somente dois casos. Então, não é um caso de uma pandemia que está atingindo os índios”. Fernando Azevedo e Silva, Ministro da Defesa, 01/07/2020, Folha de Boa Vista³.

“Não detectamos nenhum caso positivo para a Covid-19 na região. Isso é um bom sinal, de que o trabalho que vem sendo feito pelo Governo Federal e por todos os órgãos de apoio, que prestam serviço nessa região, tem apresentado bons resultados e tem sido efetivo para o combate à Covid-19 em terras indígenas”. Robson Santos da Silva, Secretário da Sesai 02/07/2020, Portal Amazônia⁴.

Integrantes da comitiva fizeram questão de afirmar que todos os testes (209) realizados em Auaris, Waikás e Surucucus deram negativo e que, portanto, a “pandemia estaria controlada”. No entanto, o número total de indígenas testados pela missão equivale a apenas 3% da população total das três regiões visitadas e menos de 1% da população indígena da TIY.

Entre os meses de junho e julho, a Covid-19 começou a se espalhar em regiões próximas às zonas de garimpo. No dia 25 de junho, a liderança da comunidade Waichanha (Waikás), situada às margens do rio Uraricoera, enviou uma carta ao Dsei-Y, relatando haver ali um possível quadro de transmissão comunitária do coronavírus⁵. Um jovem de Waichanha foi infectado em contato com garimpeiros da região e espalhou a doença na aldeia ye'kwana. Uma semana antes da missão interministerial, o polo base Waikás já havia confirmado com testes rápidos a contaminação de cinco pessoas. Os 49 casos confirmados pelo Dsei-Y entre junho e julho, mostram que ao menos 30% da população de Waichanha estava contaminada com Covid-19.

De acordo com lideranças ye'kwana da região, os médicos da comitiva militar realizaram apressadamente mais de 100 testes rápidos na comunidade, sem aguardar o tempo necessário para a aferição correta. Os moradores, que já vinham sofrendo com a Covid-19 há semanas, suspeitaram do fato de que todos os testes feitos pela comitiva terem

³ **Folha de Boa Vista**. “Ministro diz que pandemia está controlada nas terras indígenas”. 01/07/2020.

⁴ **Portal Amazônia**. “Missão nas aldeias yanomami testa indígenas para Covid-19”. 03/07/2020.

⁵ **Uol Notícias**. “Índigenas alertam possível foco de covid-19 nos Yanomami gerado por garimpo”. 28/06/2020.

resultado negativo, em um claro contexto de transmissão comunitária de Covid-19.

“Eles chegaram já começando, já fazendo teste no posto mesmo. Teste rápido estava saindo negativo, mas eles mostraram, né? ‘Quando tiver assim, você não está com Covid’. Todas as pessoas que fizeram busca ativa, todo mundo deu negativo. Nós começamos a desconfiar deles, porque eles faziam assim de qualquer jeito. Eles não deram máscara para gente, eles não orientaram. E a gente ficou assim, junto, tipo aglomeração. Só depois eles distribuíram máscaras.” Robivaldo Magalhães, morador de Waichanha, 05/10/2020.

No último dia da missão, a Sesai registrou oficialmente 160 casos de Covid-19 e quatro mortes confirmadas na TIY, evidenciando que as declarações dos representantes do governo não refletiam a realidade da pandemia entre os Yanomami e Ye'kwana. Imediatamente após o retorno da comitiva, o Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi), formado por conselheiros indígenas para exercer o controle social das ações e políticas de atenção à saúde indígena na TIY, solicitou abertura de inquérito para investigar a missão interministerial⁶. Esta denúncia levou o Secretário da Sesai, Robson Santos da Silva, a ameaçar de processo o presidente do Condisi⁷.

“Fizeram uma ação completamente sem necessidade, tirando foto, fazendo mídia, mostrando o que o governo estava fazendo, mas na verdade não fizeram absolutamente nada! [...] Fizeram muita aglomeração das pessoas, desrespeitando o distanciamento das comunidades. [...] Então ficamos muito preocupados com essa ação, porque não ajudaram absolutamente nada! [...] Então é uma preocupação muito grande que essa comissão foram sem consulta, sem diálogo com as comunidades, as comunidades estavam muito isoladas. Então ficamos muito preocupados, como deu um surto no polo base Waikás, essas mesmas pessoas foram para o Surucucu, que as comunidades são muito isoladas, recém contato, os Yanomami, ninguém fala português nessa comunidade. [...] Temos fotos, entendeu? E não gostaram muito que fizeram teste rápido sem necessidade nenhuma, e sem seguir o protocolo de fazer o teste rápido, entendeu? Fizeram tipo brincadeiras, furando outro, furando o outro, pra fazer teste até onde eu sei, tem que esperar sete dias os sintomáticos de corona, tem que seguir

⁶ **Bol Notícias**. “Ministério Público investiga missão militar contra covid-19 em terras indígenas”. 03/07/2020.

⁷ **Época**. “Secretário ameaça processar indígenas que denunciaram distribuição de cloroquina em aldeias”. 13/07/2020.

esses protocolos, próprio ministério da saúde, como é isso? [...] Única coisa que a gente grita pro governo federal é remover os garimpeiros das comunidades, estão presentes todo território yanomami. Não adianta a gente fazer um lockdown na comunidade [...] enquanto os garimpeiros estão aqui, expulsando a comunidade, matando os yanomami como recentemente aconteceu.” Junior Hekurari Yanomami, presidente do Condisi, 07/07/2020, Podcast Roteirices.

Apenas algumas semanas antes da missão, houve o assassinato de dois Yanomami por garimpeiros ilegais na região do rio Parima e o Ministro da Defesa também se pronunciou a respeito, minimizando a tensão existente em função da invasão garimpeira na TIY. Face a essas declarações, a Hutukara Associação Yanomami (HAY), publicou uma nota de repúdio exigindo medidas do Ministro para a retirada imediata dos garimpeiros, que seria a principal medida de contenção da pandemia na TI:

“Dizer que a situação da Covid-19 está controlada é uma mentira. Pelo contrário, está em franca expansão. [...] O Ministro da Defesa também tem responsabilidade para impedir a invasão ilegal dos garimpeiros na Terra Indígena Yanomami, pois o Exército deve agir nas operações de fiscalização em conjunto com outros órgãos do Governo. Nós sabemos disso e por essa razão enviamos ofício ao seu Gabinete pedindo que sejam tomadas as medidas para o combate ao garimpo. Isso não é só responsabilidade do Ministério da Justiça, como o sr. Fernando de Azevedo falou pros jornalistas depois da viagem⁸. A entrada e saída dos garimpeiros continua ocorrendo sem controle nem fiscalização nenhuma, o que torna impossível controlar sua dispersão também como vetores de contágio dentro da TIY.”
Nota da HAY, 02/07/2020.

VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DE CONSULTA PRÉVIA

Outro aspecto grave da missão foi a ausência de consulta livre, prévia e informada às lideranças e às associações representativas das comunidades yanomami e ye'kwana visitadas. Além de ignorar tal direito, feriu a decisão de isolamento de muitas comunidades, violou regras de distanciamento social e expôs os indígenas à presença de dezenas de jornalistas que os fotografaram sem autorização.

⁸ Em reportagem produzida pela jornal [France 2](#) durante a missão interministerial, o Ministro da Defesa foi interrogado sobre as ações do governo para combater o garimpo ilegal e afirmou aos jornalistas: “Não é o problema do Ministério da Defesa”.

Em 2004, o Brasil ratificou a [Convenção nº169 da OIT no](#) que reconhece obrigações dos Estados perante os direitos dos povos indígenas, dentre as quais de consultar previamente os indígenas em qualquer ação que possa vir a afetar suas vidas. Os Yanomami e Ye'kwana conhecem bem este direito: no ano passado, publicaram e entregaram a oito órgãos federais, dentre eles, o MS, o MD e a Funai, o seu próprio [Protocolo de Consulta](#), no qual descrevem as instâncias legítimas de decisão e como devem ser consultados pelo governo brasileiro⁹.

Tanto a [Portaria n. 419/PRES](#) como a [Lei n. 14.021/2020](#), deste ano, estabeleceram medidas de prevenção à infecção e propagação da Covid-19 nas Terras Indígenas, determinando, por exemplo, que o acesso de não-indígenas a territórios que abrigam povos isolados e de recente contato ficasse restrito ao essencial para evitar a expansão da pandemia, autorizando somente em caso de risco iminente e em caráter excepcional. A condução da missão ignorou as determinações dessas normativas, resultando na presença exagerada de pessoas alheias às ações de cunho sanitário e aglomerações inoportunas, expondo os indígenas, mais vulneráveis em termos epidemiológicos, a um risco desnecessário de contaminação.

Com a visita indesejada, lideranças da região de Surucucus manifestaram contrariedade por não terem sido consultados sobre a missão e por terem sido convocados a ir ao 4º PEF sem saber o motivo e denunciaram o desrespeito a seus direitos pelos representantes do Governo Federal¹⁰.

“Sou conselheiro e liderança. Estou preocupado aqui. Pessoas desconhecidas que vieram ontem deixaram a doença [Covid-19]. Vocês chamaram meus Yanomami à toa, não avisaram. Então, com os soldados vocês se juntaram e vocês da Funai, o que você, autoridade da Funai, pensou? Vocês da Funai agiram na ignorância! Eu não quero que vocês cheguem aqui sem razão, não quero! Se vocês vierem sem consultar, se aparecerem de surpresa, vou ficar triste com vocês! Eu sou a liderança aqui! Vocês não me consultaram. Já que apareceram de surpresa, eu estou mandando essas palavras para vocês! Então não façam mais isso! Não façam isso de jeito nenhum! Essas fotos, eu não quero isso!” Roberto Yanomami, liderança de Surucucus, 02/07/2020, Redes Sociais Hwenama.

⁹ ISA: “Yanomami e Ye'kwana entregam ao governo plano de gestão para garantir seu bem-viver”. 30/07/2020.

¹⁰ [Apublica](#) “Liderança Yanomami critica operação do Exército em Roraima”. 06/07/2020.



Casa coletiva yanomami na região de Surucucus.

Além da possível exposição à Covid-19 com a interrupção forçada do isolamento, os indígenas também foram expostos a outra violência: a captura de imagens sem a sua autorização. A comitiva, em nenhum momento, obteve autorização para o registro e uso de imagens dos indivíduos fotografados nem das coletividades Yanomami e Ye'kwana. A [Portaria da Funai nº 177/PRES \(2006\)](#), é explícita em determinar a obrigação de consulta nesta seara enquanto medida de proteção de seu patrimônio material e imaterial relacionados à imagem, criações artísticas e culturais. Além disso, o direito à imagem é um direito fundamental e personalíssimo, que os indígenas gozam em equidade com os demais cidadãos brasileiros. As fotografias tiradas dos Yanomami e Ye'kwana também fere princípios importantes para esses povos, pois em suas perspectivas a imagem captura parte do princípio vital da pessoa retratada.

“Eu fiquei bravo! A Funai e outras pessoas não nos consultaram, apareceram aqui de surpresa. Todo mundo tirou imagens das nossas crianças. Então por isso fiquei triste com vocês, estou bravo! A Funai não nos consultou, essas outras pessoas não nos consultaram, a associação não nos consultou. Então, vocês de Brasília, não voltem aqui! Vocês, pessoas de longe, vocês não sabem nada sobre nós!! Vocês vieram sem

razão e fizeram nossas crianças sofrerem, vocês captaram as imagens delas e por isso não voltem aqui, vocês de Brasília!” Paraná Yanomami, liderança de Surucucus, 02/07/2020, Redes Sociais Hwenama.

Tampouco foram prestados esclarecimentos sobre a divulgação e a comercialização não autorizada de arquivos de mídia (fotografias e filmagens) de pessoas yanomami e ye'kwana registradas pelos profissionais de imprensa durante a ação interministerial. Em entrevista¹¹, o fotógrafo da agência espanhola EFE relatou ter se escondido atrás de um arbusto para conseguir fotografar uma mulher yanomami que preferiu se manter distante da comitiva, mas foi capturada pela lente de longo alcance. Circulam na *internet* diversas imagens de crianças e mulheres yanomami registradas durante a missão e muitas estão sendo vendidas¹².

AGLOMERAÇÕES, SALÕES DE BELEZA E PLAYGROUNDS

As atividades da missão também revelaram cenas de discriminação e racismo. Nos PEFs Surucucu e Auaris foram instaladas áreas de recreação infantil e de salões de beleza feminino. Nesses espaços, além de ignorar a necessidade do distanciamento social em tempos de pandemia, a pretensa “ação social” tratou mulheres e crianças indígenas como objetos a serem pintados, vestidos, maquiados. Fotografias publicadas nas redes sociais de algumas das participantes e divulgadas em reportagens¹³, mostram aglomerações sem o uso de máscaras e sem qualquer censura por parte da 1ª Brigada de Infantaria de Selva. Em Auaris, lideranças indígenas relataram um esforço exagerado em atrair indígenas até o 5º PEF, com o oferecimento de sucos, lanches e almoço para quem ficasse ali, especialmente as crianças, instigadas a ver os objetos instalados no pelotão.

“Então o que aconteceu? Chegou muita gente, eram umas 60 pessoas! E aí chegou o avião, chegou o helicóptero, chegou o Caravan. Um movimento geral. E isso chamou a atenção do pessoal. Muita gente acabou indo lá, com aquela curiosidade, indo ver aquela cesta básica chegando. E o sargento lá chamou todo mundo: ‘A comida chegou!’. Aí começaram a chegar, foram chegando e começaram a entrar no quartel! E nós, lideranças, lá no posto

¹¹ Estado de Minas. “A história por trás da foto da Yanomami que viralizou”. 15/07/2020.

¹² Algumas das imagens dos Yanomami produzidas nessa missão estão sendo comercializadas pelo [Gettyimages](#) (último acesso: 27/10/2020).

¹³ Uol Notícias. “Mulheres de militares maquam, dão roupas e causam aglomeração de ianomâmis”. 17/07/2020; Isto é. “Genocídio indígena”. 24/07/2020.

vestindo toucas, máscara, luva. 'Vai ter suco', 'vai ter parque', 'vai ter essa questão de manicure', não sei mais o quê. Tinham mandado um dia antes o Caravan pra montar os brinquedos e informaram que ia ter bolacha, suco pra todo mundo! Pula-pula e aqueles brinquedinhos, escorregador, bolas, tudo pra criançada. Atraiu mesmo quando eles falaram: 'Vai ter suco aqui! Pode vir, pode entrar! Vai ter bolacha pra criançada, vai ter sanduiche!'. E como nós tínhamos organizado, as lideranças iam entregar o documento e não íamos pegar nada. Não comemos nada. Nós ficamos só olhando. Teve salão de beleza! As mulheres militares montaram lá o local de maquiagem, corte de cabelo, manicure!" Maurício Ye'kwana, diretor da HAY, 15/07/2020.

ENTREGA DE CLOROQUINA

A ação interministerial teve ainda outro episódio grave: a entrega de 16 mil comprimidos 150 mg de cloroquina para os pólos base e mais 33 mil comprimidos para o Dsei-Y. Todas as contestações, especialmente da comunidade científica, sobre os riscos do uso da cloroquina para o tratamento da Covid-19 e a disputa política a favor de seu uso pelo governo Bolsonaro já estavam em cena entre os dias 29 de junho e 1 de julho e mesmo assim, a comitiva distribuiu cloroquina em uma missão cujo objetivo era "evitar casos de coronavírus entre os indígenas, além de levar equipes e itens de proteção individual", segundo declaração oficial do Ministro da Defesa. A entrega de cloroquina na TIY causou estranheza e indignação nas lideranças indígenas.

"A cloroquina é muito perigosa, fique atento e se informe direito. O que funciona no combate à Covid-19 é ficar na comunidade, ficar distante das pessoas que chegam da cidade. Também funciona usar máscara, lavar a mão e retirar invasores das Terras Indígenas. Isso o governo não faz e não fala, por isso, nós temos que falar #ForaCloroquina #ForaGarimpoForaCovid." Maurício Ye'kwana, diretor da HAY, 29/07/2020, Twitter.

Após a repercussão negativa da ação, o Ministério da Saúde foi questionado sobre a distribuição da cloroquina na TIY. No dia 3 de julho, em [nota à imprensa](#), a Sesai declarou que o medicamento deveria ser utilizado para o tratamento da malária. Contrariando a nota da Sesai, uma reportagem¹⁴ divulgou declarações do coordenador do Dsei-Leste de Roraima extraídas da ata de reunião promovida pelo Ministério Público Federal de Roraima

(MPF-RR), no dia 2 de julho. O coordenador afirmou que a cloroquina enviada pelo governo à Missão Yanomami/Raposa Serra do Sol fazia parte de um *kit* para o tratamento da Covid-19.

Em 02 de julho, o MPF-RR abriu investigação para apurar as diversas denúncias sobre a ação interministerial da Funai, Sesai e MD no combate à pandemia de Covid-19 nas Terras Indígenas de Roraima, com especial atenção à distribuição de cloroquina às comunidades indígenas; o ingresso nos territórios sem prévia consulta de seus povos, o desrespeito à decisão de auto-isolamento; a violação das regras de distanciamento social; a presença exagerada de meios de comunicação e a eficiência de operação com vultoso gasto de recursos públicos. No dia 10 de outubro, o MPF-RR recomendou aos Ministérios da Defesa e Saúde e à Funai uma série de medidas¹⁵ a serem cumpridas nas novas expedições e operações em TIs em Roraima durante a pandemia¹⁶.

¹⁴ O Globo. "Documento contradiz governo e indica distribuição de cloroquina em terras indígenas para combate à Covid-19". 07/07/2020.

¹⁵ Ver Recomendação do MPF-RR nº25/2020.

¹⁶ Uma segunda missão interministerial foi realizada na TIY no fim de outubro e até a conclusão deste relatório não havia informações sobre a ação.

“QUANDO ESTÁVAMOS SÓ NÓS, NÃO ADOECÍAMOS ASSIM” KAYANAU

População total
(Sesai, 2018)
306

Grupos linguísticos
Yanomam

Casos confirmados de Covid-19
29 ██████████

Óbitos confirmados para Covid-19
0

Óbitos suspeitos de Covid-19
01 |

Fonte: Rede Pró-YY. Última atualização na semana epidemiológica 43 (18/10/2020 a 24/10/2020).

A região do rio Kayanau, localizada no encontro dos rios Couto Magalhães (*Herou*) e Mucajai, abriga desde o final da década de 1990 uma dissidência do grupo do Papiu. A história dos Yanomami do Kayanau se entrelaça com a história do garimpo: a existência de invasores nesta região foi quase constante ao longo dos anos em que passaram a viver ali.

De acordo com relatos de moradores, a presença de garimpeiros na região foi, durante um bom tempo, pouco evidente e eram ouvidos apenas os seus rumores. Os poucos invasores agiam de modo tímido e sorrateiro, mantendo-se relativamente distantes das comunidades. Por volta de 1987, o garimpo começou a impactar notoriamente o vale do rio Couto Magalhães, mas especificamente o Papiu, região vizinha ao Kayanau. Em um curto espaço de tempo, a região se transformou em uma verdadeira vila garimpeira com bares, casas de prostituição e empresas aéreas funcionando ao longo da pista de pouso, tomada pelos invasores (Machado, 2015).

Estima-se que, em 1990, cerca de quinze mil garimpeiros percorreram a região, de onde acessavam pequenas trilhas na floresta que levavam a vários pontos de extração de ouro (Albert, 1991). Somente após a homologação da Terra Indígena Yanomami (TIY), em 1992, os garimpeiros foram retirados. A atividade arrefeceu e deu lugar à presença de serviços de saúde permanentes dedicados aos Yanomami (Nilsson, 2018). Esta situação mudou especialmente nos últimos três anos¹ e ganhou grandes proporções, chamando a atenção para o total descontrole da presença de invasores no ano de 2020.

¹ De acordo com documento do MPF-RR, a Funai estimava, em maio de 2019, a presença de 7 mil garimpeiros somente na área da Base de Proteção Etnoambiental (Bape) Demarcação, no rio Mucajai, tomada pelos invasores.



Mulher do Papiu pintando o rosto.

INVASÕES GARIMPEIRAS NA REGIÃO DE KAYANAU

Com o atual cenário político, o enfraquecimento da fiscalização na região² e a alta do preço do ouro, os garimpeiros parecem mais destemidos apesar da ilegalidade de suas ações na TIY. Os garimpos estão tomando proporções similares àquelas do auge da corrida do ouro no final da década de 1980, quando 40 mil garimpeiros invadiram o território.

Ocupando toda a calha do rio Couto Magalhães, a invasão no Kayanau passa por uma reinvestida, aproximando-se das comunidades indígenas, aliciando jovens e lideranças locais. Dados do Sistema Indicação Radar de Desmatamento do Instituto Socioambiental (Sirad-Y/ISA) registram, de janeiro a setembro de 2020, um aumento de 27% nas áreas degradadas pelo garimpo ilegal na região do Kayanau. Neste período, a região apresentou um dos maiores crescimentos em termos absolutos, com aumento de mais de 100 hectares.

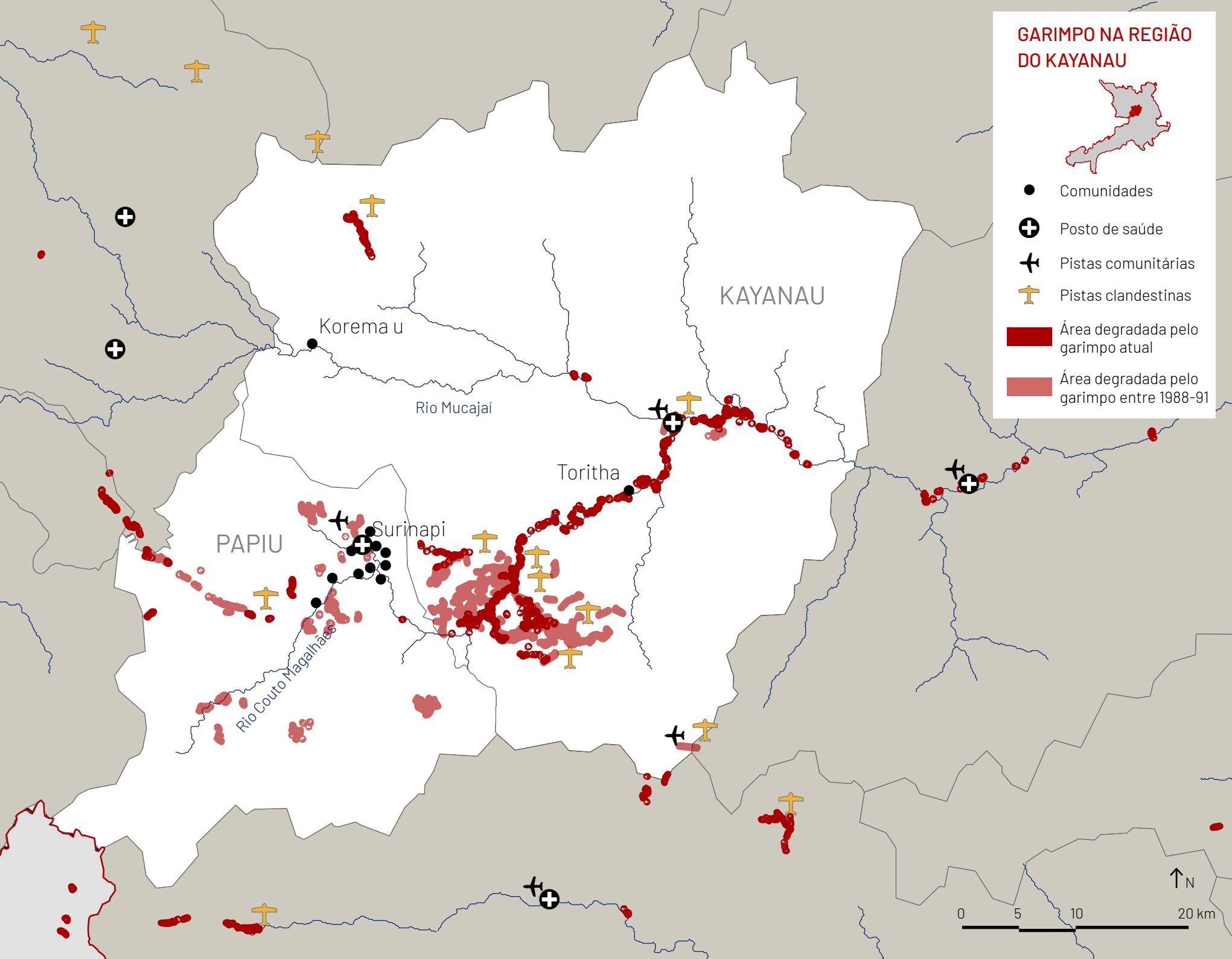
Os invasores agem com ousadia frente a comunidade indígena e utilizam a principal pista de pouso oficial da região, ao lado do posto de saúde, para desembarcar e descarregar seus materiais. Este cenário, inimaginável há poucos anos, trouxe sérias consequências para a população yanomami local. Em 2020, além de doenças como a malária, dos graves problemas sociais que sempre acompanham o garimpo em Terra Indígena, os garimpeiros levaram a Covid-19.

² A última ação na região foi realizada em outubro de 2019 pela Funai com apoio de outros órgãos. Um dos objetivos da **Operação Walopali/Curare XI** foi reativar a Base de Proteção no rio Mucajai. Hoje, é a única Bape da Funai reativada na TIY.

GARIMPO NA REGIÃO DO KAYANAU



- Comunidades
- ⊕ Posto de saúde
- ✈ Pistas comunitárias
- ✈ Pistas clandestinas
- Área degradada pelo garimpo atual
- Área degradada pelo garimpo entre 1988-91



Janeiro de 2020



Setembro de 2020



Degradação ambiental provocada por garimpo ilegal na região do Kayanau, na TIY (Planet/MapBiomias, 2020).

“Os aviões de garimpo sempre pousam, pousam! Ficam pousando até às 17 horas. E os Yanomami, por sua vez, sempre correm para o posto quando um avião pousa, todo mundo se junta ali. Logo outras pessoas puxam os carotes vazios para perto do buraco [buraco do garimpo]. Então, outra vez, outro avião pousa! As pessoas começam a descarregar a gasolina e entram lá dentro do peito do avião para tirar os carotes de gasolina. Os garimpeiros não escondem suas bocas de jeito nenhum [não usam máscaras], e ainda que já soubessem que estavam com seus interiores doentes, como as pessoas não tampam as suas bocas, então, esse mal [Covid] chegou de vez no Kayanau. As pessoas do Kayanau já tinham ouvido falar disso, mas não deram ouvidos. No lugar onde elas carregavam as mercadorias dos garimpeiros, elas se contaminaram pela Covid, já que sempre carregam os materiais dos garimpeiros. Onde os barcos [dos garimpeiros] estão atracados, depois de descarregarem, transportam as mercadorias, transportam os carotes de gasolina. Por isso, quando terminam de transportar, eles recebem dinheiro! Dinheiro! Eles recebem 500 reais. Outra vez, pagam 400, outro pousa e são mais 500, então eles fazem isso, é o pagamento pelo uso da pista, 400, 500. É assim que fazem.” Kriri Yanomami*, julho de 2020.

* Nome alterado para preservar a identidade da pessoa.

Com a presença constante de garimpeiros em locais de grande circulação dos indígenas, a Covid-19 logo se espalhou no Kayanau.

“E assim eles contaminaram suas próprias casas. Onde iremos nos esconder no Kayanau? Eles contaminaram suas próprias casas. Nós que vivemos rio acima, ainda que não tivéssemos doentes, lá onde mora a minha mãe, onde estávamos nos escondendo, as pessoas foram lá matar a fome. As pessoas estavam tossindo, elas já estavam com esse mal. Uma senhora chegou em nossa casa com tosse, mas não pensamos que estivesse com Covid, pensamos que era só uma tosse. Então nos contaminamos. Ai todos nós adoecemos e minha irmã sumiu. Ela morreu.” Thuÿyoma Yanomami*, julho de 2020.

Em 20 de junho deste ano, uma mulher da região de Kayanau foi removida às pressas para a cidade com seus dois filhos. As crianças estavam com muita falta de ar e foram encaminhadas ao Hospital da Criança, em Boa Vista, onde foram diagnosticadas com Covid-19. A menina, com apenas 5 anos, estava com o pulmão comprometido e passou vários dias internada na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). O menino, de 13 anos, se recuperou mais rapidamente e foi encaminhado à Casa de Saúde Indígena Yanomami (Casai-Y). Após três dias no hospital, a mãe das duas crianças recebeu a notícia da morte de sua irmã de 14 anos. A jovem estava muito debilitada e com dificuldades para respirar, mas apesar dos pedidos da família, não foi removida para receber cuidados médicos em Boa Vista e faleceu.

Posto de saúde do Kayanau ao final da pista de pouso.
Toda a paisagem local está degradada pelo garimpo



“Minha mãe disse isso para o funcionário da Sesai: ‘Awei! Mande minha filha! Mande minha filha! Ela ficou muito fraca! Aqui não tem soro e minha filha está muito fraca, mande rapidamente de remoção!’ mas ele não a removeu e minha irmã morreu.” Thuëyoma Yanomami*, julho de 2020.

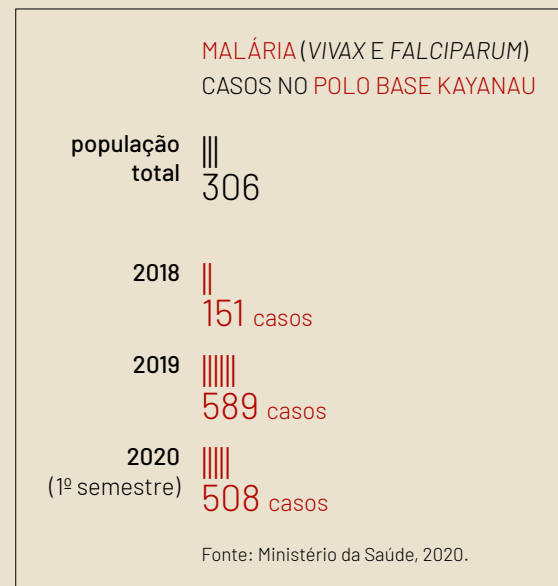
Sem testes para Covid-19 no posto de saúde de Kayanau, a morte dessa adolescente não entrou nas estatísticas da Sesai como óbito confirmado por Covid-19, apesar de ter apresentado sintomas claros do novo coronavírus e de seus dois sobrinhos, com quem teve contato antes de serem removidos, terem testado positivo para a doença. O corpo da adolescente foi erguido em um jirau na floresta para que pudesse ser cremado e suas cinzas guardadas em cabaças para serem consumidas nas festas funerárias (*reahu*), como relatou a sua irmã à Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana (Rede Pró-YY):

“Esses foram os rastros da Covid... Foi o que aconteceu de verdade. Agora eu estou pensando certo. Hoje o corpo de minha irmã mais nova, com essa doença, está suspenso. Eu pensava, no início, que ela estivesse somente com malária. Mas agora apareceram os rastros da Covid, do comedor de coração, do comedor de pulmão. Primeiro, eu só pensava na malária. Depois de ir com minha filha inconsciente para o lugar onde se verificam os pulmões (raio-x), quando examinaram o peito dela, foi então que entendi. Foi o rastro dessa doença. Hoje eu estou vendo com clareza. ‘Ah, eram sintomas da Covid’, pensei.” Thuëyoma Yanomami*, julho de 2020.

Segundo dados do Sesai/Ministério da Saúde³, o Dsei-Y realizou, em toda a região, 35 testes rápidos para Covid-19, dos quais 29 resultaram positivos. Tendo em vista que o número de casos positivos representa cerca de 10% da população, não seria um exagero afirmar que todos os Yanomami da região tenham sido expostos ao vírus e possam ter se contagiado.

Todos estes relatos revelam a situação que a população de Kayanau tem vivido e a ineficiência dos órgãos públicos no combate ao garimpo ilegal, responsável pelo aumento da malária e pela chegada da Covid-19 na região. O caso da jovem que faleceu é emblemático, pois além de ter sido infectada pelo novo coronavírus, ela também estava com malária. A esse caso se somaram diversos outros nos quais a malária surgiu como um agravante, seja para pessoas que estiveram hospitalizadas ou para as que morreram em decorrência do novo coronavírus.

Na região de Kayanau, como em toda a TIY, houve um aumento exponencial dos casos de malária. Em 2019, observou-se uma média de aproximadamente 50 casos por mês em uma população de 306 pessoas. Isso quer dizer que toda a população pode ter se contaminado quase duas vezes no período de um ano. Em 2020, só no primeiro semestre, a média chegou a 84 casos por mês, quase o valor total de 2019, indicando que, neste período, praticamente todos os Yanomami de Kayanau adquiriram a doença ao menos uma vez. A relação com o aumento do garimpo é indiscutível. A malária que, no início dos anos 2000, foi praticamente erradicada na TIY, está totalmente fora de controle⁴. A experiência das décadas de 1980 e 1990 ensinou que a invasão garimpeira potencializa a sua propagação, além de trazer outras enfermidades, como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e atualmente a Covid-19.



Os Yanomami de Kayanau estão expostos aos mais diversos tipos de violência em razão da presença garimpeira em sua comunidade. Um de seus efeitos é a visível violação do direito à saúde, afetando-os de duas formas. A primeira, por serem os garimpeiros vetores de inúmeras doenças como mencionado. A segunda, por se valerem de um esquema corrupto que desvia medicamentos do posto de saúde, cujo escasso estoque deveria destinar-se exclusivamente aos indígenas. O relato a seguir revela mais uma face da barbárie vivida pelos habitantes de Kayanau:

3 Dados obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI) atualizados em 19/10/2020.

4 Ver neste relatório “Um Panorama da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami”, p.07.

“Aquele que cuida de nossa saúde, que dá remédio para malária, soro, remédio para dor de cabeça, remédio para febre, remédio para vômitos, as vacinas... Então, aquele funcionário da saúde fica distribuindo esses remédios para os garimpeiros e agora estamos sofrendo muito! Ele esconde os remédios da gente, porque quer conseguir ouro [com os garimpeiros]. Esconde os comprimidos e fica dizendo que não tem mais. Ele diz essa grande mentira! Mas quando aparecem no posto os garimpeiros doentes, os remédios aparecem! Ai ele troca 5 comprimidos por 5 gramas [de ouro]. Depois chega outro, ele dá dois remédios e recebe duas gramas [de ouro]. É assim que ele faz e então nossos remédios acabam muito rapidamente! O soro, ele também esconde. Esconde até chegar um garimpeiro doente, aí ele coloca o soro nele. Quando a gente chega doente lá, ele não cuida da gente, não nos cura. [...] Está muito claro que ele não está ali para nos curar. [...] Ele é sedento por ouro! Esconde os remédios, não aplica soro, esconde também os remédios contra malária. Ele fica mentindo, dizendo que não tem nenhum remédio para a malária, mas quando chegam os garimpeiros doentes, os remédios aparecem!”

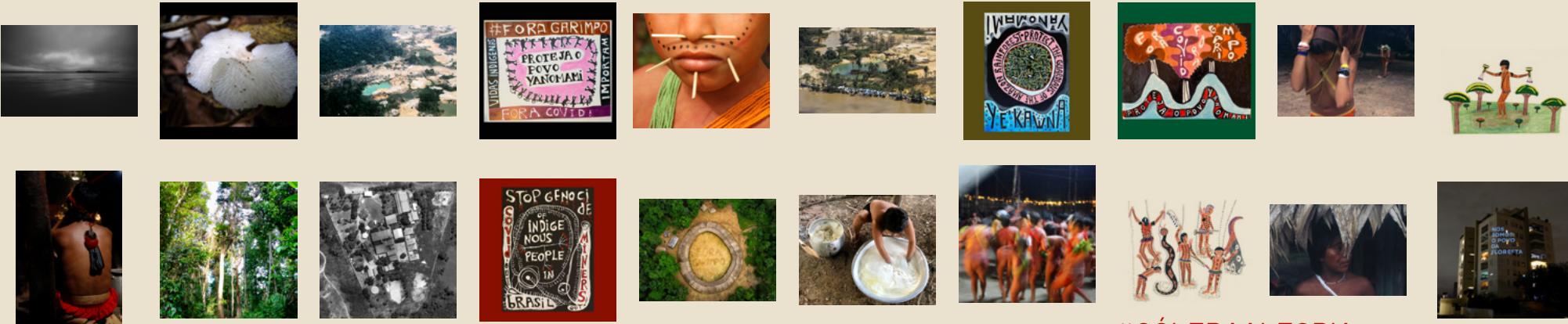
Kriri Yanomami*, julho de 2020.

À medida que os garimpeiros se sentem confortáveis e impunes pelos crimes que cometem, valem-se inclusive de instalações governamentais permanentes dentro da TIY. Deste modo, os Yanomami seguem lançados à própria sorte, adoecendo e vendo a sua floresta adoecer junto.

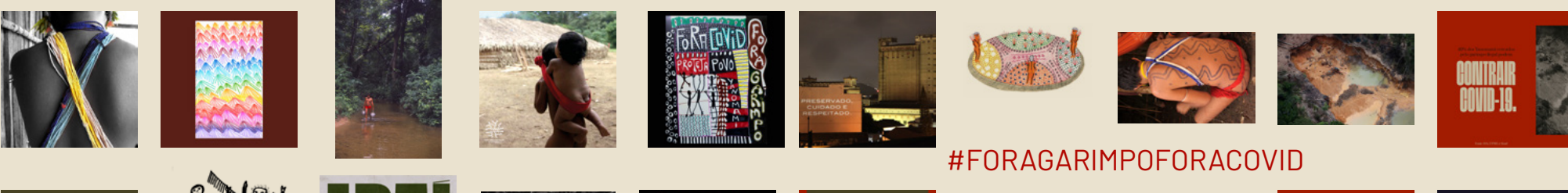
“Essa doença está forte, muito potente no Kayanau, porque os garimpeiros sempre pousam seus aviões lá. Foram eles que levaram essa doença forte para o Kayanau. Foi depois que levaram a Covid que aconteceu essa coisa horrível com minha irmã. Foi isso que aconteceu. Quando estávamos só nós, não adoecíamos assim. Hoje, ela está espalhada por todo lado e nós todos nos deterioramos. Por dentro, não estamos bem. Estamos todos adoecidos. Nossa floresta adoeceu. Assim ficou o rastro dos garimpeiros, porque muitos aviões pousam ali. Quando chega um avião, muita gente desce dele e como descem muitos aviões, hoje essa doença chegou! Tem doença forte! Agora eu estou pensando da forma correta.” Thuëyoma Yanomami*, julho de 2020.



Invasão garimpeira no Kayanau, maio de 2020.

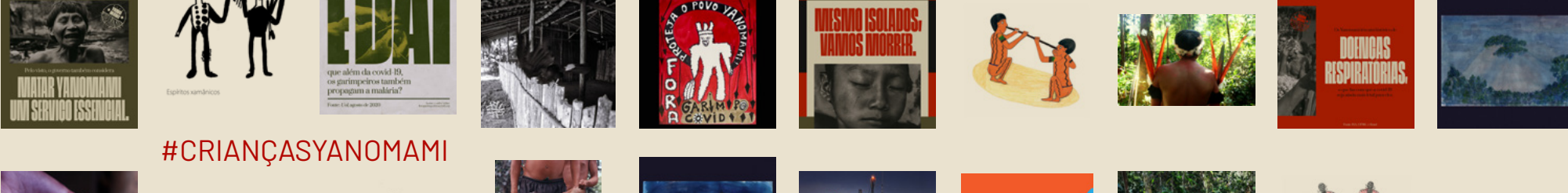


#CÓLERA ALEGRIA

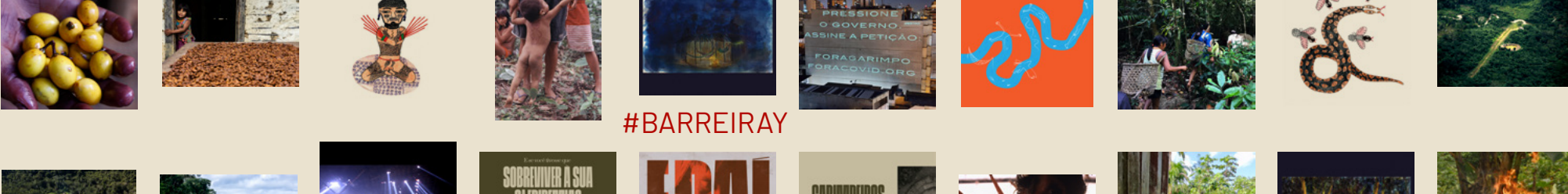


#SOSYANOMAMI

#FORAGARIMPOFORACOVID



#CRIANÇASYANOMAMI



#BARREIRAY



LISTA DE SIGLAS

6CCR/MPF	Sexta Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público	MEC	Ministério da Educação
Abraji	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo	MJ	Ministério da Justiça
ACP	Ação Civil Pública	MMA	Ministério do Meio Ambiente
ADPF	Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental	MMFDH	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
AFP	Agence France-Presse	MPF	Ministério Público Federal
AGU	Advocacia Geral da União	MPF-AM	Ministério Público Federal do Amazonas
AIS	Agente Indígena de Saúde	MPF-RR	Ministério Público Federal de Roraima
AISAN	Agente Indígena de Saneamento	MS	Ministério da Saúde
AKY	Associação Kurikama Yanomami	OEA	Organização dos Estados Americanos
AM	Amazonas	OIT	Organização Internacional do Trabalho
Apib	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil	OMS	Organização Mundial de Saúde
APS	Atenção Primária à Saúde	ONU	Organização das Nações Unidas
Bape	Base de Proteção Etnoambiental	PC	Plano de Contingência
Casai	Casa de Saúde Indígena	PDSI	Plano Distrital de Saúde Indígena
Casai-Y	Casa de Saúde Indígena - Yanomami	PEF	Pelotão Especial de Fronteira
CCPY	Comissão Pró-Yanomami	PF	Polícia Federal
CGIIRC	Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato	PRF	Polícia Rodoviária Federal
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos	PL	Projeto de Lei
Cimi	Conselho Indigenista Missionário	PMD	Programa Mineração e Desenvolvimento
CIR	Conselho Indígena de Roraima	PNASPI	Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas
CNDH	Comissão Nacional de Direitos Humanos	RAISG	Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada
CNS	Conselho Nacional de Saúde	Rede Pró-YY	Rede Pró-Yanomami Ye'kwana
CSR-UFGM	Centro de Sensoriamento Remoto da Universidade Federal de Minas Gerais	RR	Roraima
Condisi	Conselho Distrital de Saúde Indígena	RT-PCR	Do inglês Reverse Transcriptase Polymerase Chain Reaction
Dasi	Departamento de Atenção à Saúde Indígena	SARS/MERS	Síndrome Respiratória Aguda
Dsei	Distrito Sanitário Especial Indígena	Sasi	Subsistema de Atenção à Saúde Indígena
Dsei-Leste	Distrito Sanitário Especial Indígena - Leste de Roraima	SBMFC	Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade
Dsei-Y	Distrito Sanitário Especial Indígena - Yanomami	Sesai	Secretaria Especial de Saúde Indígena
EACDH	Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos	Sesau	Secretaria de Estado da Saúde de Roraima
EMSI	Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena	Sirad-Y	Sistema Indicação Radar de Desmatamento-Yanomami
EPI	Equipamento de Proteção Individual	SIRN	Santa Isabel do Rio Negro
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz	SP	São Paulo
Foirn	Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro	STF	Supremo Tribunal Federal
Funai	Fundação Nacional do Índio	SUS	Sistema Único de Saúde
HAY	Hutukara Associação Yanomami	TCU	Tribunal de Contas da União
HGR	Hospital Geral de Roraima	TI	Terra Indígena
Ibama	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis	TIY	Terra Indígena Yanomami
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	TRF	Tribunal Regional Federal
INA	Indigenistas Associados	Uapi	Unidade de Atenção Primária Indígena
Inesc	Instituto de Estudos Socioeconômicos	UBSI	Unidade Básica de Saúde Indígena
Inpe	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
ISA	Instituto Socioambiental	Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
MD	Ministério da Defesa		

REFERÊNCIAS

Ação pela Cidadania

1990. *Yanomami: A todos os Povos da Terra*. Brasília: CCPY/ CEDI/ CIMI/ NDI. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/yanomami-todos-os-povos-da-terra>. Acesso em: 23 de outubro de 2020.

Albert, Bruce

1991. "Urihi: Terra, Economia e Saúde Yanomami". *Série Antropologia*, 119. Brasília: Universidade de Brasília.

1985. *Temps du sang, temps des cendres: représentation de la maladie, espace politique et système rituel chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne)*. Universidade de Paris X-Nanterre. Tese (Doutorado em Etnologia).

Albert, Bruce & Ramos, Alcida Rita (orgs.)

2002. *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Unesp.

Atoji, Marina Iemini

2020. *Gastos federais para combate à Covid-19 junto a povos indígenas*. Abraji e Transparência Brasil. Junho. Disponível em: https://www.transparencia.org.br/downloads/publicacoes/Execucao_or%C3%A7amento_Covid-19_acoos_indigenas.pdf. Acesso em: 23 de outubro de 2020.

Azevedo, M.; Damasco, F.; Antunes, M.; Martins, M. H.; Rebouças, M. P.

2020. *Análise de Vulnerabilidade Demográfica e Infraestrutural das Terras Indígenas à COVID-19: caderno de insumos*. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/Caderno-Demografia-Indigena-e-COVID19.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2020.

Benucci, Thiago & Jabra, Daniel

2020. "Sair para o mato: estratégia yanomami contra a Covid-19". *Cadernos De Campo* (São Paulo 1991), 29 (supl), pp. 26-33. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp26-33>

Caldart R.; Marrero L.; Basta P.; Orellana, J.

2016. "Factors Associated With Pneumonia in Yanomami Children Hospitalized for Ambulatory Care Sensitive Conditions in the North of Brazil". *Cien. Saúde Coletiva*. 21(5): pp. 1597-606.

Carneiro da Cunha, Manuela (org.)

1992. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP.

Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)

2020. *Resolução 35/2020, Medida Cautelar No. 563-20. Membros dos Povos Indígenas Yanomami e Ye'kwana em relação ao Brasil*. 17 de julho. Disponível em: <https://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/2020/35-20MC563-20-BR-PT.pdf>. Acesso em: 5 de outubro de 2020.

Comissão Pró-Yanomami (CCPY)

1989. "Histórico das invasões: 1975-1989". *Boletim Urihi* n° 11. São Paulo. Disponível em: http://www.proyanomami.org.br/v0904/index.asp?pag=htm&url=/apy/urihi/boletim_11.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Dosse, François & Goldenstein, Catherine (eds.)

2013. "Enterrer les morts. La tâche de l'historien chez Paul Ricoeur et Walter Benjamin". *Paul Ricoeur: penser la mémoire*, Paris, Seuil.

Duarte M.; Cardona N., Poblete F., Gonzáles K.; García M.; Pacheco M.; Botto C.; Pujol, F.; Williams J.

2010. "A Comparative Epidemiological Study of Hepatitis B and Hepatitis D Virus Infections in Yanomami and Piaroa Amerindians of Amazonas State, Venezuela". *Trop Med Int Health*. 15(8), pp. 924-33.

Ferreira, H. P.; Machado, A. M. A.; Senra, Estêvão B. (orgs).

2019. *As línguas yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade*. São Paulo: ISA Instituto Socioambiental; Boa Vista: Hutukara Associação Yanomami.

Fonseca, A., Alves, A., Ribeiro, J., & Souza Jr., C.

2020. *Ameaça e Pressão e Desmatamento em Áreas Protegidas*. *SAD de Agosto de 2019 a Julho de 2020*. Belém: Imazon.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

2020. *Risco de espalhamento da COVID-19 em populações indígenas: considerações preliminares sobre vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica*. 4º relatório - 18 abril. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/relatorios_tecnicos_-_covid-19_procc-emap-ensp-covid-19-report4_20200419-indigenas.pdf Acesso em: 22 de outubro de 2020.

Guimarães, Sílvia

2020. "Sobre mães, bebês e as cerimônias funerárias Yanomami em meio a pandemia da covid". *Mortos e mortes da Covid-19: saberes, instituições e regulações*. *Boletim do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Unifesp (Caaf)*. n. 12, 14 de agosto, pp. 8-14.

2010. "O drama ritual da morte nos Sanumá". *Tellus*, ano 10, n. 19, pp. 111-128, jul./dez.

2005. *Cosmologia Sanumá: o xamã e a constituição do ser*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília.

Grenfell, P.; Fanello, C.; Magris, M.; Gonçalves J.; Metzger, W.; Vivas-Martínez, S.; Curtis, C.; Vivas, L.

2008. "Anaemia and malaria in Yanomami communities with differing access to healthcare". *Trans Royal Soc Trop Med Hyg*. 102 (7), pp. 645-52.

Hallal, P.; Hartwig, F.; Horta, B.; Silvera, M.; Struchiner, C.; VIDALETTI, L.; Neumann, N.; Pellanda, L.; Dellagostin, O.; Burattini, M.; Victoria, G.; Menezes, A.; Barros, F.; Victoria, C. 2020. "SARS-CoV-2 antibody prevalence in Brazil: results from two successive nationwide serological household surveys". *Lancet Glob Health*. 23: Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(20\)30387-9](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(20)30387-9). Acesso em: 29 de outubro de 2020.

Herzog Neto, G.; Jaegger, K.; Nascimento, E.; Marchon Silva, V. Banic, D. Maia Herzog, M.

2014. "Ocular onchocerciasis in the Yanomami communities from Brazilian Amazon: effects on intraocular pressure". *Am J Trop Med Hyg*. 90(1), pp. 96-98.

Hidalgo, G.; Marini, E.; Sanchez, W.; Contreras, M.; Estrada, I.; Comandini, O.; Buffa, R.; Magris, M.; Dominguez-Bello, M.

2014. "The nutrition transition in the Venezuelan Amazonia: increased overweight and obesity with transculturation". *Am J Human Biol*. 26(5), pp. 710-712.

Hivos

2020. *De olhos nos recursos. Resultado do Monitoramento da Aplicação de Recursos Extraordinários para Enfrentamento à Pandemia de Covid-19 para Povos Indígenas da Amazônia Legal*. Abril - Agosto de 2020. Disponível em: <https://todososolhosnaamazonia.org/download/1330/>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Hutukara Associação Yanomami (HAY)

2019a. *Protocolo de Consulta dos Povos Yanomami e Ye'kwana*. Disponível em: <https://rca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/PROTOCOLO-Yanomami-cap-e-MIOLo-final-min.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

2019b. Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Indígena Yanomami. Disponível em:

<https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/arquivos/yal00051.pdf#overlay-context=pt-br/o-isa/projetos-estrategicos/gestao-das-terras-indigenas-das-bacias-do-rio-negro-e-xingu>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

2003. *20 anos da massacre do Haximu*. Disponível em: <http://hutukara.org/index.php/noticias/573-20-anos-do-massacre-do-haximu>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc)

2020a. *Execução orçamentária da saúde indígena diante da pandemia do novo coronavírus*. (Nota técnica). Disponível em: https://www.inesc.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Nota-Te%CC%81cnica-de-Sau%CC%81de-Indi%CC%81gena_V02.pdf Acesso em: 30 de outubro de 2020.

2020b. *O Brasil com baixa imunidade: balanço geral do Orçamento Geral da União 2019*. Brasília. Disponível em: https://www.inesc.org.br/obrasilcombaixaimunidade/?gclid=CjwKCjw8-78BRA0EiwAFUw8LPR1abwkieyEMoqTKFCISb632wfrt3H68UoAtDOrZsfZbXtXXiUmXoCjKsQAvD_BwE Acesso em: 30 de setembro de 2020.

Instituto Socioambiental (ISA)

2020. *O impacto da pandemia na Terra Indígena Yanomami: #ForaGarimpoForaCovid*. Junho. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/o-impacto-da-pandemia-na-terra-indigena-yanomami-foragarimpoforacovid>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

2014. *Territórios e Comunidades Yanomami e Ye'kwana no Brasil e Venezuela (Mapa)*.

Kopenawa, Davi & Albert, Bruce

2015. *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Laudares, Humberto

2020. "Is deforestation spreading Covid-19 to the indigenous peoples?". *Covid Economics*. CEPR Press. Centre for Economic Policy Research, 53, 23 de outubro. pp. 33-71. Disponível em: <https://cepr.org/sites/default/files/CovidEconomics53.pdf> Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Lima, J.; Silva, R.; Deça Júnior, A.; Batista, R.; Rolim, I.

2020. "Analysis of the mortality trend in the indigenous population of Brazil, 2000-2016". *Public Health*. 186, pp. 87-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2020.06.008>. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

Lynteris, Christos & Evans, Nicholas

2018. *Histories of Post-Mortem Contagion: Infectious Corpses and Contested Burials*, Palgrave Macmillan, Londres.

Machado, Ana Maria Antunes

2015. *Lutamu: relações interétnicas e protagonismo feminino no Papiu no contexto de um conflito intercomunitário yanomami*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Nilsson, Maurice Seiji Tomioka

2018. *Mobilidade Yanomami e interculturalidade: ecologia histórica, alteridade e resistência cultural*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oliveira, U., Soares Filho, B., Oviedo, A., Moreira, T., Carlos, S., Ricardo, J., Piaz, A.

2020. *Nota técnica sobre a Modelagem da vulnerabilidade dos povos indígenas no Brasil à COVID-19*. ISA/CSR-UFMG, abril de 2020. Disponível em: https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/nota_tecnica_modelo_covid19.pdf. Acesso em: 12 de outubro de 2020.

Orellana, J.; Marrero, L.; Alves, C.; Vega-Ruz, C.; Hacon, S.; Oliveira, M. W.; Basta, P. C. 2019. "Associação de baixa estatura severa em crianças indígenas Yanomami com baixa

estatura materna: indícios de transmissão intergeracional". *Cien Saude Colet*. 24, pp. 1875-1883.

Pantoja, L.; Orellana, J.; Leite, M.; Basta, P. C.

2014. "Cobertura do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional Indígena (SISVAN-I) e prevalência de desvios nutricionais em crianças Yanomami menores de 60 meses, Amazônia, Brasil". *Rev Bras Saúde Mat Inf*. 14 (1), pp. 53-63.

Paula, J.; Medina, N.; Cruz, A.

2002. "Trachoma among the Yanomami Indians". *Brazilian J Med Biol Resear*. 35(10), pp. 1153-7.

Ramos, Alcida

1993. "O papel político das epidemias: o caso Yanomami". *Série Antropologia*, 153. Brasília: Departamento de Antropologia/UnB.

1979. "Yanoama Indians in Northern Brazil threatened by highway". *IWGIA Document* 37, pp. 1-42.

Rede Pró-Yanomami Ye'kwana

2020a. *Mortos invisíveis: Os Yanomami em tempo de Covid-19*. 10 de setembro. Disponível em: <https://www.docdroid.net/CmqYPEA/nota-mortos-invisiveis-os-yanomami-em-tempos-de-covid-19-pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

2020b. *Considerações sobre a recente Missão Interministerial e suas ações para conter a pandemia na Terra Indígena Yanomami*. 16 de julho. Disponível em: <https://www.docdroid.net/mDMAFyB/07-16-nota-missao-interministerial-rede-pro-yy-pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

2020c. *Testes rápidos na Terra Indígena Yanomami: uma cortina de fumaça?*. 02 de julho. Disponível em: https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/testes_rapidos_na_terra_indigena_yanomami_uma_cortina_de_fumaca_2.pdf. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

2020d. *Impacto de la COVID-19 en los pueblos Yanomami y Ye'kwana*. 15 de Junho. Disponível em: <https://www.docdroid.net/EBRhQx/01-informe-onu-170620-final-capa-pdf#page=3>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

2020e. *Nota técnica para contribuir ao combate da covid-19 na Terra Indígena Yanomami*. 16 de maio. Disponível em: <https://amerindios.wixsite.com/acao/nota-tecnica-ti-yanomami>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

Ribeiro, Darcy

1996. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras.

Robortella, D.; Calvet, A.; Amaral, L.; Fantin, R.; Guimarães, L.; França, M.; Brito, C.; Sousa, T.; Herzog, M.; Oliveira, J.; Carvalho, L.

2020. "Prospective assessment of malaria infection in a semi isolated Amazonian indigenous Yanomami community: Transmission heterogeneity and predominance of submicroscopic infection". *PLoS One*. 19,15(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0230643>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Russel, N.; Nazar, K.; Del Pino, S.; Alonso, M.; Díaz, X. Ravasi, G.

2019. "HIV, syphilis, and viral hepatitis among Latin American indigenous peoples and Afro-descendants: a systematic review". *Rev Pan Salud Publica*. Disponível em: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2019.17>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Santos, R. & Coimbra, C. (Org.).

1994. *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

Santos, Vera Aparecida dos; Rafael, Mayra Matias; Sabino, Ester Cerdeira e Duarte, Alberto José da Silva.

2020. "Sensitivity of the Wondfo One Step COVID-19 test using serum samples". *Clinics* [online]. 3 jun, vol.75. Disponível em: <https://doi.org/10.6061/clinics/2020/e2013>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Senra, E. B. & Albert, Bruce

2019. "Moxihatêtêma: os Yanomami isolados da Serra da Estrutura" Ricardo, F. & Gongora, M. F. (orgs.). *Cercos e Resistências: povos indígenas isolados na Amazônia Brasileira*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2019, pp. 62-71.

Siqueira-gay, J.; Soares Filho, B.; Sanchez, L.; Oviedo, A.; Sonter, L.

2020. "Proposed Legislation to Mine Brazil's Indigenous Lands Will Threaten Amazon Forests and Their Valuable Ecosystem Services". *One Earth*. 3(3), pp. 356-362.

Sousa, A.; Salem, J.; Lee, F.; Verçosa, M.; Cruaud, P.; Bloom, B.; Lagrange, P.; David, H.

1997. "An epidemic of tuberculosis with a high rate of tuberculin energy among a population previously unexposed to tuberculosis, the Yanomami Indians of the Brazilian Amazon". *Proc Nat Acad Sci USA*. 25, 94 (24), pp. 13227-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.94.24.13227>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

Sousa, Marina

2020. "De xawara, estratégias nativas e a pesquisa antropológica na Terra Indígena Yanomami". *Cadernos De Campo*, 29, pp. 34-41. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp34-41>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

Taylor, Kenneth I. & Ramos, Alcida R.

1979. "The Yanoama in Brazil: Yanomami Indian Park, proposal and justification". *IWGIA Document 37*. Copenhagen: IWGIA.

Vega, C.; Orellana, J.; Oliveira, M.; Hacon, S.; Basta, P.

2018. "Human Mercury Exposure in Yanomami Indigenous Villages from the Brazilian Amazon". *Int J Envir Res Public Health*. 15, 1051.

Verhagen, L.; Incani, R; Franco, C.; Ugarte, A; Cadenas, Y.; Ruiz, C., Hermans, P., Hoek, D.; Ponce, M.; Waard, J.; Pinelli, E.

2013. "High Malnutrition Rate in Venezuelan Yanomami Compared to Warao Amerindians and Creoles: Significant Associations with Intestinal Parasites and Anemia". *PLoS One*. 8, 10. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0077581>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

WHO/UCN/GMP – World Health Organization (Organização Mundial da Saúde)

2020. *Tailoring malaria interventions in the COVID-19 response*. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/tailoring-malaria-interventions-in-the-covid-19-response>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Acervo SEDUUME: 2017, p. 63 (dir.) e p. 64

Agência Saúde: 2020, p. 50 (dir.)

Alexandre Manfrim: 2020, p. 45 (esq.)

Alfredo Himotona Yanomama/PDYP: 2011, p. 48 e p. 60

Ana Maria Machado/ISA: 2010, p. 67; 2011, p. 40 e p. 95

Ana Maria Machado com intervenção de Gisela Motta: 2010/2020, p. 58; 2011/2020, p. 52 (esq.)

Beto Ricardo/ISA: 2011, p. 69 (esq.)

Barreira Y.: 2020, p. 42 (esq.)

Carlo Zacchini: 1993, p. 49 (dir.)

Chico Batata/Greenpeace: 2020, p. 37, p. 41 (esq.), p. 53, p. 97 e p. 99

Cólera Alegria: 2020, p. 35 (dir. abaixo), p. 41(esq.) e p. 46 (dir.)

Daniel Jabra: 2016, p. 79; 2017, p. 55 (dir.); 2019, p. 80 e p. 78; 2020, p. 56 (dir.) e p. 57 (esq.)

Emily Costa/Amazônia Real: 2020, p. 36, p. 49 (esq.) e p. 71

Genivaldo Krepuna Yanomama/PDYP: 2010, p. 57 (dir.)

Google Earth: 2020, p. 74

Guilherme Gnipper/FUNAI: 2013, p. 33 (esq.)

Helder Perri Ferreira: 2017, p. 54

Louise Botkay: 2017, p. 38

Lucas Lima/ISA: 2018, p. 07 e p. 62; 2017, p. 43 (esq.), p. 59 e p. 93

Majoi Gongora: 2016, p. 69 (dir.)

Marília Garcia Senlle/ISA: 2019, p. 83

Mavi Morais/ISA: 2020, p. 55 (esq.)

Moreno Saraiva Martins/ISA: 2010, p. 44 e p. 72; 2012, p. 39 e p. 51; 2017, p. 63 (esq.); 2019, p. 50 (esq.) e p. 86

Moreno Saraiva Martins/ISA, com intervenção de Gisela Motta: 2012/2020, p. 43 (dir.)

Natalino Awaajisha João Rocha: 2020, p. 90

Pieter Van Eecke/Clin d'oeil films: 2020, p. 26, p. 33 (dir.) e p. 34 (esq.)

Planet/MapBiomas: 2020, p. 85 e p. 97

Rogério Assis/ISA: 2018, p. 53, p. 61 e p. 89

Sílvia Guimarães: 2018, p. 70

Victor Moriyama/ISA: 2019, p. 06, p. 32, p. 35 (dir.), p. 42 (dir.), p. 45 (dir.) e p. 52 (dir.)

X. Yanomami: 2020, p. 73 e p. 76

X. Ye'kwana: 2020, p. 34 (dir.) e p. 35 (esq.)

P. 100: Alfredo Himotona Yanomama, Ana Maria Machado/ISA, Barreira Y., Chico Batata/Greenpeace, Cólera Alegria, Daniel Jabra, Dário Vitório Kopenawa Yanomami at al., Gisela Motta, Google Earth, Helder Perri Ferreira, Isabella Beneduci, Joseca Mokahehi Yanomami, Louise Botkay, Marília Garcia Senlle/ISA, Maryelle Morais, Mavi Morais/ISA, Moreno Saraiva Martins/ISA, Rogério Assis/ISA, Teresa Gonçalves Calheiros, Thamirez Lutaif e Victor Moriyama/ISA.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xawara [livro eletrônico] : rastros da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami e a omissão do Estado. — 1. ed. — São Paulo : ISA - Instituto Socioambiental, 2020.
PDF

Vários organizadores

Bibliografia

ISBN 978-65-88037-02-7

1. Amazônia 2. Coronavírus (COVID-19) - Epidemiologia 3. Coronavírus (COVID-19) - Obras de divulgação 4. Coronavírus (COVID-19) - Prevenção 5. Índios da América do Sul - Doenças - Brasil 6. Índios Yanomami 7. Índios Ye'kwana 8. Povos indígenas
20-49112 CDD-362.84981

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Coronavírus : COVID-19 : Prevenção : Problemas sociais 362.84981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

FICHA TÉCNICA E CRÉDITOS

Xawara: rastros da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami e a omissão do Estado

Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana e Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana, novembro de 2020.

Relatório sobre a pandemia da Covid-19 na Terra Indígena Yanomami no período de março a outubro de 2020.

Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana, principal instância de decisão da Terra Indígena Yanomami, é formado pela Hutukara Associação Yanomami (HAY), Associação Wanasseduume Ye'kwana (SEUUUME), Associação das Mulheres Yanomami Kumirayoma (AMYK), Texoli Associação Ninam do Estado de Roraima (TANER), Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA), Associação Kurikama Yanomami (AKY) e Hwenama Associação dos Povos Yanomami de Roraima (HAPYR). Em junho de 2020, lançou a Campanha #ForaGarimpoForaCovid para sensibilizar o mundo sobre os riscos que correm com a invasão garimpeira e o avanço da Covid-19 em seus territórios.

Campanha #ForaGarimpoForaCovid: foragarimpoforacovid.org

A Campanha #ForaGarimpoForaCovid é apoiada por:

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)
Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB)
Instituto Socioambiental (ISA)
Survival International
Greenpeace Brasil
Conectas Direitos Humanos
Anistia Internacional
Rede de Cooperação Amazônica (RCA)
Instituto Igarapé
Rainforest Foundation Norway
Rainforest Foundation US
Amazon Watch

Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana atua na luta pela garantia dos direitos territoriais, culturais e políticos dos povos da Terra Indígena Yanomami. Criada em abril de 2020, é formada por mais de 50 pesquisadores e apoiadores dos povos Yanomami e Ye'kwana, entre antropólogos, linguistas, indigenistas, advogados e artistas em diálogo direto com os indígenas e suas associações.

redeproyy@gmail.com

Instagram: [@proyanomami_yekwana](https://www.instagram.com/proyanomami_yekwana)

Twitter: [@RedeProYY](https://twitter.com/RedeProYY)

Facebook: [@RedeProYanomamiYekwana](https://www.facebook.com/RedeProYanomamiYekwana)

Organização: Ana Maria Machado, Bruno Weis, Daniel Jabra, Dário Vitório Kopenawa Yanomami, Majoi Fávero Gongora, Marília Garcia Senlle, Maurício Tomé Rocha e Moreno Saraiva Martins

Pesquisadores responsáveis: Majoi Fávero Gongora, Daniel Jabra e Ana Maria Machado (Rede Pró-YY)

Edição: Majoi Fávero Gongora e Daniel Jabra

Tradução do yanomami: Ana Maria Machado

Revisão de conteúdo: Ana Maria Machado, Bruno Weis, Daniel Jabra, Estevão Senra, Luiz Henrique Reggi Pecora, Majoi Fávero Gongora, Marília Garcia Senlle, Marcos W. Oliveira, Maurice Tomioka Nilsson, Moreno Saraiva Martins, Rogério Duarte Do Pateo, Sílvia Guimarães e Thamirez Lutaif

Colaboradores autorais: Bruce Albert, Juliana de Paula Batista, Luiz Henrique Reggi Pecora e Paulo Cesar Basta

Mapas: Estevão Senra e Maurice Tomioka Nilsson

Fontes dos mapas: Terra Indígena Yanomami, comunidades, postos de saúde, área degradada pelo garimpo, pistas comunitárias, pistas clandestinas, polos base do Dsei-Y: Instituto Socioambiental (ISA), 2020. Área degradada pelo garimpo de 1984-2007: Maurice Tomioka Nilsson, 2020; Casos de Covid-19 e óbitos: Sesai e Rede de Pró-YY, 2020; Limite internacional e estadual, Hidrografia, Cidades: Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG), 2020.

Pesquisa de imagens: Ana Maria Machado, Cláudio Tavares e Daniel Jabra

Foto da capa: Terra Indígena Yanomami. Lucas Lima/ISA, 2017.

Projeto gráfico, diagramação e infográficos: Bruna Keese e Julia Tranches

Realização:

Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana



Campanha #ForaGarimpoForaCovid



Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana



